



*Ngaino
Marsh*

**O
JOGO DO
ASSASSINO**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TÍTULO

NGAIO MARSH

O JOGO DO ASSASSINO

(A Man Lay Dead - 1934)

Inspetor Roderick Alleyn #01

*Para meu pai
Em memória de minha mãe*

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

O Autor

Série

Resumo

Capítulos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

* * *

A AUTORA

DAME EDITH NGAIO MARSH nascida em Merivale - Nova Zelândia, em 23 de abril de 1895 e falecida em Christchurch - Nova Zelândia em fevereiro de 1982, foi uma escritora e diretora de teatro neozelandesa. Educou-se no St Margaret's College em Christchurch. Posteriormente, estudou pintura na University of Canterbury, antes de se unir a companhia teatral de Allan Wilkie como atriz. A partir de 1928, Marsh dividiu seu tempo vivendo no Reino Unido e na Nova Zelândia. Em 1966, foi nomeada Dama da Ordem do Império Britânico.

Marsh é conhecida internacionalmente pelas suas 32 novelas de detetives, publicadas entre 1934 e 1982. Junto de Agatha Christie, Margery Allingham e Dorothy Sayers, é considerada uma das quatro Rainhas do Crime, as escritoras britânicas que dominaram as novelas policiais durante a era dourada do gênero, durante os anos 1920 e os anos 1960. Suas novelas são protagonizadas pelo inspetor Roderick Alleyn da Scotland Yard, a Polícia Metropolitana de Londres. As novelas de Marsh também incluem vários dos interesses da autora como o teatro e a pintura. Por exemplo, Alleyn se casou com uma pintora, Agatha Troy, a quem conheceu durante uma investigação (ARTISTS IN CRIME) e que aparece em várias das novelas. A maioria das histórias são ambientadas na Inglaterra, com exceção de quatro, que são na Nova Zelândia.

Na Nova Zelândia, Marsh é recordada por seu trabalho no teatro. Em 1942, produziu uma versão moderna de HAMLET para a University of Canterbury Drama Society. Em 1944, a obra, junto a uma produção de OTELO, realizou uma turnê pela Nova Zelândia, a qual foi aclamada pela crítica. Em 1949, com a assistência de Dan O'Connor, realizou uma turnê pela Austrália com esta produção de OTELO e de SEIS PERSONAGENS A PROCURA DE UM AUTOR. Durante os anos 1950, Marsh trabalhou no THE NEW ZEALAND PLAYERS, um projeto que tentava criar uma companhia de teatro nacional.

Marsh nunca se casou nem teve filhos. Em 1965 publicou uma autobiografia intitulada BLACK BEECH & HONEYDEW. Marsh morreu em Christchurch, em 1982, aos 86 anos.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INSPETOR RODERICK ALLEYN

1. 1934; A Man Lay Dead;
2. 1935; *Enter a Murderer;*
3. 1935; *The Nursing Home Murder;*
4. 1936; *Death in Ecstasy;*
5. 1937; *Vintage Murder;*
6. 1938; *Artists in Crime;*
7. 1938; *Death in a White Tie;*
8. 1939; *Overture to Death;*
9. 1940; *Death at the Bar;*
10. 1941; *Surfeit of Lampreys;*
11. 1942; *Death and the Dancing Footman;*
12. 1943; *Colour Scheme;*
13. 1945; *Died in the Wool;*
14. 1947; *Final Curtain;*
15. 1949; *Swing Brother Swing;*
16. 1951; *Opening Night;*
17. 1954; *Spinsters in Jeopardy;*
18. 1955; *Scales of Justice;*
19. 1957; *Off With His Head;*
20. 1959; *Singing in the Shrouds;*
21. 1960; *False Scent;*
22. 1962; *Hand in Glove;*
23. 1964; *Dead Water;*
24. 1967; *Death at the Dolphin;*
25. 1968; *Clutch of Constables;*

26. *1970; When in Rome;*
27. *1972; Tied Up in Tinsel;*
28. *1974; Black As He's Painted;*
29. *1977; Last Ditch;*
30. *1978; Grave Mistake;*
31. *1980; Photo Finish;*
32. *1982; Light Thickens;*

* * *

RESUMO

SIR HUBERT HANDESLEY oferece uma festa e para entreter os convidados inicia um jogo. O jogo parecia divertido e engraçado para algumas beldades e certos diplomatas numa festa da alta sociedade. Mas quando um deles apareceu morto, com uma velha adaga nas costas, uma onda de medo se abateu sobre o sofisticado grupo... E cada um deles passou a imaginar quando o assassino das sombras atacaria de novo! E era exatamente a hora de um dos convidados de Sir Hubert tomar conta da situação, o famoso Inspetor Alleyn da Scotland Yard.

* * *

Um

E LÁ ESTAVAM PRESENTES...

NIGEL BATHGATE, na linguagem de sua coluna social, estava “caindo de curiosidade” sobre seu fim-de-semana em Frantock. Aos 25 anos, tinha ultrapassado aquele excesso de entusiasmo tão característico de jovens adultos. Estava, afinal, a caminho de Frantock, empolgado com a consciência desse fato. A viagem corria em grande estilo! Encostou-se no assento de primeira classe e sorriu para seu primo em frente a ele. Sujeito estranho, o velho Charles. Nunca se podia saber muito bem o que ia atrás daquela sua longa máscara morena. Um cara bonitão, também; as mulheres o adoravam, pensou Nigel, abanando mentalmente a cabeça, ainda o adulavam e cortejavam apesar de estar ele entrando nos anos... 46, 47. Charles Rankin retribuiu o olhar pensativo do jovem primo com um de seus sorrisos de boca torta que sempre faziam Nigel se lembrar de um fauno.

— Não deve estar longe agora, anunciou Rankin. — A próxima estação é a nossa. Você pode ver os primeiros sinais de Frantock lá adiante, à esquerda. Nigel estendeu o olhar pela paisagem, uma colina de retalhos de campos e outeiros, até onde um bosque desfolhado, adormecido em sua solidão própria de inverno, não conseguia esconder de todo a impressão de calor de uma velha construção em tijolos.

— É aquela a casa, mostrou Rankin.

— Quem estará lá? Perguntou Nigel, não pela primeira vez. Ouvira falar muito das “incomparáveis, deliciosas e originais festas” de Sir

Hubert Handesley através de um companheiro jornalista que voltara de uma delas, para dizer a verdade, como um eterno entusiasta. O próprio Charles Rankin, grande conhecedor desse tipo de festas, já recusara vários outros convites, extremamente invejáveis, em favor desses fins-de-semana despreziosos. E agora, como resultado de um jantar no apartamento do velho Charles, aqui estava Nigel em pessoa prestes a ser iniciado no grupo. Então: — Quem estará lá? Perguntou Nigel outra vez.

— O grupo de sempre, creio eu, respondeu Rankin pacientemente, — Com o acréscimo de um tal de Doutor Foma Tokareff, que é, penso eu, um conhecido de Handesley dos tempos na embaixada de Petrogrado. Lá estarão os Wilde, com certeza; devem estar em algum compartimento do trem. Ele é Arthur Wilde, o arqueólogo. Marjorie Wilde é... Muito atraente, em minha opinião. E suponho que também Ângela North. Você a conhece?

— Ela é sobrinha de Sir Hubert, não é? Sim, ela jantou naquela noite em seu apartamento, com ele.

— É isso mesmo. Se bem me lembro, você pareceu se dar muito bem com ela.

— A Srta. Grant estará lá? Perguntou Nigel. Charles Rankin se levantou e vestiu o sobretudo.

— Rosamund? Disse ele. — Sim, estará.

“Que voz extremamente inexpressiva conseguiu o velho Charles.” pensou Nigel com seus botões quando o trem entrou na pequena estação e parou ao longo dela com um prolongado suspiro de vapor.

O ar de montanha pareceu gelado depois do abafamento do trem. Rankin o guiou até uma pequena viela natural, onde encontraram um grupo de três passageiros agasalhados do frio, conversando ruidosamente, enquanto um chofer arrumava toda a bagagem dentro de um Bentley de seis lugares.

— Alô, Rankin, saudou um homem magro, de óculos. — Calculei que você deveria estar no trem.

— Procurei por vocês em Paddington, Arthur, rebateu Rankin. — Vocês todos já conhecem meu primo? Nigel Bathgate... Sra. Wilde... Sr. Wilde. Rosamund, vocês já se conhecem, não é?

Nigel cumprimentou com a cabeça Rosamund Grant, uma mulher alta e morena, cuja beleza exótica e sem par seria difícil de esquecer. Da ilustre Srta. Wilde, não podia ver nada além de dois grandes olhos azuis e a ponta de um narizinho arrebitado. Os olhos lançaram sobre ele um breve olhar avaliador, e uma voz “empostada” num timbre um pouco alto falou de trás de uma imensa gola de pele:

— Como está? Você é parente de Charles? Isso deve lhe abalar os nervos. Charles, você terá de andar. Detesto ser “cozinhada”, nem que seja por cinco minutos.

— Você pode sentar no meu joelho, respondeu Rankin prontamente.

Nigel, olhando para ele, notou o brilho peculiar de seus olhos atrevidos. Ele estava admirando não a Sra. Wilde, mas Rosamund Grant. Era como se tivesse dito a ela: “Estou me divertindo, eu a desafio a me desaprovar”. Ela falou pela primeira vez, sua voz grave contrastando nitidamente com a voz aguda de soprano da Sra. Wilde:

— Aí vem Ângela com sua máquina, anunciou ela. — Logo haverá montes de lugares para todo mundo.

— Que desapontamento! Exclamou Rankin. — Marjorie, estamos derrotados.

— Nada, declarou Arthur Wilde com firmeza, — Poderá me persuadir a voltar naquela coisa com Ângela.

— Nem a mim, concordou Rankin. — Famosos arqueólogos e notáveis escritores não devem flertar com a morte. Deixe-nos ficar onde estamos.

— Posso esperar pela Srta. North? Ofereceu-se Nigel.

— Se o senhor tiver a coragem... Respondeu o chofer.

— Por favor, entre, Marjorie querida, murmurou Arthur Wilde, que estava sentado no assento da frente. — Estou ansioso pelo meu chá com brioques. Sua esposa e Rosamund Grant entraram na parte de trás, e Rankin se sentou entre elas. O carro-esporte de dois lugares parou ao lado.

— Desculpem o atraso, gritou a Srta. Ângela North. — Quem quer apanhar ar fresco, estrada vazia e vento das charnechas e sei lá o que mais?

— Tudo isso nos parece detestável, gritou a Sra. Wilde do Bentley. — Estamos deixando o primo de Charles para você. Abriu os olhos significativamente na direção de Nigel. — É um belo jovem inglês. Bem o seu tipo, Ângela. O Bentley saiu ao longo da ruela. Sentindo-se incapaz de dar uma resposta espirituosa, Nigel se voltou para Ângela North e murmurou um lugar comum qualquer acerca de já terem se encontrado antes.

— Claro que já, ela confirmou. — Acho você muito simpático. Entre depressa e vamos alcançá-los.

Ele se acomodou ao lado dela, e quase no mesmo instante teve sua respiração suspensa pelas ideias muito avançadas da Srta. North a respeito de aceleração.

— Esta é a sua primeira visita a Frantock, observou, enquanto o carro, em grande velocidade, patinava numa curva enlameada da ruela. — Espero que goste. Todos nós achamos as reuniões de tio Hubert muito divertidas... Não sei por que, aliás. Nada demais acontece nelas. Todo mundo fica completamente infantil, de uma maneira geral, e jogos bobos são feitos entre risos e explosões de entusiasmo dos presentes. Desta vez vai ser o Jogo do Assassino. Aqui estão eles! Ela fez com que a buzina disparasse de um modo contínuo, aumentou a velocidade em mais 20 ou 30 quilômetros horários, e passou pelo Bentley como num sonho. — Você já brincou de assassino? Perguntou ela.

— Não, nem de suicida, ainda, mas estou aprendendo, respondeu Nigel com polidez. Ângela deu uma grande gargalhada. “Ela tem o riso de um garotinho”, pensou Nigel.

— Está assustado? Gritou ela. — Na verdade, sou uma motorista prudente. Ela se virou quase que completamente em seu assento para acenar para o Bentley retardatário. — Logo chegaremos, acrescentou.

— Espero que sim, disse Nigel num suspiro.

Um portão de ferro batido passou voando por eles, e o carro mergulhou, acelerado, num bosque cinzento.

— Este bosque é muito agradável no verão, comentou a Srta. North.

— Está muito bonito mesmo agora, murmurou Nigel, fechando os olhos enquanto eles rodavam para uma ponte estreita.

Depois de alguns momentos, entraram num caminho de cascalho numa curva aberta, e pararam com uma freada brusca diante de um convidativo e secular casarão de tijolos. Nigel se safou agradecido do carro e seguiu sua anfitriã casa adentro.

Encontrou-se num hall verdadeiramente magnífico, sombrio pelo cinza esfumaçado de carvalho velho e iluminado pelo calor reconfortante de uma enorme lareira acesa. Um imenso candelabro no teto refletia a luz das chamas e tremeluzia e brilhava com estranha intensidade. Meio imersa na penumbra que já começava a inundar o velho casarão, uma escada larga subia indefinidamente na ponta extrema do hall. Nigel viu que as paredes estavam convencionalmente ornadas de troféus e armas... As insígnias da casa de campo tradicional. Lembrou-se de Charles haver lhe dito que Sir Hubert possuía uma das melhores coleções de armas antigas da Inglaterra.

— Se você não se importa em se servir sozinho e se aquecer perto do fogo, irei acordar o tio Hubert, disse Ângela. — Sua bagagem está no

outro carro, é claro. Eles chegarão num momento. Ela o encarou abertamente e sorriu.

— Espero que eu não tenha desencorajado você... Pelo meu modo de guiar, quero dizer.

— Você fez isso sim... Mas não pelo seu modo de guiar. Nigel ficou perplexo ao ouvir sua própria resposta.

— Isso foi um elogio? Pareceu um de Charles. De algum modo, ele depreendeu que parecer com Charles era um erro.

— Estarei de volta num instante. Prometeu Ângela. — Ali estão os drinques. Ela indicou na direção de uma fila de copos e desapareceu nas sombras.

Nigel preparou um uísque com soda e caminhou até as escadas. Aqui, viu pendurada uma longa tira de couro, com vários entalhes para acomodar uma peçonhenta coleção de lâminas retorcidas com cabos lavrados em arabescos. Nigel tinha estendido a mão para uma adaga malaia curva, quando um súbito risco de luz brilhou na lâmina, fazendo-o se voltar abruptamente. Uma porta à sua direita se abriu. Delineada contra o brilho do aposento mais além, estava uma figura imóvel.

— Perdão, disse uma voz grave, — Não nos conhecemos, creio eu. Permita-me que me apresente. Doutor Foma Tokareff. O senhor se interessa por armas orientais?

Nigel, depois do primeiro sobressalto ante esta interrupção inesperada, se recompôs e se dirigiu ao russo sorridente, que lhe estendia a mão aberta. O jovem jornalista segurou um monte de dedos que permaneceram imóveis por um segundo e que depois, de repente, se fecharam num vigoroso aperto de mão. Inexplicavelmente, se sentiu constrangido e deslocado.

— Desculpe-me... Muito prazer. Não... Bem, sim, interessado, mas receio que muito mal informado, gaguejou Nigel.

— Ah! Exclamou o Dr. Tokareff em sua voz grave. — O senhor aprenderá por compulsão alguma coisa sobre as armas antigas que aqui se encontram. Sir Hubert é uma grande autoridade no assunto e um colecionador entusiasta.

Falava com extrema formalidade, e suas frases, com inflexões de acento curioso, soavam pedantes e irreais. Nigel murmurou qualquer coisa sobre ser muito ignorante nessa matéria, e se sentiu aliviado ao ouvir o motor do Bentley.

Ângela voltou correndo das sombras; no mesmo instante apareceu um mordomo, e em pouco tempo, o hall se encheu de sons com a chegada do resto do grupo. Uma voz animada falou do topo das escadas, e Sir Hubert Handesley desceu para cumprimentar seus convidados. Talvez o segredo das reuniões de Frantock residisse inteiramente no charme do anfitrião. Handesley era um homem singularmente atraente. Rosamund Grant disse uma vez que não era justo que um só indivíduo reunisse em si tantas coisas boas. Ele era alto, e embora cinquentão, ainda conservava um porte atlético. Seu cabelo, todo branco, não sofrerá nenhum abalo com a meia-idade, mas caía, espesso e macio, sobre a cabeça de belo formato. Seus olhos, de um vívido azul especial, brilhavam abaixo das sobrelanceiras bem marcadas; seus lábios eram firmes e bem apertados nos cantos da boca: no conjunto, era um homem quase que bonito demais. Seu cérebro continha as mesmas qualidades estereotipadas de sua aparência física. Um hábil diplomata antes da guerra, e depois dela, um secretário de Estado de um brilhantismo bastante ortodoxo, ainda encontrou tempo para escrever valiosos trabalhos a respeito do assunto de sua grande paixão, os instrumentos bélicos de antigas civilizações e para cultivar seu hobby favorito ele quase o tornou uma ciência, de organizar reuniões divertidas. Foi bem característico dele, depois de um cumprimento geral, se concentrar em Nigel, o menos importante de seus convidados.

— Estou muito satisfeito por você ter podido vir, Bathgate, disse ele. — Ângela me contou que o apanhou na estação. Experiência medonha, não? Charles devia tê-lo prevenido.

— Meu querido, ele estava muito intrépido, bradou a Sra. Wilde. — Ângela o apanhou e jogou dentro de sua sórdida carretazinha, e ele passou voando por nós, com lábios esverdeados e olhos que olhavam desolados a morte. Charles deve ter orgulho de seu parente... Não é, Charles?

— Ele é um autêntico Sahib, concordou Rankin solenemente.

— Vamos mesmo jogar o Jogo do Assassino? Quis saber Rosamund Grant. — Ângela deverá vencê-lo.

— Nós vamos fazer um Jogo do Assassino... Um tipo especial inventado por você, não é, tio Hubert?

— Vou expor os meus planos, declarou Handesley, — Quando todos estiverem com seus coquetéis. As pessoas sempre nos consideram muito mais divertidos depois que lhes damos algo para beber. Você chamou Vassily, Ângela?

— Um jogo de assassinatos? Perguntou o Dr. Tokareff, que estivera examinando uma das facas. A luz da lareira brilhou em seus grandes óculos, e ele pareceu, conforme a Sra. Wilde murmurou para Rankin, muito sinistro... — Um jogo de assassinatos? Deve ser muito divertido. Não conheço este jogo.

— No seu modo mais cru ele está muito popular no momento, comentou Wilde, — Mas tenho certeza que Handesley inventou certas sutilezas que o transformarão por completo. Uma porta à esquerda das escadas se abriu, e através dela passou um velho criado carregando uma coqueteleira. Foi saudado entusiasticamente.

— Vassily Vassilyevitch, começou a Sra. Wilde num anglo-russo da safra da ópera-cômica. — Papaizinho! Seja bondoso o bastante para conferir sobre esta mão indigna uma dose de sua talentosa mistura. Vassily acenou com a cabeça e sorriu genialmente. Abriu a coqueteleira e, com ar de soberba e exagerada concentração, despejou num copo uma mistura amarelo-clara.

— Que acha você disso, Nigel? Perguntou Rankin. — É uma receita do próprio Vassily. Marjorie a chama de Repressão Soviética.

— Não há muita repressão nela, murmurou Arthur Wilde.

Nigel, saboreando cauteloso a sua porção, se sentiu inclinado a concordar. Ficou observando o velho russo se movimentar meticulosa e delicadamente entre os convidados. Ângela lhe contou que Vassily estava a serviço de seu tio desde que ele era um jovem adido em Petersburgo. Os olhos de Nigel o seguiram enquanto ele se movia entre o pequeno grupo de moléculas humanas com quem, se ao menos ele pudesse ter sabido, ele próprio estava prestes a se associar de um modo tão horrível. Viu seu primo, Charles Rankin, sobre quem, pensou ele, na verdade sabia tão pouco. Sentiu uma espécie de elo emocional entre Charles e Rosamund Grant. Ela estava observando Rankin que se curvava agora sobre Marjorie Wilde com um quê de D. Juan em sua pose. “A Sra. Wilde, a bem da verdade, é mais seu tipo do que Rosamund”, pensou Nigel. “Rosamund é intensa demais. Charles gosta de se sentir à vontade.” Voltou-se para Arthur Wilde, que estava conversando gravemente com seu anfitrião. Wilde não tinha a aparência espetacular de Handesley, mas seu rosto fino era interessante e, na opinião de Nigel, atraente para um homem. Havia beleza no formato de sua cabeça e maxilar, e algo de indefinível no desenho de sua boca. Ficou se perguntando como dois tipos tão opostos como este estudante de meia-idade e sua mulher, sempre tão elegante e artificial, podiam ter se atraído um pelo outro. Mais adiante deles, meio escondido nas sombras, estava o doutor russo, a cabeça inclinada para frente, o corpo ereto e imóvel.

— Que achará ele de nós? Indagou Nigel.

— Você está muito taciturno, comentou Ângela a seu lado. — Está reunindo matéria para sua coluna social ou imaginando um esquema para o Jogo do Assassino? Antes que ele pudesse responder, S/V Hubert começou a falar a todos em geral:

— A sineta soará em cinco minutos, anunciou ele, — De modo que se vocês estão se sentindo bastante fortes, eu lhes explicarei os

princípios de minha edição do Jogo do Assassino.
— Companhia... Atenção! Bradou Rankin.

* * *

Dois

A ADAGA

— A ideia é essa, começou Sir Hubert, enquanto Vassily distribuía, com elegância, sua mistura, — Todos vocês conhecem a versão usual do Jogo do Assassino. Uma pessoa é escolhida como o assassino, sua identidade devendo ser desconhecida por todos os participantes do jogo. Eles se espalham e ele aproveita esse momento para soar a campainha ou o gongo. Isto simboliza o “assassinato”. Eles se reúnem e preparam um julgamento, devendo ser uma pessoa designada para promotor. Depois de minuciosa investigação, este último deve tentar descobrir o “assassino”.

— Queira desculpar, por gentileza, interrompeu o Dr. Tokareff. — Para mim ainda é, como vocês dizem, incompreensível. Nunca tive o prazer de entrar num esporte tão divertido até o dia de hoje, por isso, pediria o favor de se fazer mais claro para mim.

— Ele não é uma graça? Comentou a Sra. Wilde, um pouco alto demais.

— Explicarei a minha versão, prosseguiu Sir Hubert, — E creio que tudo ficará bem claro depois. Hoje à noite, no jantar, um de nós receberá de Vassily uma pequena plaqueta vermelha. Eu mesmo não sei sobre quem do grupo recairá sua escolha, mas façamos de conta, para efeito de compreensão, que o Sr. Bathgate seja o escolhido por Vassily para funcionar como o assassino. Ele pegará essa plaqueta vermelha e não dirá nada a ninguém. Terá entre cinco e meia da tarde de amanhã e 11 horas da noite para efetuar seu “assassinato”. Deverá tentar pegar um

de nós sozinho, sem o conhecimento dos demais, e no momento crucial dar um tapinha no ombro desse alguém e dizer: “Você é o cadáver”. Então ele apagará as luzes na chave geral atrás da parede da escada. A vítima deverá cair, no mesmo instante, se fingindo de morta, e o Sr. Bathgate deverá fazer soar aquele gongo assírio atrás do bar e escapulir para o lugar que considerar menos incriminador. Assim que as luzes apagarem e ouvirmos o gongo, deveremos nos conservar onde estivermos, por dois minutos... Vocês podem contar as batidas de seu pulso na falta de relógio. Ao fim de dois minutos, poderemos acender as luzes. Depois de achado o “cadáver”, deveremos nos reunir num tribunal, com o direito, cada um de nós, de interrogar todas as testemunhas. Se o Sr. Bathgate for esperto o bastante, escapará à detenção. Espero que tenha me feito entender razoavelmente.

— Extremamente explícito, declarou o Dr. Tokareff.

— Gostarei imensamente de tomar parte em diversão tão intelectual.

— Na verdade, ele não é nem um pouco pomposo, cochichou Ângela no ouvido de Nigel, — Mas decora quatro páginas do Dicionário Webster todas as manhãs, após um leve desjejum. Você espera que Vassily o escolha para “assassino”? Acrescentou ela em voz alta.

— Deus meu, não! Riu Nigel. — Por uma razão, eu não conheço a situação do terreno. Você não poderia me mostrar os arredores da casa para o caso de ser eu o escolhido?

— Farei isso... Amanhã.

— Promete?

— Juro por tudo quanto é mais sagrado. Rosamund Grant caminhara até o pé da escada. Ela tirou uma adaga longa e levemente curva da tira de couro e a depositou na palma da mão.

— O assassino tem muitas armas para escolher, comentou baixinho.

— Largue essa coisa monstruosa, Rosamund, pediu Marjorie Wilde, com uma nota de terror verdadeiro na voz, — Elas me

aterrorizam... Todas as facas. Não suporto nem sequer ver gente entalhando madeira... Ugh! Rankin riu possessivamente.

— Vou aterrorizar você, Marjorie, avisou ele. — Para dizer a verdade, estou carregando uma adaga no bolso do sobretudo neste exato momento.

— É verdade, Charles? Mas por quê?

Era a primeira vez que Nigel ouvia Rosamund Grant dirigir a palavra a seu primo naquela tarde. Ela permaneceu lá, no primeiro degrau da escada, parecendo uma sacerdotisa moderna de algum culto antigo.

— Ela me foi enviada ontem, explicou Rankin, — Por um patricio seu, Dr. Tokareff, que encontrei na Suíça no ano passado. Eu lhe prestei um grande favor, arranquei-o de uma fenda no gelo, onde ele tinha ficado o bastante para sacrificar dois de seus dedos ulcerados pelo frio e ele me enviou isto, como um presente de agradecimento, suponho eu. Trouxe-a para mostrar a você, Hubert... Calculei que Arthur também iria gostar de dar uma olhada. Nosso famoso arqueólogo, vocês sabem. Vou buscá-la. Deixei o sobretudo lá fora, na varanda.

— Vassily, apanhe o sobretudo do Sr. Rankin, ordenou Sir Hubert.

— Espero que você não pretenda que eu veja isso, preveniu a Sra. Wilde. — Vou me vestir.

No entanto, ela não se moveu. Limitou-se a enfiar a mão dentro do braço do marido. Ele a tratava com uma espécie de cômica brandura que Nigel achava encantadora.

— É verdade, não é, Arthur? Ela pediu auxílio. — Eu não li nenhum de seus livros porque você impregna suas páginas de barbaridades primitivas.

— A reação de Marjorie diante de facas e instrumentos cortantes de qualquer tipo não é rara, afirmou Wilde. — Isto deve ocultar, provavelmente, uma repressão bastante interessante.

— Você quer dizer que secretamente ela é uma sanguinária? Perguntou Ângela, ao que todos riram.

— Bem, vejamos, disse Rankin, tomando seu sobretudo de Vassily e apanhando de um dos bolsos um estojo comprido de prata trabalhada.

Nigel, que estava de pé ao lado do primo, ouviu um ruído fino e sibilante bem atrás dele. Voltou a cabeça involuntariamente. Bem junto de si estava o velho criado, petrificado, os olhos grudados na bainha da arma nas mãos de Rankin. Instintivamente, Nigel relanceou o olhar para o Dr. Tokareff.

Também ele, do lado mais distante da bandeja de coquetel, estava olhando, bastante impassível, para a nova adaga.

— Por Deus! Murmurou Sir Hubert baixinho. Rankin, segurando a bainha, lentamente a foi puxando, fazendo surgir uma lâmina de forma afilada, extraordinariamente fina. Suspendeu a adaga. A lâmina, como uma estalactite, brilhava azul à luz do fogo.

— É bastante afiada, disse Rankin.

— Arthur... Não a toque! Gritou Marjorie Wilde. Mas Arthur Wilde já tinha pegado a adaga, e a estava examinando sob uma lâmpada de parede.

— Isso é muito interessante, murmurou. — Handesley, venha dar uma olhada. Sir Hubert se reuniu a ele e, juntos, curvaram a cabeça sobre o tesouro de Rankin.

— Bem? Perguntou Rankin com cautela.

— Bem, devolveu Wilde, — Seu auxílio a seu amigo, quem quer que seja ele, deve ter sido de valor considerável para merecer tal recompensa, meu caro Charles. A adaga é uma peça de colecionador. É uma antiguidade rara. Handesley e o Dr. Tokareff me corrigirão, caso eu esteja enganado.

Sir Rubert a estava olhando fixamente como se, pela intensidade de seu olhar, pudesse penetrar, através de toda a longa perspectiva de sua história, na mente do artífice que a confeccionara.

— Você está certo, Wilde. De grande antiguidade. Obviamente mongólica. Ah, que beleza, sussurrou. Ele se recompôs em seguida e Nigel imaginou o esforço supremo que ele fazia para suprimir de seu rosto e de sua voz toda a cobiça de um colecionador ardoroso.

— Charles, disse ele baixinho, — Você despertou minha pior paixão. Como ousa!

— Que diz o Dr. Tokareff? Perguntou Rosamund subitamente.

— Devo deferenciar, começou o russo, — Esse saber augusto de Sir H. Handesley... E adicionalmente o do Sr. Wilde. No entanto, devo acrescentar que possuir esta faca não é de modo algum invejável.

Vassily continuava imóvel atrás de Nigel. De algum modo, este último conseguia perceber a concentração veemente do outro. Podia ele entender o inglês pedante de seu patrício?

— Que quer dizer o senhor? Indagou a Sra. Wilde bruscamente. O Dr. Tokareff pareceu ponderar.

— Certamente vocês já leram, disse ele por fim, — A respeito de confrarias secretas russas. No meu país, por muitas eras infelizes, houve tais confrarias. Frequentemente muito estranhas, com representações eróticas e mutilações... Não tão bonitas, vocês entendem. No reinado de Pyotr, o Grande, muitas e muitas houve. Sensacionalistas baratos ingleses fazem menções bobas e sem sentido a esse respeito. Também jornalistas. Perdoe-me, por favor, se dirigindo a Nigel.

— Nem pense nisso, murmurou Nigel.

— Esta faca, continuou o Dr. Tokareff, — É sagrada... Como vocês dizem... Símbolo de uma sociedade... Muito antiga. Fazer oferecimento... Sua voz se tornou áspera de repente, — Não foi ortodoxo. Portanto não é invejável que uma pessoa, embora nobre, possua esta faca fora do bratsvo ou confraria. Vassily, para surpresa de todos, proferiu uma frase ininteligível em russo. — Este camponês concorda comigo, disse o Dr. Tokareff.

— Você pode ir, Vassily, ordenou Sir Hubert.

— O gongo já deveria ter soado há muito tempo, lembrou Vassily, e se apressou a sair.

— Socorro! Exclamou Ângela. — São oito horas! O jantar é daqui a meia hora! Apressem-se todos.

— Estamos em nossos quartos de sempre? Quis saber a Sra. Wilde.

— Sim... Oh, espere um minuto... O Sr. Bathgate não sabe. Por favor, mostre a ele, Arthur. Ele está no pequeno quarto galês e dividirá o banheiro com você, meu anjo. Não se atrase, viu, ou o cozinheiro de tio Hubert se fará lembrar.

— O que Deus nos livre! Exclamou Rankin ardorosamente. — Mais um... Um pequenininho... E já vou. Ele se serviu de uma meia dose do coquetel de Vassily e, sem consultá-la, encheu de novo o copo da Sra. Wilde.

— Charles, você vai me fazer ficar bêbeda, anunciou ela. Por que um certo tipo de mulher pensa que esse comentário é infalivelmente engraçado? — Não espere por mim, Arthur. Eu ocuparei o banheiro de Ângela quando ela sair de lá.

Ângela e Sir Hubert já tinham subido. O Dr. Tokareff estava a caminho, no meio da escada. Arthur Wilde virou o óculos na direção de Nigel.

— Você vem?

— Sim, certamente. Nigel o seguiu pela escada até um patamar fracamente iluminado.

— Este é o nosso quarto, explicou Wilde, apontando para a primeira porta à esquerda. — O quartinho ao lado eu uso como quarto de vestir. Abriu uma porta um pouco mais além. — Pronto... O banheiro fica entre nós dois. Nigel se achou num quartinho encantador, construído em carvalho, mobiliado austeramente com uma ou duas pesadas peças galesas. Na parede à esquerda havia uma porta.

— Ela dá para o nosso banheiro conjunto, disse Wilde, abrindo-a. — Meu quarto de vestir também dá comunicação, como você vê. Pode tomar banho primeiro.

— Que residência agradável!

— Sim. É extraordinariamente perfeita em todos os sentidos. Fica-se muito apegado a Frantock. Espero que seja essa a sua opinião.

— Oh, exclamou o hesitante Nigel. — Eu não sei... Esta é a minha primeira visita... Pode ser que eu não volte outra vez. Wilde sorriu amavelmente.

— Estou certo que sim. Handesley nunca convida alguém, se não tem certeza de que vá querê-lo de novo. Eu devo ir agora e ajudar minha esposa a achar todas as coisas que ela pensa que a empregada esqueceu. Chame-me quando você terminar o banho. Ele saiu pela outra porta do banheiro, e Nigel o ouviu cantarolando baixinho numa voz de tenor fina e jovial.

Ao descobrir que sua velha maleta surrada já tinha sido desfeita, Nigel não levou muito tempo para tomar banho, barbear e se vestir. Lembrou-se de seu minúsculo apartamento no Ebury Street, e pensou que seria muito agradável trocar gêiseres e torneiras de gás por um cozinheiro que não devia fazer esperar, e por água quente constante. Em 15 minutos estava vestido. Ao deixar o quarto, pôde ouvir Wilde, ao lado, ainda no banho.

Nigel desceu correndo as escadas, esperando que a Srta. Ângela North também tivesse descido cedo. Uma porta do outro lado do hall, à direita das escadas, estava aberta. Como o aposento além dela estivesse bem iluminado, ele entrou e se encontrou sozinho num grande salão forrado de verde que acabava numa alcova em forma de L, além da qual havia uma outra sala menor. Parecia ser uma mistura de biblioteca e sala de armas. Tinha o aroma agradável de encadernações de couro, óleo de armas e charutos. Um fogo brilhante queimava na lareira, e os canos lustrosos do arsenal de caça de Sir Hubert falavam a Nigel de todas as aventuras que ele sempre desejara e nunca pudera viver. Estava invejosamente admirando uma Männlicher oito, quando de repente tomou consciência de vozes na sala-de-estar, atrás dele.

Era a Sra. Wilde quem estava falando, e Nigel, horrorizado, compreendeu que ela e seu companheiro tinham entrado depois dele, tinham ficado ali por alguns minutos, que ele tinha se colocado na posição odiosa de um bisbilhoteiro involuntário, e finalmente que, desagradável como fosse para ele, era tarde demais para anunciar sua presença. Muito contrafeito e numa enrascada sem saída, ficou imóvel e ouviu forçosamente.

— ...Então eu afirmo que você não tem direito de me mandar descer desse jeito, ela estava dizendo num rápido sussurro. — Você me trata como se eu estivesse completamente à sua disposição.

— Bem... Você não gosta disso, realmente?

Nigel se sentiu mal, de repente. Era a voz de Charles. Ouviu o rascar de um fósforo, e visualizou o longo rosto de seu primo, com a cabeça inclinada para frente para acender um cigarro. Marjorie Wilde retomou a palavra.

— Mas você é insuportável, meu bom Charles... Querido, por que você me trata tão mal? Você poderia pelo menos...

— Bem, querida? Eu poderia pelo menos... O quê?

— Que há entre você e Rosamund?

— Rosamund é misteriosa. Ela diz que gosta demais de mim para se casar comigo.

— E ainda assim o tempo todo... Comigo... Você... Oh, Charles, você não vê?

— Sim, eu vejo. A voz de Rankin era velada... Meio terna, meio possessiva.

— Eu sou uma tola, sussurrou a Sra. Wilde.

— É mesmo? Sim, é mais uma gatinha. Venha cá. Seu leve murmúrio foi subitamente abafado. Seguiu-se o silêncio, e Nigel se sentiu positivamente indecente. — Muito bem, Madame! Disse Rankin suavemente.

— Você me ama?

— Não. Não muito, minha querida. Mas você é muito atraente. Isso não basta?

— Você ama Rosamund?

— Oh, pelo amor de Deus, Marjorie!

— Eu odeio você, disse ela de repente. — Eu poderia... Eu poderia...

— Fique quieta, Marjorie. Você está fazendo uma cena. Não, não lute. Vou beijar você de novo.

Nigel ouviu um som agudo, e ruído de passos fugindo, e um segundo depois, uma porta bateu.

— Maldição! Exclamou Charles pensativo. Nigel o imaginou acariciando o rosto. Então ele, também, evidentemente, saiu pela porta mais extrema. Quando a porta se abriu, Nigel ouviu vozes no hall mais além.

O soar do gongo encheu a casa de alaridos. Ele saiu da sala de armas para a sala-de-estar. Naquele instante, as luzes de sala-de-estar se apagaram. Um momento mais tarde, ele ouviu a porta da extremidade se abrir e depois fechar, silenciosamente. De pé, completamente imóvel na escuridão inesperada deste estranho lugar, sua mente trabalhava rápida e coerentemente. Marjorie Wilde e Rankin tinham entrado no hall, ele sabia. Obviamente, ninguém mais entrara na sala-de-estar enquanto eles estiveram lá. A única explicação era de que alguém mais já deveria se encontrar na sala-de-estar, escondido na alcova em forma de L, quando ele entrou na sala de armas; alguém que, como ele, tinha ouvido sem querer a cena entre aqueles dois. Seus olhos logo se adaptaram à relativa escuridão. Caminhou com todo o cuidado até a porta, abriu-a e saiu para o hall. Ninguém o notou. Todo o grupo da festa estava reunido em volta de Rankin, que parecia estar finalizando uma de suas histórias costumeiras de antes do jantar. Acobertado por uma explosão de risadas, Nigel se uniu ao grupo.

— Vejam, aqui está ele! Exclamou Sir Hubert. — Todos estão aqui embaixo? Então vamos entrar.

* * *

Três

VOCÊ É O CADÁVER

NINGUÉM acordava muito cedo em Frantock aos domingos. Nigel, descendo para o café da manhã, às nove e meia, se viu sozinho com as salsichas. Mal tinha voltado sua atenção para o Sunday Times quando foi avisado de que havia uma chamada interurbana de Londres para ele. Ouviu a voz de Jamison, seu chefe carrancudo, do outro lado do fio:

— Alô, Bathgate. Desculpe-me por arrancá-lo de seu champanha. Como vão os assentos do poderoso aí.

— Iguais aos assentos de todo mundo, só que não merecem um coice.

— Descortesia nunca teve graça, meu jovem. Olhe aqui, o seu anfitrião não é uma autoridade em Rússia? Bem, um polonês desconhecido foi degolado em Soho, e correm alguns boatos a respeito de uma sociedade secreta no Extremo Oeste. Isso me cheira a falso, mas veja se você pode conseguir dele uma história. Os poloneses são russos, ou são um outro povo? Algo desse tipo. Recomendações minhas ao lacaio da casa. Bom dia. Nigel sorriu e desligou. Depois parou um instante, pensativo.

“Com tudo isso de adagas, mortes e bisbilhoteiros”, ponderou ele, “há uma espécie de sensação latente nessa festa. Tudo muito divertido, mas gostaria que o velho Charles não estivesse desempenhando o papel

de D. Juan.”. Voltou à sala-de-jantar. Dez minutos mais tarde, seu anfitrião se juntou a ele, sugerindo um passeio pelos campos.

— Arthur tem um trabalho a escrever para a Conferência Etnológica Britânica, o Dr. Tokareff passa todas as manhãs aperfeiçoando seu vocabulário e executando outros misteriosos rituais intelectuais, Ângela está de dona-de-casa, e os outros estão tão atrasados que desisti de fazer planos para eles. Logo, se não for aborrecido para você...

Nigel respondeu prontamente que de modo algum lhe seria aborrecido. Saíram juntos. Um sol de inverno, fraco e claro, aquecia as árvores desfolhadas e a grama orvalhada de Frantock. Uma onda súbita da boa vontade para com tudo e todos dominou alegremente Nigel. A sujeita oculta das relações entre Rankin e a Sra. Wilde, incluindo talvez Rosamund Grant, foi esquecida. Fora um ouvinte involuntário ...Bem, e daí? Isso poderia ser esquecido. Num impulso, ele se voltou para seu anfitrião e lhe confessou o quanto estava se divertindo.

— Mas isso é realmente muita vontade sua, disse Handesley. — No que se refere às minhas reuniões, sou tão suscetível a elogios quanto uma mulher. Você deve voltar aqui outra vez caso o jornalismo, um trabalho absolutamente cansativo, bem sei eu, lhe dê algum tempo disponível. Esta pareceu uma ótima oportunidade para Nigel entrar com sua história. Reuniu coragem e falou a Sir Hubert sobre o telefonema recebido da redação.

— Jamison sugeriu que talvez o senhor pudesse me relatar algumas experiências pessoais com essas sociedades, por favor, esqueça, se lhe for um incômodo, mas aparentemente o assassinato desse polonês está sendo atribuído a algum desentendimento interno dentro de uma organização similar em Londres.

— Creio que seja uma possibilidade, ponderou Handesley com cautela. — Mas gostaria de saber bastante mais sobre as circunstâncias em que ocorreram os fatos. Escrevi um pequeno trabalho sobre as “confrarias” russas, ou melhor, sobre certos aspectos do assunto, Deixarei

que você o leia quando voltarmos. Nigel agradeceu, mas lhe fez o apelo jornalístico monótono para que fornecesse “algo um pouco mais pessoal”.

— Bem, disse Handesley, — Dê-me tempo, e eu tentarei- Por que não ataca o Dr. Tokareff? Ele parece estar muito bem informado sobre o assunto.

— Ele não ficaria furioso? Ele é tão... Posso chamar remoto?

— E por esse motivo não há que temer incomodá-lo. Ou ele se sentirá obrigado a entrar numa pomposa dissertação ou se recusará com riqueza de simbolismos. Você nunca sabe, com o russo, se ele está realmente falando de coisas sobre as quais parece estar falando ou se elas meramente representam uma procissão abstrata de ideias. Tente com ele.

— Farei isso, resolveu Nigel, e eles terminaram seu passeio com um silêncio amigável.

Relembrando o caso de Frantock depois de tudo acabado, Nigel sempre se lembrava desse passeio com o episódio perfeito e pacífico de sua visita. No almoço, ele sentiu mais uma vez o tema secundário de dissonância entre Rankin, Rosamund e a Sra. Wilde. Suspeitou, também, de um antagonismo entre Tokareff e Rankin e, sendo bastante sensível ao timbre das relações emocionais, estava mentalmente em ansioso suspense. Depois do almoço cada um deles seguiu seu caminho: Handesley e Tokareff para a biblioteca, a Sra. Wilde e Rankin saíram a passeio, Nigel e Ângela foram explorar a casa, tendo em vista um conhecimento prévio dos arredores, para o Jogo do Assassino e depois foram jogar pingue-pongue no celeiro. Rosamund Grant e Wilde desapareceram, separados ou juntos, Nigel não tinha ideia. Ele e Ângela se divertiram bastante, riram um bocado e, cada um deles deliciado com a companhia do outro, voltaram ao hall a tempo para o chá.

— Bem, anunciou Handesley quando Ângela acabou de servir a última xícara, — São cinco e 25. Às cinco e meia começa o Jogo do Assassino. Até as 11 deverá ter se tornado um fato consumado. Todos vocês conhecem as regras. Na noite passada, Vassily deu uma plaqueta

vermelha a um de nós, que ele escolheu como assassino. Devo lembrar que o “assassino” deve apagar as luzes e fazer soar o gongo, e que vocês não devem demonstrar, por gestos ou palavras, que foram os destacados ou escolhidos por Vassily como ator para o papel do assassino. O “assassino” teve todo um dia para formular seus planos. Bem... É só.

— Muito bem, chefe, falou Rankin com voz arrastada.

— Encontre-me atrás da tapeçaria, caso sua intenção seja sanguinária, falou Wilde cortesmente.

— Alguma pergunta? Indagou Handesley.

— Um discurso tão admiravelmente conciso não dá margem a confusão. Pronto estou eu, como dizem vocês, na qualidade de novato, murmurou o Dr. Tokareff.

— Bem, concluiu Handesley jovialmente, — Desejamos ao assassino muito sucesso.

— Não estou certa, declarou a Sra. Wilde, — De que este jogo não vá se tornar bastante aterrorizador.

— Chamo a isso de emocionante, observou Ângela.

Sir Hubert foi até o gongo e tomou nas mãos o martelo com enchimento de couro. Todos se detiveram a observar o relógio da parede que ficava no canto mais afastado do hall. O ponteiro maior chegou sobre a linha, e o relógio, com suas badaladas, anunciou a meia hora. No mesmo instante, Handesley bateu o gongo.

— O assassinato está em preparação, anunciou ele teatralmente, — E o gongo não deverá soar outra vez até que tenha sido executado... Vamos passar para a sala-de-estar?

Nigel, agradecido de a escolha de Vassily não ter recaído sobre ele, começou a especular a possível identidade do “assassino”, determinado a não ser deixado a sós com nenhum dos membros do grupo, já que sentiu que o papel do “cadáver” seria menos divertido que o de testemunha ou promotor. Na sala-de-estar, a Sra. Wilde provocou uma grande bagunça ao jogar, inesperadamente, uma almofada no, de todos os presentes, Dr. Tokareff. Para assombro e confusão geral, o russo,

depois de ficar sem ação por um breve momento, desenvolveu subitamente uma espécie de peraltice alucinada. Sempre, para os ingleses, há algo de bastante embaraçador num estrangeiro bancando o bobo. O Dr. Tokareff, entretanto, estava completamente desavisado dessa autoconsciência racial.

— Isto não é, exclamou ele alegremente, — Uma indicação do “lute ou morra” britânico? Pelo que sei, quando uma dama inglesa atira uma almofada na cabeça de um cavalheiro, ela está sugerindo um desejo pelo lado esportivo. Dito isto, atirou a almofada sobre a Sra. Wilde com tanta destreza e força, que ela perdeu o equilíbrio por completo e caiu nos braços de Rankin. Com uma das mãos, este último a segurou bem junto a si e com a outra girou a almofada perto da cabeça, atingindo o russo em pleno rosto. Por um segundo, Nigel viu que o rosto do Dr. Tokareff era capaz de exprimir algo bem diferente de uma amabilidade tranquila.

— Cuidado, gritou ele involuntariamente. Mas o doutor recuara com uma leve inclinação e estava sorrindo com as mãos para cima. Houve um silêncio constrangido.

— Estou do lado do Dr. Tokareff, declarou Ângela subitamente, atingindo Rankin perto dos joelhos.

— Eu também, disse Rosamund. — Charles, você gosta do seu rosto esfregado de baixo para cima ou de cima para baixo?

— Vamos aliviar o velho Arthur do peso de suas calças, sugeriu Rankin, saindo sem fôlego da disputa. — Vamos, Nigel... Vamos, Hubert.

“Sempre há algo de errado nas brincadeiras do velho Charles”, pensou Nigel. Mas ele segurou o inconformado Wilde enquanto suas calças eram arrancadas, e se juntou ao coro de risadas quando ele ficou pálido e sem graça, com um carpete agarrado sobre as pernas covardes, apertando os olhos míopes.

— Você espatifou meus óculos, acusou ele.

— Querido! Berrou a Sra. Wilde, — você está com um aparência ridícula demais para ser levado em conta. Charles, que horror que você é para fazer uma coisa dessas ao meu marido!

— Sinto que estou magnífico, ironizou Wilde. — Quem está com minhas calças? Você, Ângela! Meu sangue eduardino congela ao vê-las. Passe-as para cá, menina, ou me tornarei grosseiro.

— Tome, Adônis, disse Rankin, tomando as calças das mãos de Ângela e amarrando-as em volta do pescoço de Wilde. — Puxa, que visão adorável! A imagem perfeita do cavalheiro que lutou duro pela vitória.

— Corra e as vista, meu benzinho, aconselhou a Sra. Wilde, — Ou você vai se desgostar ainda mais. Wilde desapareceu obedientemente.

— A última vez que eu fiz isso com Arthur foi em Eton, se lembrou Rankin. — Deus meu, parece que foi há séculos! E foi até o rádio e o sintonizou numa música de orquestra, própria para dançar.

— Venha, Rosamund, convidou ele, — Vamos dançar.

— Estou com muito calor, se desculpou Rosamund, que estivera conversando com Tokareff.

— Marjorie, chamou Rankin, — Você aguenta me seguir nesse ritmo?

— Rosamund recusou? Muito monótono para você, Charles.

— Desobriguei-o de dançar, rebateu Rosamund. — O Dr. Tokareff está me contando uma história de mil anos de idade, e devo ouvir o final.

— Esta é uma história, começou Tokareff, — De um hospodin... Um nobre... E duas damas. É o que vocês chamam de eterno triângulo... Um tema muito antigo na história da humanidade.

— De tão antigo o senhor não acha que é um pouco aborrecido? Intrometeu-se Rankin.

— Dance, Marjorie, insistiu Ângela.

Sem esperar por seu consentimento, Rankin pôs o braço em torno da Sra. Wilde e, nesse instante, Nigel viu que ela estava transformada. Existem certas mulheres que, quando dançam, expressam uma

profundidade de sentimentos e impulsos que na verdade não possuem. A Sra. Wilde pertencia a esse tipo de mulher. Ele a viu, sob o encantamento daquele ritmo exótico e espalhafatoso, se tornar expressiva e perigosa. Rankin, enlevado e sério, era ao mesmo tempo sua presa e seu mestre. Não desviava seus olhos dos dela, e ela, inamistosa e provocante, devolvia o olhar como se o estivesse insultando. Nigel, Ângela e Handesley pararam de conversar para observar os dois, e Wilde, de volta, ficou parado no umbral da porta. Somente o russo parecia desinteressado. Ele se curvara sobre o rádio e o estava examinando atentamente. Um segundo movimento da música fê-la voltar para o tema original de tango. Os dançarinos tinham se juntado nos primeiros passos para o abraço final, quando um ruído ensurdecido do rádio quebrou a magia.

— Que diabo! Exclamou Rankin com raiva.

— Por favor, me perdoem, se desculpou, calmo, Tokareff. — Evidentemente devo ter me descuidado. Nunca ouvi coisa tão ruim e estridente...

— Espere um momento... Vou tentar sintonizar, se ofereceu Handesley.

— Não, não se incomode... Seria muito estúpido continuar, replicou Rankin de modo indelicado. Ele acendeu um cigarro e se afastou de seu par.

— Charles, disse Handesley baixinho, — Arthur e eu estivemos discutindo a respeito da sua adaga. É realmente muito interessante. Entre em maiores detalhes sobre sua história.

— Tudo o que posso lhe dizer, falou Rankin, — É isto. Arranquei um homem de aspecto selvagem de uma fenda no gelo, na Suíça, ano passado. Eu não falo russo, e ele não falava inglês. Nunca mais o vi, mas aparentemente ele me descobriu, através de meu guia, eu suponho, em meu hotel, e daí, presumivelmente, na Inglaterra. A faca com as palavras “Suíça” (tão prolixo) e “obrigado” só me chegou ontem as mãos. Concluí que viera dele.

— Você quer vendê-la a mim, Charles? Perguntou Sir Hubert. — Eu lhe darei mais dinheiro por ela do que ela vale.

— Não, Hubert, não quero. Mas direi a você o que farei. Eu a deixarei para você. O Nigel aqui receberá todas as minhas propriedades. Nigel! Se eu abotoar o paletó, meu velho, Hubert deverá receber a adaga. Vocês todos são testemunhas.

— Assim será, concordou Nigel.

— Considerando que sou 10 anos mais velho que você, isso não é o que se poderia chamar de belo oferecimento, se queixou Handesley. — Ainda assim, vamos pôr isso no papel.

— Hubert, seu vampiro! Disse Rankin entre risos.

— Hubert, gritou Marjorie Wilde escandalizada, — Como você pode ser tão sanguessuga! Rankin tinha se encaminhado para a escrivania.

— Pronto, seu maníaco, disse ele. — Nigel e Arthur podem testemunhar. Ele escreveu a frase necessária e assinou. Nigel e Wilde testemunharam, e Rankin entregou o papel a Handesley.

— Seria melhor que você a vendesse para mim, insistiu Handesley com frieza.

— Desculpem-me, por favor, interrompeu o Dr. Tokareff — Não creio ter entendido bem.

— Não? A nota de antagonismo se revelou na voz de Rankin. — Eu simplesmente deixo instruções para o caso de eu vestir um terno de madeira...

— Perdão, por favor... Um terno de madeira?

— Oh, raios! Se eu morrer, ou for assassinado, ou sumir de vista, esta faca que o senhor, Dr. Tokareff, considera que não deveria estar em meu poder, deve tornar se propriedade do nosso anfitrião.

— Obrigado, respondeu sereno o Dr. Tokareff.

— O senhor não aprova?

— Niet. Não. No meu firme ponto de vista, essa faca não pertence ao senhor.

— Esta faca me foi presenteada.

— Essa sua indiscrição foi sem dúvida bem castigada, rebateu o russo calmamente.

— Bem, interferiu Handesley, percebendo talvez as pequenas manchas vermelhas de perigo que Rankin tinha na face, — Esperemos que não haja nenhum mal em pendurá-la, por esta noite, na parede da escada. Venham tomar um coquetel. Charles Rankin passou para a sala-de-estar com seu primo. Enfiou seu braço no de Nigel.

— Não é um cavalheiro muito simpático, aquele paspalhão, comentou ele em voz alta.

— Cuidado, ele pode ouvi-lo!

— Estou pouco ligando. Wilde parou no umbral da porta e os deteve.

— Eu não deixaria que isso me preocupasse, Charles, disse ele com sua voz tímida. — Seu ponto de vista tem uma razão de ser. Eu sei alguma coisa a respeito dessas sociedades.

— Oh, diabo, que importa, afinal? Vamos tomar um drinque. Este assassinato tem que ser executado. Nigel lhe deu hum olhar penetrante.

— Não, não, se defendeu Rankin aos risos, — Não por mim... Não quis dizer isso. Por alguém.

— Não vou ser deixada sozinha com ninguém, anunciou a Sra. Wilde.

— Gostaria de saber, conjeturou Handesley, — Se isso é verdade... Ou é um blefe? Ou eu estou blefando?

— Vou levar o meu drinque lá para cima, disse Rosamund. — Espero que ninguém tente me matar enquanto eu estiver no banho, e eu não descerei até ouvir vozes no hall.

— Subirei com você, Rosamund, disseram a Sra. Wilde e Ângela ao mesmo tempo.

— Eu também vou me preparar para o jantar, anunciou o Dr. Tokareff.

— Espere um pouco! Chamou Handesley. — Vou subir. Não vou passar sozinho por aquele corredor.

Ouviu-se um ruído de passos acertados subindo a escada, ficando apenas Nigel, Rankin e Wilde no hall.

— Posso tomar banho primeiro? Perguntou Nigel a Wilde.

— Sim, pode ir, concordou ele. — É bastante seguro que Charles e eu fiquemos juntos. Qualquer um de nós dois que tentasse matar o outro seria acusado por você como a última pessoa a ter visto o cadáver com vida. Irei tomar banho em 10 minutos.

Nigel subiu, deixando os dois homens terminando seus drinques. Tomou um banho rápido e se vestiu sem pressa. O Jogo do Assassino estava bastante divertido. Por alguma razão, ele achou que Vassily tinha dado a plaqueta vermelha a seu compatriota. Nigel resolveu não descer até ouvir a voz do Dr. Tokareff. “Afinal”, pensou, “seria fácilimo para ele me pegar quando eu abrisse a porta, e depois descer como se nada tivesse acontecido, aproveitando esse momento para apagar as luzes, soar o gongo, se esconder na escuridão e ficar quieto por dois minutos, perguntando em voz alta quem havia praticado o crime. Esse não seria um mau plano de ação, por Deus.”. Ouviu a porta do banheiro se abrir, logo depois as torneiras serem abertas, e a voz de Wilde perguntar num grito:

— Você ainda está vivo, Bathgate?

— Ainda, gritou Nigel de volta. — Mas com muito medo de descer.

— Vamos esperar que Marjorie se apronte, sugeriu Wilde, — E desçamos todos juntos. Se você concordar, saberei que você é o assassino.

— Está bem, concordo, respondeu Nigel jovialmente, e ouviu Wilde rir sozinho e passar a sugestão a sua mulher, que ainda devia estar se vestindo no quarto mais além.

Nigel caminhou até a mesinha de cabeceira e apanhou o livro que estivera lendo na noite anterior. Era o Suspense de Joseph Conrad. Mal o tinha aberto quando ouviu uma batidinha na porta.

— Entre, gritou Nigel. Uma linda criada, um pouco perturbada, surgiu.

— Oh, por favor, senhor, começou ela, — Receio ter esquecido sua água de barbear.

— Não tem importância .Nigel a tranquilizou. — Eu consegui com... De repente o quarto mergulhou na mais completa escuridão.

Ele estava de pé, no escuro, com o livro invisível na mão, quando a voz do gongo, primitiva e ameaçadora, se espalhou por toda a casa silenciosa. Um clamor insuportável encheu o quarto e foi morrendo depois, pouco a pouco. Logo voltou o silêncio, apenas quebrado pelo escorrer incessante de água, no banheiro ao lado. Então a voz de Wilde exclamou excitada:

— Ora... Que é isso...

— Deu pra arrepiar, não é, lhe gritou Nigel. — E os dois minutos? Espere um pouco. Eu tenho um relógio luminoso. Marcarei o tempo para nós dois.

— Sim, mas olhe aqui: eu tenho de ficar aqui no banho, quis saber Wilde queixoso, ou você acha que eu posso sair e me secar?

— Desligue a tomada da água e procure uma toalha. Você deixou Charles lá embaixo?

— Deixei. Cheio de queixas a Tokareff. Diga-me, você acha... A voz de Wilde foi abafada. Evidentemente, tinha achado a toalha.

— Tempo! Avisou Nigel. — Vou sair.

— Acenda as luzes, pelo amor de Deus, reclamou Wilde. — Vou perder o melhor da festa se não achar minhas calças. A voz de sua mulher gritou excitada do outro quarto mais distante.

— Arthur, espere por mim!

— Eu espero por você... Começou Wilde com voz magoada.

Nigel riscou um fósforo e caminhou para a porta. O lado de fora do quarto estava um breu, mas um pouco mais atrás, no corredor, ele pôde ver pequenas luzes de fósforo e a incerteza dramática dos rostos,

com a pouca luz os iluminando de cima para baixo. Lá embaixo, no hall, continuava o crepitar reconfortante da lareira. A casa era toda movimento, com as vozes dos convidados gritando, rindo, conjeturando. Acendendo um fósforo, ele desceu a escada às cegas; o fósforo se queimou, mas a luz da lareira permitiu que ele contornasse o pé da escada e encontrasse a chave geral. Hesitou por um segundo. Inexplicavelmente, não queria eliminar a escuridão. Enquanto permanecia parado com a mão na chave, o tempo parecia ter parado. Das escadas a voz de Handesley gritou:

— Alguém encontrou a chave?

— Estou aqui, respondeu Nigel, e sua mão a baixou.

A luz súbita do candelabro foi ofuscante. Nas escadas, Wilde, sua mulher, Tokareff, Handesley e Ângela, todos recuaram ante o impacto da luminosidade. Em frente a ele estava a bandeja de coquetel e, atrás dele, o grande gongo assírio. Um homem jazia sobre o rosto ao longo da mesa, perpendicular ao gongo. Nigel, ainda piscando, se voltou na direção dos demais.

— Muito bem, disse ele, perscrutando-os com a mão em concha sobre os olhos. — Muito bem, vejam... Aqui está ele.

— É Charles, exclamou a Sra. Wilde num gritinho.

— Pobre Charles! Comentou Handesley em tom alegre. Todos se empurravam e gritavam. Só Rankin não se movia.

— Não o toquem... Ninguém o toque, ordenou Ângela, — Vocês não devem tocar o corpo, entenderam?

— Um momento, por favor. O Dr. Tokareff a afastou gentilmente. Desceu as escadas, olhou para Nigel que estava petrificado, olhando para o primo, e se curvou lentamente.

— Esta jovem fala com sabedoria, disse o Dr. Tokareff.

— Sem dúvida, não devemos tocá-lo.

— Charles, berrou a Sra. Wilde subitamente. — Deus meu, Charles!... Charles!

Mas Rankin jazia em pesado silêncio e, tendo seus olhos se acostumado à luz, todos viram o cabo de sua adaga russa ressaltando de sua omoplata como um chifre.

* * *

Quatro

SEGUNDA-FEIRA

O DETETIVE-CHEFE, Inspetor Alleyn, foi abordado pelo inspetor Boys no corredor externo de seu gabinete.

— Que há com você? Indagou o Inspetor Boys. — Alguém lhe arranjou um caso?

— Você adivinhou o meu segredo infantil. Tenho um assassinato a desvendar... Não sou um detetivezinho de sorte?

Ele caminhou apressado para o corredor central, onde encontrou o Sargento Bailey, que carregava uma aparelhagem para tirar impressões digitais e o Sargento Smith, que segurava uma câmara. Um carro os esperava e, em duas horas, já se encontravam no hall do casarão de Frantock. P. C. Bunce, da polícia local, avaliou o inspetor cautelosamente.

— Um negócio que cheira a podre, senhor, comentou ele deleitado. — O superintendente apanhou uma gripe muito forte e não há ninguém para tratar do caso, a não ser o sargento, por isso ligamos para a Yard imediatamente. Este é o Dr. Young, o médico da região, que fez o exame. Um homem pálido, da cor de areia, dera um passo à frente.

— Bom dia, saudou o Inspetor Alleyn. — Não há dúvidas quanto ao veredicto médico, suponho eu.

— Nenhuma, lamento dizer, afirmou o médico, cuja pronúncia tinha um leve acento escocês. — Vim logo após a descoberta do corpo. Ele tinha morrido há meia hora. Não há possibilidade de ter sido suicídio. O superintendente daqui está com um forte ataque de gripe e realmente sem condições de fazer coisa alguma. Dei instruções severas para que ele não fosse incomodado com o caso. Tendo em vista as circunstâncias de caráter extraordinário, e também a posição de Sir Hubert, a chefatura local decidiu chamar a Scotland Yard. O Dr. Young parou de falar de repente, como se alguém lhe tivesse arrancado a voz. Então produziu um som profundo e desagradável na garganta, um ruído que soava como: — Kaahoom.

— E o corpo? Quis saber o Inspetor Alleyn. O policial e o médico começaram a falar ao mesmo tempo.

— Desculpe, doutor, disse P. C. Bunce.

— Foi removido, explicou o médico, — Já tinha sido muito tocado. Não vi nenhuma vantagem em deixá-lo aqui... No hall... A situação era muito difícil.

— Muito tocado? Por quem? Mas me conte toda a história. Podemos sentar, Dr. Young? Eu, na verdade, nada sei sobre o caso. Eles se sentaram diante da grande lareira onde, há apenas 12 horas, Rankin se aquecera enquanto contava uma de suas histórias de antes do jantar.

— O nome da vítima, começou o Dr. Young em tom profissional, — Era Rankin. Fazia parte do grupo de cinco convidados passando o fim-de-semana com Sir Hubert Handesley e sua sobrinha. Estiveram jogando um desses jogos novos chamado... Fez um momento de pausa, — Chamado “Jogo do Assassino”. O senhor deve ter ouvido falar dele.

— Eu não o pratico, disse o Inspetor Alleyn. — Não sou muito versado em fins-de-semana de gente grã-fina. Mas penso que sei o que o senhor quer dizer. Bem?

— Bem, eu entendi que eles estavam se preparando para jantar, o senhor saberá de todos os detalhes através dos convidados, é claro. Quando o sinal combinado soou, e ao descer para o andar térreo encontraram não um morto simulado, mas uma vítima real.

— Onde ele estava caído?

— Ali. O doutor atravessou o hall, e o Inspetor Alleyn o seguiu. O assoalho em frente ao gongo fora lavado recentemente e cheirava a desinfetante.

— De bruços?

— A princípio, sim, mas como eu digo, o corpo foi mexido. Uma adaga russo-chinesa, de sua propriedade, foi enfiada entre seus ombros de tal maneira, que lhe perfurou o coração. Morte instantânea.

— Compreendo. Não adianta fazer um cavalo de batalha sobre o fato de terem removido o corpo e lavado o assoalho... Agora. O mal está feito. O senhor nunca deveria ter permitido tal coisa, Dr. Young. Nunca, não importa o quanto tivesse mudado a posição original. O Dr. Young parecia bastante constrangido.

— Lamento realmente. Sir Hubert estava muito aflito... Foi muito, muito difícil. O corpo fora movido a uma distância considerável.

— O senhor acha que eu posso dar uma palavrinha a Sir Hubert, disse Alleyn, — Quero dizer, antes de prosseguirmos?

— O senhor poderá daqui a pouco, estou certo. Ele está muito chocado, naturalmente, e eu sugeri que ele tentasse descansar por algumas horas. Sua sobrinha, a Srta. Ângela North, está esperando pelo senhor e encarregada de avisá-lo de sua chegada. Irei buscá-la.

— Obrigado. A propósito, onde está o resto do grupo?

— Foram avisados para não deixarem a casa, disse o Sr. Bunce competentemente. — E além disso foram afastados do hall e da sala-de-estar e orientados para frequentar somente a biblioteca. A não ser pelo assoalho lavado, nada foi tocado, senhor, nada. E a sala-de-estar foi mantida intacta, também... Apenas por medida de precaução.

— Excelente. Não são formidáveis nossos policiais? E então eles estão... Onde?

— Uma das senhoras está repousando e o resto do grupo, na biblioteca, ele ergueu o polegar sobre o ombro, — Tentando esclarecer o mistério.

— Isso seria muito interessante, comentou o inspetor, sem uma ponta de ironia em sua voz agradável. — Se o senhor puder trazer a Srta. North, Dr. Young. O médico subiu correndo as escadas e a Lei tomou

conta da situação. O Inspetor Alleyn manteve um breve colóquio com seus dois subordinados.

— Se realmente não houve nenhuma interferência, deve haver alguma coisa para você aqui, Bailey, disse ele para o perito em impressões digitais. — Pelas informações recebidas, vamos precisar das impressões de todas as pessoas da casa. Enquanto eu vejo o pessoal, vocês executam esse serviço. E você, Sargento Smith, tire uma foto do lugar onde o corpo foi encontrado, e fotografe também o próprio cadáver, é claro.

— Certamente, senhor. P. C. Bunce ouvia apreciativamente.

— O senhor já lidou com um caso desse tipo antes? Perguntou-lhe o inspetor distraidamente.

— Nunca, senhor. Pequenos furtos é o máximo que acontece por estas bandas, além de multas por alta velocidade e uma colisão de um aviãozinho três anos atrás. Um pouco de publicidade para a aldeia, se analisarmos pelo lado bom. Temos um repórter especial no local, também.

— Ora! Que quer dizer o senhor?

— Um tal de Sr. Bathgate, do Clarion. Ele está hospedado aqui, senhor.

— Uma sorte fora do normal, comentou o Inspetor Alleyn secamente.

— Sim, senhor. Aqui está ela.

Ângela desceu com o doutor e Nigel. Estava extremamente pálida e ostentava a dignidade patética dos muito jovens quando enfrentam a tragédia com coragem. O Inspetor Alleyn foi encontrá-la no pé da escada.

— Desculpe-me por ter de incomodá-la assim, começou ele, — Mas pelo que me disse o Dr. Young...

— Em absoluto, se apressou a dizer Ângela. — Esperávamos pelo senhor. Este é o Sr. Bathgate que nos tem sido muito útil, telegrafando e nos ajudando.

Nigel o cumprimentou. Desde que vira Charles caído, vazio, inexpressivo, remotamente gelado a seus pés, não pôde sentir nem tristeza nem horror... Nem sequer pena; e ainda assim achava que gostara muito do primo.

— Sinto muito; Disse o Inspetor Alleyn. — Deve ter sido um grande sofrimento para o senhor. Podemos ir falar em algum lugar?

— Não há ninguém na sala-de-estar, sugeriu Ângela. — Podemos ir até lá?

Eles se sentaram na sala-de-estar onde Charles Rankin dançara um tango com a Sra. Wilde na tarde do dia anterior. Ângela e Nigel tornaram a contar ao inspetor a história do Jogo do Assassino.

Ângela teve tempo de lançar um longo olhar ao primeiro detetive de sua vida. Alleyn não parecia um oficial uniformizado, ela sentiu isso, nem tinha uma aparência romântica: rosto pálido e olhos penetrantes. Parecia mais um dos amigos de seu tio Hubert, do tipo que sabiam que “serviam” para reuniões em sua casa. Era muito alto e magro; cabelo escuro; olhos, caídos nos cantos, acinzentados. Seus olhos pareciam querer sorrir sempre, mas a boca não os acompanhava. “Suas mãos e sua voz são muito bonitas”, pensou Ângela e, subconscientemente, se sentiu menos infeliz. Ângela disse a Nigel mais tarde que tinha aprovado o Inspetor Alleyn. Ele a tratou sem qualquer demonstração de interesse pessoal, uma atitude que poderia ter ofendido esta jovem moderna em outras circunstâncias menos trágicas. Do modo que eram as coisas, estava satisfeita com o seu desinteresse. O pequeno Dr. Young se sentou e se pôs a ouvir, repetindo de quando em vez aquela sua exclamação consolatória e desarticulada. Alleyn tomou algumas notas em seu caderninho.

— O jogo de salão, dizem vocês, murmurou, — Tinha um prazo-limite de cinco horas e meia. Isso quer dizer que começou às cinco e

meia e deveria ter terminado antes das 11; terminado com o julgamento simulado. O corpo foi encontrado às seis para as oito. O Dr. Young chegou uns 30 minutos mais tarde. Permitam-me deixar isto claro: tenho uma péssima memória. Diante dessa declaração pouco ortodoxa e pouco convincente, o Dr. Young e Ângela tiveram um sobressalto. — E agora, por favor, pediu o inspetor, — Eu gostaria de ver as outras pessoas da casa! Uma por uma, entendem? Enquanto isso, o Dr. Young pode me levar até o estúdio. Talvez o senhor e a Srta. North possam averiguar se Sir Hubert está pronto para me receber.

— Certamente, se prontificou Ângela. Então, voltando-se para Nigel: — Depois, você espera por mim?

— Espero por você, Ângela, assegurou Nigel.

No estúdio, o Inspetor Alleyn se curvou sobre o pesado silêncio do corpo de Rankin. Examinou-o por uns dois minutos, seus lábios bem apertados, com uma espécie de descontentamento expresso nos cantos da boca, e ainda nas narinas e nos olhos. Abaixou-se mais e, virando o cadáver, examinou de perto, sem tocar, a adaga que tinha sido deixada lá, ainda como prova eloquente do gesto que a fizera atravessar os ossos e músculos de Rankin até seu coração.

— Sua presença me pode ser de grande ajuda, afirmou Alleyn. — O golpe, certamente, veio de cima. Ótimo, não acha? A ponta se cravou no corpo, como o senhor vê aqui. Sem dúvida foi um trabalho de perito. O doutorzinho, que fora muito punido pela reprimenda oficial com respeito à remoção do corpo, agarrou esta chance de se reabilitar.

— Sou levado a reconhecer uma força estupenda e um conhecimento considerável de Anatomia, pelo que tudo indica. A lâmina entrou no corpo à direita da omoplata esquerda, entre a terceira e quarta costelas, evitando a espinha e a margem vertebral da omoplata. Do jeito que está, forma um ângulo agudo e a ponta penetrou no coração.

— Sim, imaginei que havia acontecido isso, redarguiu Alleyn candidamente, — Mas isso não poderia ter sido devido a... Vamos dizer,

sorte? Seria possível?

— Possível, respondeu o médico resolutivo. — Mas creio que não! Uma sombra de sorriso bailou nos olhos de Alleyn.

— Vamos, Dr. Young, ele instigou calmamente, — O senhor tem suas ideias próprias, vejo eu. Quais são elas? O doutorzinho baixou os olhos para seu pequeno nariz, e uma onda de suave desafio endureceu seu rosto sossegado.

— Eu compreendo, é claro, que sob circunstâncias tão graves, deve se colocar um freio na própria língua, disse ele, — No entanto, talvez num segredo de confessionário, como foi...

— Todo detetive, comentou Alleyn, — Tem que assumir um pouco da atitude de um padre. Que seja um segredo de confessionário, Dr. Young.

— Só tenho isto a dizer: antes de eu chegar na noite passada, o corpo tinha sido desvirado e... E... Lavado por um cavalheiro russo que aparenta ser um médico. Isto apesar do fato, e aqui a pronúncia do Dr. Young pareceu ainda mais escocesa, — De ter sido eu chamado imediatamente após a descoberta. Possivelmente, na Rússia Soviética, os melhores aspectos da rotina profissional não são levados em consideração. O inspetor Alleyn olhou para ele.

— Um conhecimento considerável de Anatomia, disse o senhor, murmurou vagamente. — Ah, bem, nós devemos ver o que devemos ver. Que coisa extraordinária, prosseguiu, soltando Rankin delicadamente, — Seu rosto está inescrutável. Se algo pudesse ser lido nele. Gostaria de ver Sir Hubert agora, se fosse possível.

— Vou verificar, respondeu o Dr. Young com formalidade, e deixou Rankin e Alleyn sozinhos no estúdio.

Handesley já esperava no hall. Nigel e Ângela estavam com ele. Nigel estava talvez mais chocado com a mudança de seu anfitrião e mais ligado a isso do que a qualquer outra coisa que acontecera desde a morte de Rankin. Handesley estava lívido. Suas mãos tremiam e ele se movia numa espécie de hesitação controlada. Alleyn entrou no hall e foi

apresentado formalmente pelo pequeno Dr. Young, que parecia estar um pouco desorientado pela voz marcadamente oxfordiana do inspetor.

— Sinto tê-lo feito esperar, se desculpou Handesley. — Estou pronto para responder a qualquer pergunta que o senhor me faça.

— Há muito poucas no momento, redarguiu Alleyn. — A Srta. North e o Sr. Bathgate me fizeram um claro relato do que aconteceu desde ontem à tarde. O senhor acha que poderíamos passar para um outro aposento?

— A sala-de-estar é logo aqui, respondeu Handesley. — O senhor quer nos ver um de cada vez lá?

— Isso seria esplêndido, concordou Alleyn.

— Os outros estão na biblioteca, disse Nigel. Handesley se voltou para o detetive. — Então podemos ir para a sala-de-estar?

— Acho que posso lhe fazer as poucas perguntas que quero agora mesmo. Os outros podem entrar ali depois. Pelo que sei, Sir Hubert, o Sr. Rankin era um velho amigo seu?

— Eu o conheci toda a sua vida... Simplesmente não posso aceitar... Esta pavorosa tragédia. É inacreditável. Nós... Nós todos o conhecíamos tão bem. Deve ter sido alguém de fora. Deve ter sido.

— Quantos criados o senhor mantém aqui? Gostaria de vê-los mais tarde. Mas, enquanto isso, se eu pudesse ter os seus nomes...

— Sim, é claro. É imperativo que todos possam... Possam prestar contas de seus atos. Mas meus empregados! Eu os tenho em casa há muitos anos, todos eles. Não posso pensar em nenhum motivo possível.

— O motivo não vai ser um desses que lhe dão um soco no queixo. Se o senhor puder me fornecer a lista...

— Meu mordomo é um russo. É meu empregado há 20 anos, desde que estive em Petersburgo.

— Ele se dava bem com o Sr. Rankin?

— Muito bem. Rankin me visitava regularmente há muitos anos e sempre estive em ótimos termos com meus empregados.

— Disseram-me que a adaga é de origem russa.

— Sua história é russa, mas a origem é mongólica, explicou Sir Hubert. Ele contou em poucas palavras a história da faca.

— Hum, fez Alleyn. — Esfaqueia um russo e usa uma faca mongólica. Seu criado viu esta delicada peça de museu?

— Sim. Deve tê-la visto. Agora que estou pensando no assunto, me lembro que ele estava no hall quando Rankin a mostrou pela primeira vez.

— Ele fez algum comentário a respeito?

— Vassily? Não. Handesley hesitou e se voltou para Nigel e Ângela. — Espere um momento, aliás. Ele não disse qualquer coisa quando Tokareff contava a respeito da faca e de sua associação a um bratsvo?

— Acho que sim, falou Nigel lentamente. — Ele fez um comentário em russo. O Dr. Tokareff declarou: “Este camponês concorda comigo” e o senhor disse a Vassily que ele podia ir.

— Foi isso mesmo, corroborou Ângela.

— Entendo. Estranha coincidência que a faca, seu mordomo e seu hóspede sejam todos da mesma nacionalidade.

— Não muito estranho, respondeu Ângela. — Tio Hubert sempre teve grande interesse pela Rússia, principalmente desde a guerra. Charles conhecia bem sua coleção de armas e trouxe essa coisa horrível especialmente para que o tio Hubert a visse.

— Sim. A adaga é interessante do ponto de vista do colecionador? Handesley estremeceu e olhou para Ângela:

— Ela me interessou enormemente, confessou ele. — Eu me ofereci para comprá-la.

— E mesmo? O Sr. Rankin quis vendê-la? Houve uma pausa constrangida. Nigel vasculhou desesperadamente em seu pensamento algo para dizer. De repente, Ângela rompeu o silêncio.

— Você está muito cansado, tio Hubert, disse ela de modo gentil, — Deixe que eu conto para o Sr. Alleyn.

Sem esperar por resposta, ela se virou para o detetive.

— Charles Rankin, de brincadeira, escreveu uma declaração na noite passada, que afirmava que a faca seria deixada como herança para o meu tio. O Sr. Bathgate, aqui presente, e o Sr. Arthur Wilde, outro convidado, assinaram o papel. Foi tudo uma piada. Alleyn, sem qualquer comentário, transcreveu isso em seu livro de notas.

— Talvez eu possa ver este papel mais tarde, disse ele, — E agora, quanto aos outros empregados.

— Todos ingleses, esclareceu Ângela, — A não ser o cozinheiro, que é francês. Há três empregadas, duas arrumadeiras e uma mocinha londrina que ajuda na cozinha e na arrumação da casa, um outro que serve na copa e que, quando temos grandes recepções, serve de lacaio e ajuda Vassily, uma cozinheira e um rapazinho para pequenos serviços.

— Obrigado, Sr. Bathgate, o senhor, pelo que sei, é primo do Sr. Rankin. Que o senhor soubesse, ele tinha inimigos? Sei que esta pergunta soa meio infantil, mas acho que devo fazê-la ao senhor.

— Que eu soubesse, respondeu Nigel, — Nenhum. Obviamente ele tinha um.

— Alguém se beneficiaria com sua morte?

— Beneficiaria? A voz de Nigel soou irritada de repente. — Meu Deus, sim. Eu sou o beneficiado. Creio que ele me deixou a maior parte de suas propriedades. É melhor que o senhor me prenda, inspetor... Eu o matei por causa do dinheiro dele.

— Meu bom jovem, respondeu Alleyn com azedume, — Por favor, não me perturbe com declarações espantosas dessa natureza. É incredivelmente tolo de sua parte. Eis duas testemunhas para a sua encenação. Acalme-se e me deixe prosseguir no meu trabalho. Já é bastante difícil do jeito que é, só Deus sabe. Esta reprimenda inesperada teve um efeito benéfico sobre Nigel. Por um segundo ele o tirou de seu pesadelo de reações de choque.

— Sinto muito, se desculpou. — Na verdade, não quero que me ponham em algemas.

— Era isso que eu esperava. Agora vá depressa chamar o resto dos convidados. Creio que o policial local me falou qualquer coisa a respeito

da biblioteca. Mande-os um a um à sala-de-estar; e, Srta. North, a senhorita pode me chamar os criados?

— A Sra. Wilde, preveniu Ângela, — Estava repousando até bem pouco. Ela está muito transtornada.

— Sinto muito, mas gostaria que todos estivessem presentes.

— Muito bem, eu direi a ela. Ângela subiu para o segundo andar.

Tendo sido iniciado o interrogatório de Arthur Wilde, Nigel foi esperar no jardim, juntamente com Sir Hubert. Aparentemente, as entrevistas do detetive foram muito curtas, pois Nigel só tinha fumado dois cigarros quando o Sr. Bunce veio com a mensagem de que o inspetor-chefe estava às ordens de Sir Hubert. Eles entraram e se juntaram a Alleyn. Handesley os guiou pelo hall, onde o Sr. Bunce ainda montava guarda, até a grande biblioteca que ficava atrás da sala-de-estar e da pequena sala de armas. À porta, ele parou e olhou objetivamente para o inspetor.

— Vi, por suas credenciais, disse ele cortesmente, — Que seu nome é Roderick Alleyn. Estive em Oxford com um homem muito brilhante que tinha este sobrenome. Seu parente, talvez?

— Talvez, respondeu o inspetor polida, mas laconicamente.

Deu um passo atrás para deixar que Nigel abrisse a porta da biblioteca, e eles entraram. Todos, à exceção de Marjorie Wilde, já se achavam reunidos ali. A voz retumbante de Tokareff pôde ser ouvida quando a porta se abriu e, ao entrarem, eles o viram de pé diante da lareira, de óculos, sério e notadamente verboso. Rosamund Grant, mortalmente pálida, estava sentada no canto mais distante da sala, impecável e recolhida. Arthur Wilde, com um ar de atenção forçada, parecia, duvidosamente, estar ouvindo a dissertação do russo. O Dr. Young estava lidando com a janela em sacada.

— ... De modo que tomar uma vida, sob meu inabalável ponto de vista, não é um crime tão grande como viver uma vida falsa, bradava

Tokareff. — Este é um crime ainda mais mortal... Ele se interrompeu subitamente quando Handesley e Alleyn, seguidos de Nigel e Ângela, vieram em sua direção.

— O Inspetor Alleyn, declarou Handesley, — Deseja nos falar por um momento.

— Eu já fui entrevistado., disse Tokareff. — A caçada já deve começar. Desculpe-me, por favor, mas eu devo me fazer claro e dizer...

— Todos vocês podem se sentar em volta desta mesa, por favor? Solicitou Alleyn, atalhando incisivamente o clamor da verbosidade de Tokareff. Todos se dirigiram para a longa mesa perto das janelas e se sentaram em volta dela, tomando Alleyn a cabeceira.

— Eu só tenho isto a dizer, começou ele serenamente. — Um homem foi morto nesta casa às cinco para as oito de ontem à noite. Há uma possibilidade, mas somente uma possibilidade, de que o crime tenha sido executado por alguém de fora. Até que este inquérito termine, receio que ninguém possa deixar Frantock. Todos os senhores deverão, por favor, permanecer nesta casa ou nos terrenos dela. Se algum dos senhores quiser sair daqui, me avise. E se a razão for urgente, eu providenciarei uma escolta adequada. Os senhores terão livre acesso ao hall e à sala-de-estar, uma hora depois deste nosso pequeno bate-papo. Durante esta hora, devo lhes pedir para que me permitam vistoriar esses aposentos. Houve um silêncio embaraçoso. Então Rosamund Grant tomou a palavra.

— Por quanto tempo vigorarão essas restrições? Perguntou. Sua voz equilibrada e inexpressiva fez Nigel se lembrar repentina e surpreendentemente de Rankin.

— O inquérito judicial terá lugar na terça-feira, esclareceu Alleyn. — Até então, diante dos fatos, devo lhes pedir para ficarem onde estão.

— Isto é absolutamente necessário? Indagou Handesley. — Estou, ansioso, é lógico, para que qualquer esforço seja feito no sentido de solucionar o caso, mas compreendo que alguns de meus hóspedes, a Sra. Wilde, por exemplo, estão naturalmente desejosos de se livrar das associações desagradáveis que minha casa desperta. Um estranho tom de

protesto em sua voz despertou de repente em Nigel uma enorme piedade.

— Sir Hubert, se apressou ele a responder, — A situação é mais difícil para o senhor do que para qualquer um de nós. Se tivermos de ficar, temos e pronto, mas estou certo de que todos nós tentaremos ser o mínimo de transtorno e o máximo de ajuda que pudermos. Sob tais circunstâncias, todas considerações de ordem pessoal devem ir às favas. Receio não ter sido eloquente, mas...

— Eu concordo inteiramente, interrompeu Wilde. — É inconveniente, mas conveniência não conta muito numa hora dessas. Minha esposa, estou certo, compreenderá isso. Como se em resposta a esta afirmação, a porta se abriu e Marjorie Wilde entrou.

A disposição dos lugares, a tensão do momento e sua chegada tardia deram um pouco da impressão de uma entrada teatral. Não havia, no entanto, muito de teatral na aparência da Sra. Wilde. Ela entrou discretamente, sua maquilagem muito mais leve que de costume, e suas roupas, conforme Nigel se apanhou pensando, davam uma ideia de luto.

— Sinto muitíssimo tê-los feito esperar, murmurou. — Por favor, não se levantem. Seu marido lhe puxou uma cadeira e por fim estavam todos sentados à mesa.

— Bem, continuou Alleyn, — Creio ter entendido os princípios gerais e a história desse jogo que terminou de um modo tão estranho e tão trágico. No entanto, ainda não compreendi bem o que teria acontecido se um falso morto, ao invés de uma vítima real, tivesse sido encontrado...

— Mas me perdoe, começou a dizer Tokareff, — Isto é, como dizem vocês, pertinente ao caso?

— Perfeitamente, caso contrário eu não perguntaria. Que teriam feito os senhores no decorrer natural do jogo? Ele se voltou para Wilde.

— Nós deveríamos, respondeu Wilde, — Nos ter reunido imediatamente e encenado um julgamento, com um “juiz” e um “promotor”, cada um de nós tendo o direito de nos interrogar

mutuamente. Nosso objetivo teria sido o de descobrir o “assassino”, o membro do grupo para quem Vassily tivesse dado a plaqueta vermelha.

— Obrigado... Sim, estou compreendendo. E os senhores fizeram isso?

— Pelo amor de Deus, inspetor, rebateu Nigel com violência. — Por quem nos toma?

— Ele toma um de nós como criminoso, respondeu Rosamund lentamente.

— Acho que o Jogo do Assassino deveria prosseguir, continuou Alleyn. — Proponho que encenemos um julgamento conforme estava planejado. Eu farei o papel do promotor. Não sou muito bom em linguagem oficial, mas farei o melhor que puder. Por enquanto, não haverá juiz. Esta será a única diferença entre este e a versão original, a não ser que eu espero que não haja dificuldade em descobrir o recebedor da plaqueta vermelha.

— Não haverá dificuldade, declarou Wilde. — Vassily entregou a plaqueta vermelha a mim.

* * *

Cinco

O JULGAMENTO SIMULADO

A DECLARAÇÃO de Arthur Wilde teve um efeito dramático bastante desproporcional em relação ao seu valor. Nigel sentiu um violento choque emocional, seguido imediatamente pela reflexão de que, afinal, a identidade do recebedor da plaqueta tinha muito pouco a ver com o caso. Era estranho que nenhum deles tivesse pensado em localizar o “vilão” do jogo. Isso era tudo. Um silêncio total se seguiu à afirmação de Wilde. Rosamund o quebrou:

— Oh, bem, disse ela calmamente. — E daí?

— Muito agradecido, Sr. Wilde, disse Alleyn. Os modos do inspetor tinham se tornado, sem dúvida, muito mais convincentemente oficiais. — O senhor vem a ser então a primeira testemunha. A plaqueta lhe foi dada durante o jantar?

— Sim... Vassily a deixou cair em minha mão quando eu ia começar a comer.

— O senhor elaborou algum plano definitivo para o desempenho de seu papel no jogo?

— Não precisamente. Estava pensando nisso enquanto tomava banho. O Sr. Bathgate estava no quarto ao lado. Decidi que não seria ele a vítima, óbvio demais, então ouvi o gongo e as luzes se apagaram. Já ia berrando que não podia ser o “assassinato”, mas sim algum tipo de acidente, quando compreendi que isso estragaria minha representação, mesmo antes de encená-la. Fingi então pensar que se tratava do

“assassinato” e comecei a me enxugar e a me vestir. Pensei que deveria achar uma “vítima” fácil na escuridão. E encontrei...! Uma violenta exclamação de Handesley o interrompeu.

— Foi você, então, Arthur, que deu um encontrão comigo no patamar e disse: “Você é o cadáver”?

— E foi você que respondeu: “Cale a boca, seu burro”, retribuiu Wilde. — Sim, você pensou que eu estava brincando. Quando me dei conta disso, fugi depressa.

— Esperem um momento, interrompeu o detetive. — Deixem-me entender isso com clareza. Está tudo muito confuso. Quando soou o alarma, Sr. Wilde, o senhor estava no banho. Sabendo o senhor que era o “assassino” do jogo, o senhor imaginou que a escuridão e o clamor do gongo fossem acidentes?

— Achei que o gongo havia soado para o jantar e que algum fusível queimara, possivelmente.

— Sim, compreendo. — Então o senhor ficou quieto e resolveu fazer sua parte no jogo, encoberto pela escuridão?

— Isso mesmo, confirmou Wilde. Sua voz era pacientemente cortês. “Para um detetive”, pensou Nigel, “o inspetor parece estar tendo dificuldade em entender os fatos.”. Alleyn prosseguiu:

— Então o senhor veio até o patamar da escada, deu de encontro com Sir Hubert e, no mesmo instante, pronunciou a frase combinada? O senhor, Sir Hubert, pensou que ele estava brincando?

— Sim, certamente. O sinal já havia sido dado. Aliás, eu pensei... Pensei, na verdade, que se tratava de Rankin. Não sei por quê.

— Sr. Wilde, disse Alleyn. — Usemos este velho chavão: quando viu o Sr. Rankin pela última vez?

— Eu estava conversando a sós com ele no hall, antes de subirmos para nos trocar. Fomos os últimos a subir. Charles comentou que se algum de nós fosse “ele” no jogo, seria melhor não tentar vitimar o outro, pois todos sabiam que tínhamos ficado sozinhos juntos.

— Sim, exato. Então o Sr. Rankin ainda estava no hall quando o senhor subiu para se trocar?

— Sim.

— Alguém os viu juntos? Wilde pensou por um momento.

— Sim, disse ele. — Estou me lembrando que Mary, a criadinha, entrou e caminhou para o hall de entrada para trancar a porta da frente. Lembro-me de ter perguntado se ela sabia a hora exata... Se o relógio de parede estava certo. Ela respondeu: “Sim, são 10 para as oito” e eu disse: “Meu Deus nós nos atrasamos”, ou algo assim, e subi correndo as escadas, deixando-a ali.

— Presumivelmente, então, o Sr. Rankin esteve sozinho no hall desde um pouco depois de sete e 50 até cinco para as oito, quando foi assassinado. Cerca de quatro minutos. Grato, Sr. Wilde.

Alleyn tomou uma pequena nota em seu caderninho e, em seguida, passou os olhos pela mesa.

— Alguém quer fazer alguma outra pergunta? Indagou ele — Posso assegurar honestamente que elas serão bem-vindas. Houve um curto silêncio, quebrado inesperadamente pela Sra. Wilde. Ela se debruçou sobre a mesa, encarando o marido com um estranho ar de formalidade.

— Gostaria de saber, perguntou ela sem demora, — O que você e Charles falavam durante o tempo em que estiveram sozinhos. Pela primeira vez Arthur Wilde hesitou.

— Não creio, respondeu ele calmamente, — Que tenhamos conversado qualquer coisa que pudesse ter algo a ver com tudo isto.

— No entanto, atalhou Tokareff repentinamente, — A pergunta foi feita.

— Bem... Houve um leve toque cômico em sua resposta — Bem, nós falávamos sobre o senhor, Dr. Tokareff.

— Mesmo? Sobre o quê?

— Rankin parecia ter se ressentido de seus comentários a respeito da validade de ser ele o dono de adaga. Ele... Ele sentiu que tais comentários implicaram numa espécie de crítica à pessoa dele. E estava muito defensivo sobre o assunto. O Dr. Young, inesperadamente, fez brotar seu chavão gutural: “Kaahoom”, o que fez Alleyn sorrir.

— O que respondeu o senhor a tudo isso? Quis saber. Arthur Wilde se remexeu na cadeira.

— Eu disse a ele para deixar de ser bobo, respondeu. — Charles sempre foi muito suscetível... Era uma característica sua. Tentei explicar como uma faca associada, como acreditava o Dr. Tokareff, ao mais íntimo ritual de um bratsvo, teria, é lógico, mais significação para um russo do que para um inglês. Ele logo saiu de seu amuo e afirmou que entendia o meu ponto de vista. Então fizemos uma troça mútua sobre o Jogo de Assassino e o deixei sozinho.

— Alguma outra pergunta? Indagou Alleyn. Aparentemente não havia mais nenhuma.

— Compreendo, prosseguiu Wilde, — Que fui eu provavelmente a última pessoa, a não ser Mary e o homem que o matou, a ver Charles com vida. Espero sinceramente que se alguém está pensando em alguma pergunta para me fazer, que não hesite em me interrogar.

— Gostaria de acrescentar. Nigel tomou a palavra, — Que posso corroborar quase tudo o que você disse. Eu o deixei com Charles e o ouvi subir poucos minutos mais tarde. Você se lembra de que gritávamos um para o outro enquanto você tomava banho e depois, quando as luzes se apagaram. Posso afirmar com certeza que você esteve no banheiro antes, durante e depois da hora em que o crime foi cometido.

— Sim, concordou Marjorie Wilde, — E você chamou por mim também, Arthur.

— Seus quartos são próximos entre si? Quis saber Alleyn.

Nigel desenhou uma planta rudimentar dos quatro quartos e a passou adiante para Alleyn, através da mesa.

— Entendo, disse o inspetor, analisando-a cuidadosamente. — Estou certo de que todos os senhores reconhecem, prosseguiu ele um momento mais tarde, — A importância de obter um relato do Sr. Wilde acerca de seus movimentos. Ele já foi corroborado pela Sra. Wilde e pelo Sr. Bathgate. Alguém mais pode trazer à luz algum outro ponto que diga

respeito às posições relativas desses três após a ida do Sr. Wilde para o andar de cima?

— Sim, falou a Sra. Wilde ansiosamente, — Eu posso. Quando eu estava em meu quarto me vestindo, Florence, a criada de Ângela, entrou para me perguntar se ela poderia me ajudar. Ficou por alguns minutos, não muito tempo, mas deve ter ouvido Arthur me chamar e tudo o mais. A porta que dá para o banheiro não estava bem fechada.

— Ela própria poderá confirmar isso, é claro, disse o inspetor. — Temos agora um quadro bastante completo dos movimentos dos três do grupo desde um pouco depois de sete e meia até a hora do assassinato. A Sra. Wilde subiu primeiro, o Sr. Bathgate, depois, e o Sr. Wilde, por último. Conversaram entre si enquanto se vestiam, e suas vozes foram ouvidas provavelmente por uma criada. Sr. Bathgate, pelo que sei, o senhor foi o primeiro a descer depois que soou o alarma e foi quem acendeu as luzes.

Os pensamentos de Nigel tinham estado vagando por uma brecha aberta pela ansiosa corroboração da Sra. Wilde à história de seu marido. Voltou à realidade e olhou o inspetor. Veio-lhe à mente que as atitudes oficiais emergiam fácil de Alleyn, quando ele resolvia assumi-las.

— Sim, confirmou ele. — Sim... Eu acendi as luzes.

— O senhor desceu as escadas depois de transcorridos os dois minutos?

— Sim, os demais estavam atrás de mim, nas escadas.

— O senhor encontrou a chave geral e a ligou imediatamente?

— Imediatamente, não. Os outros estavam gritando por mim das escadas. Hesitei por um segundo.

— Por quê? Indagou Rosamund Grant.

— Realmente não sei por quê. Tudo era bastante estranho e eu me senti... Não sei... De alguma forma, um pouco relutante. Então Sir Hubert chamou por mim e eu liguei a chave.

— O senhor esteve falando ao Sr. Wilde até a hora que deixou o quarto?

— Sim, creio que sim.

— Sim, disse Arthur Wilde, lhe lançando um olhar amistoso. — Você esteve sim.

— O senhor falou com alguém no patamar da escada?

— Não me recordo. Todos falavam ao mesmo tempo ali no escuro.

Acendi um fósforo.

— Sim, Ângela interferiu rapidamente, — Ele acendeu um fósforo. Eu estava um pouco mais além no corredor e vi seu rosto ser iluminado repentinamente. Ele deve ter acabado de sair de seu quarto nessa hora.

— Sr. Bathgate, continuou o detetive, — Seu fósforo ainda estava aceso, não é, quando o senhor começou a descer?

— Sim. Ele se apagou no meio do caminho.

— Alguém cruzou com o senhor nas escadas?

— Não, ninguém passou por mim.

— Tem certeza disso?

— Certeza absoluta, afirmou Nigel.

— Alguma outra pergunta? Quis saber Alleyn. Ninguém se manifestou. O Inspetor Alleyn se voltou para Tokareff.

— Dr. Tokareff, disse ele, — Gostaria que o senhor fosse o próximo, por favor.

— Muito agradecido, retrucou o russo combativamente.

— O senhor subiu com o primeiro destacamento: Srta. North, Srta. Grant, Sra. Wilde e Sir Hubert Handesley? Tokareff fitava o detetive, através de seus óculos, de um modo belicoso.

— Certamente que sim, afirmou ele.

— O senhor foi diretamente para o seu quarto?

— Sim, imediatamente. Isto eu posso provar, pois me achava de bom humor enquanto estava no meu quarto na noite passada, por isso eu cantava a Morte de Bóris bem alto. Estou numa ala afastada, mas ainda assim minha voz é possante. Muitos devem ter me ouvido.

— Eu ouvi, disse Handesley sorrindo.

— O senhor ficou cantando a Morre de Bóris o tempo todo... Até o gongo soar e as luzes se apagarem?

— Sim, certamente.

— Uma interpretação de gala! O senhor visitou o banheiro?

— Niet! Não! Não tomo banho a essa hora. Não é aconselhável. Melhor à noite, antes de dormir, para abrir os poros. Depois de um leve suadouro...

— Sim, é verdade. O senhor se trocou, então?

— Eu me troquei. Enquanto me vestia, eu cantava. Quando cheguei à passagem de suprema agonia, interpretei à maneira de Fedor Chaliapin... Ele entoou o trecho galvanicamente. A Sra. Wilde reprimiu um gritinho. — Neste momento, finalizou o Dr. Tokareff, — O gongo soou e as luzes se apagaram. É o jogo. Parei de cantar e contei até 60 duas vezes, em russo. Depois, saí.

— Muito obrigado. Pelo que entendi, o senhor foi o primeiro a compreender o que acontecera ao Sr. Rankin.

— Sim, fui o primeiro. Eu tinha visto a faca lá das escadas.

— Que aconteceu então?

— A Srta. Ângela fez uma piada: “Ninguém deve tocar o corpo”. Concordei, não de brincadeira, porque tinha visto que o homem estava morto.

— Mas creio que o senhor não examinou o corpo...

— Queira desculpar, por favor, começou o russo com grande ênfase.

Alleyn lançou um olhar de relance em torno da mesa. Uma onda súbita de pânico e consternação parecia ter galvanizado o rosto de todos os hóspedes. A Sra. Wilde estava branca como cera e Rosamund Grant a olhava fixamente. Wilde se curvou com presteza sobre a esposa. De repente, ela começou a falar, sua voz apagada bem diferente dos rangidos artificiais aos quais todos estavam habituados.

— Espere um momento, é melhor eu explicar.

— Não se agite, minha princesa, disse Wilde. Mesmo então, aquela demonstração de carinho conjugal pareceu a Nigel bastante imprópria.

— Estou bem, tranquilizou Marjorie Wilde. — Sei o que o Dr. Tokareff vai dizer. Eu perdi a cabeça. Eu o puxei para o lado e me

ajoelhei ao lado dele. Eu o virei ao contrário e olhei no seu rosto e tentei acordá-lo; quando vi que ele não estava mais vivo, tentei fazê-lo voltar à vida, tentei forçá-lo a viver. Puxei-o pelos ombros para longe do sangue, e senti a faca rangendo no assoalho por baixo dele, a faca enfiada nele. Ele era muito pesado, só consegui movê-lo um bocadinho. Todos disseram que eu não devia tê-lo tocado... Gostaria de não ter feito isso, mas fiz. Eu o toquei. Ela parou de falar tão abruptamente e ofegante como começara.

— Era muito melhor que a senhora tivesse me dito isso logo, Sra. Wilde, disse Alleyn, trivialmente. — Pode-se entender o choque emocional de tão terrível descoberta. Gostaria, prosseguiu ele se dirigindo a todos em geral, — De reconstituir mentalmente o grupo nesta cena. A Sra. Wilde ajoelhada ao lado do corpo. Ela o virou de bruços. Dr. Tokareff, o senhor estava de pé ao lado dela?

— Certamente. Eu estava lá dizendo: “Não toque”. Ainda assim ela continuava a sacudi-lo. Vi imediatamente que ela estava histérica e tentei erguê-la, mas ela resistiu. A histeria dá, algumas vezes, uma força descomunal. Então a Srta. Grant comentou calmamente: “Não adianta chamar Charles agora, ele se foi para sempre”; e no mesmo instante a Sra. Wilde parou com sua crise. Então eu a afastei do corpo e Sir Hubert Handesley pediu: “Pelo amor de Deus, se certifique de que ele está morto”. Percebi imediatamente que ele estava morto, mas mesmo assim o examinei, e a Srta. North lembrou: “Telefonem ao Dr. Young”, o que ela mesma fez.

— Todos concordam que a narração está substancialmente correta? Perguntou Alleyn de modo formal. Houve um murmúrio geral de assentimento.

— Desde que provei que das sete e meia à sete e 55 estive cantando alto em meu quarto, argumentou o russo, — Isso não é um Ali Babá? Gostaria de ir agora para Londres onde tenho um encontro marcado.

— Receio que isso seja impossível, redarguiu Alleyn mansamente.

— Mas... Começou a dizer o russo.

— Isso eu explicarei mais tarde, Dr. Tokareff. No momento, veremos a consumação do Jogo do Assassino. Sir Hubert, quais foram

seus movimentos da hora em que o senhor subiu até o alarma? Handesley olhou para seus dedos entrelaçados sobre a mesa. Não ergueu os olhos. Sua voz saiu serena e firme:

— Fui para meu quarto de vestir, no extremo final do corredor. Eu me despi e falei a Vassily, que estava separando minhas roupas. Então ele saiu e tomei meu banho. Tinha acabado de tomar banho e de me vestir, à exceção do paletó do smoking, quando bateram na porta. Ângela entrou. Ela queria saber se eu tinha uma aspirina. A Srta. Grant estava com dor de cabeça e queria tomar uma. Procurei pela aspirina e a entreguei a Ângela. Ela saiu e, quase imediatamente após, o alarma soou. Eu me reuni ao grupo no corredor, e foi aí que Arthur, o Sr. Wilde, me deu um tapinha nas costas e disse: “Você é o cadáver”. Creio que é tudo.

— Alguma pergunta? Um vago murmúrio de negação flutuou em redor da mesa.

— Srta. Grant, convocou o inspetor, — A senhorita também subiu com o primeiro grupo. Onde ficava seu quarto?

— No fim de um corredor transversal nos fundos da casa, ao lado do de Ângela... Do da Srta. North. Nós nos encaminhamos para lá juntas. Ângela veio para o meu quarto depois que acabamos de tomar banho. Foi quando lhe pedi uma aspirina.

— Onde fica o banheiro que a senhorita usa?

— Em frente ao meu quarto. Nós duas o usamos... Eu primeiro.

— E a senhorita simplesmente cruzou esta passagem para este banheiro e voltou para seu quarto?

— Sim.

— A senhorita foi a algum outro lugar enquanto estava lá em cima?

— Não. Eu descii depois do alarma.

— E quanto à senhorita, Srta. North? Quais foram os seus movimentos?

— Subi com Rosamund. Enquanto ela tomava banho, eu lia no meu quarto. Quando voltei do banheiro, fui ao quarto dela e depois disso ao quarto de meu tio buscar a aspirina. Tinha acabado de chegar à porta de Rosamund quando as luzes se apagaram.

— Onde fica o quarto do Sr. Rankin?

— Ao lado do meu e imediatamente oposto à entrada da passagem de cima que dá para o corredor. Posso completar a planta aqui? Alleyn lhe passou a folha de papel e ela desenhou os quartos restantes.

— Muito agradecido, disse Alleyn. — Isso completa a posição dos personagens. Fecha também a fase de reconstrução do jogo. Antes de irmos, gostaria de ter uma palavra com Florence, sua criada, Srta. North. Estou certo de que todos vocês verão que é importantíssimo estabelecer as posições do Sr. e da Sra. Wilde e do Sr. Bathgate.

Ângela levantou e se encaminhou para uma campainha no console da lareira. Os outros puxaram suas cadeiras e Wilde entabulou uma conversação em voz baixa com Handesley. A campainha foi respondida, não por Vassily, mas por uma criada baixinha e agitada. Ela dava a impressão de pertencer à outra ala e de ter entrado na sala-de-estar por engano.

— Você pode pedir a Florence para vir aqui um instante, Mary? Ordenou Ângela.

— Sim, senhorita.

— Oh, espere um segundo, Mary, pediu Alleyn, dirigindo um olhar a Ângela. — Você estava no hall na noite passada quando o Sr. Wilde subiu e o Sr. Rankin foi deixado sozinho?

— Oh... Sim, sim, senhor, eu estava. O Sr. Roberts geralmente não me manda para frente da casa, senhor, mas na noite passada...

— O Sr. Wilde falou alguma coisa com você?

— Ele me perguntou as horas, e eu respondi “Dez para as oito”, e ele disse: “Ora diabos, estou atrasado”, e subiu correndo as escadas.

— Que o Sr. Rankin estava fazendo?

— Fumando um cigarro, senhor, parecendo muito satisfeito. Eu perguntei: “Posso levar a bandeja de coquetéis?” e ele respondeu: “Não faça isso. Vou tomar um traguinho e estragar esta aparência de garotinho de escola”. Então fui embora, senhor, e apenas uns poucos segundos mais tarde, as luzes se apagaram e... Oh, não é horrível?

— Terrível. Obrigado, Mary.

Depois de um olhar hesitante a Handesley, a criada se retirou.

— Não é o mordomo que geralmente responde à campainha? Perguntou Alleyn após uma pausa.

— Sim, respondeu Ângela vagamente, — Sim, é claro. Mary é uma criada subalterna. Ela nunca responde à campainha. Não sei por que ele não veio... Todos estão tão transtornados, creio que Vassily...

Foi interrompida pela chegada de Florence, uma mulher morena de rosto impassível, com uns 35 anos.

— Florence, anunciou Ângela, — O Sr. Alleyn quer lhe perguntar alguma coisa a respeito da noite passada.

— Sim, senhorita.

— Você pode me dizer, por favor, começou Alleyn, — Para qual dos quartos foi ontem à noite quando os hóspedes estavam no andar de cima se vestindo?

— Pois não, senhor. Primeiro, fui até o quarto da Srta. Ângela.

— Quanto tempo ficou lá?

— Somente uns poucos minutos. A Srta. Ângela quis que eu fosse perguntar à Sra. Wilde se eu podia ajudá-la.

— Então você foi ao quarto da Sra. Wilde?

— Sim, senhor.

— Que aconteceu lá?

— Madame me pediu para abotoar seu vestido. Eu abotoei, sintetizou ao mínimo Florence.

— A Sra. Wilde falou com você?

— Madame estava falando com o Sr. Wilde, que estava no banheiro junto ao quarto de vestir.

— O Sr. Wilde respondia?

— Sim, senhor. Ele conversava com a Sra. Wilde e também com o Sr. Bathgate, que estava no quarto mais além.

— Quando você deixou a Sra. Wilde, para onde se dirigiu?

— Para o quarto da Srta. Grant.

— Quanto tempo ficou lá?

— Eu esperei um pouco, senhor. A Srta. Grant não estava lá. Ela voltou uns minutos mais tarde e disse que não precisava de mim. Eu me retirei. A Srta. Ângela vinha pelo corredor. Então as luzes se apagaram.

— A Srta. Grant vinha do banheiro? Florence hesitou:

— Creio que não, senhor. A Srta. Grant toma banho cedo... Antes da Srta. Ângela.

— Muito grato. Acho que era tudo o que tinha para lhe perguntar.

— Obrigada, senhor.

A porta se fechou atrás de Florence. Ninguém olhara para Rosamund Grant. Ninguém dissera nada. Alleyn virou uma página de seu livro de notas.

— A propósito, Srta. Grant, disse ele, — A senhorita afirmou que, além da sua ida ao banheiro, não deixou seu quarto até que ouviu o gongo?

— Rosamund... Está tudo bem, gritou Ângela, correndo para a amiga. Mas Rosamund Grant tinha escorregado de sua cadeira para o chão, num desmaio. Em meio à tremenda confusão que se seguiu, Nigel só tomou consciência de uma coisa, e foi quando apertaram a campainha em resposta a alguma embaralhada ordem de Sir Hubert.

— Conhaque... É disso que ela precisa, estava gritando Handesley.

— Melhor um pouco de éter, sugeriu o Dr. Young. — Um de vocês abra a janela.

— Vou buscar, disse Ângela e saiu correndo. A atarantada Mary tinha reaparecido.

— Diga a Vassily para trazer um pouco de conhaque, lhe ordenou Handesley.

— Por favor, senhor, não posso.

— Por que não?

— Oh, senhor, ele foi embora... Desapareceu, e nenhum de nós quis contar ao senhor.

— Com todos os diabos! Vociferou Alleyn.

* * *

Seis

ALLEYN FAZ SEU TRABALHO

O DETETIVE-INSPECTOR Alleyn tinha sido bem explícito quanto ao estado da casa. Nada deveria ser mudado, disse ele, até que tivesse terminado o que ele chamava de seu “rastreamento nasal”. Nada fora tocado. O pequeno Dr. Young, em sua posição de médico da polícia do distrito, acentuara este ponto desde o momento de sua chegada, e Bunce, P. C., em sua breve e deliciosa supremacia, tinha aterrorizado os criados, mantendo-os confinados aos seus próprios aposentos. Não tinha, entretanto, destacado uma guarda para o portão, e Vassily escapara aparentemente pelo simples método de sair pela porta dos fundos.

Alleyn se recobrou de sua raiva momentânea ante o desaparecimento do mordomo, telefonou para a estação, e descobriu que o velho russo tinha, com peculiar ingenuidade, pego o trem das 10.15 para Londres. O inspetor telefonou para a Yard e deu ordens para que ele fosse localizado e detido imediatamente. A essa altura, um destacamento de policiais chegara a Franbock. Alleyn fez a inspeção do muro alto e praticamente intransponível, montou nos portões toda uma guarda de homens em uniforme, trajes civis e impermeáveis, e convidou o Sargento Bailey, o perito em impressões digitais que viera com ele, a ajudá-lo dentro da casa. O Sr. Bunce estava também olho no hall. Solicitaram a Handesley que mantivesse os hóspedes na biblioteca ou os deixasse passear no jardim.

— Agora, declarou o Detetive-Inspetor Alleyn, — Vou interrogar Ethel, a única criada restante. Mande-a entrar, Bunce Mary tinha ficado atemorizada e Florence, calma. Ethel, uma bela moça com cerca de 27 anos, era inteligente e interessada.

— Onde você estava, perguntou Alleyn, — Às 10 para as oito da noite passada?

— Estava lá em cima no meu quarto, senhor, no final do corredor de trás. Tinha acabado de trocar meu avental e de olhar a hora, e pensei que poderia descer e ajudar Mary a arrumar o hall. Então, eu vim do corredor dos fundos para o corredor em que ficam os melhores quartos.

— Você quer dizer em frente ao quarto do Sr. Bathgate?

— Sim, senhor, é isso mesmo. Andei até o topo das escadas, olhei para baixo, e vi que o Sr. Rankin ainda estava no hall. Mary, que também estava lá, trancando a porta da frente, olhou para mim e fez um gesto com a cabeça, com que resolvi que esperaria até que o hall ficasse livre para eu descer. Comecei a voltar, e quando passava pelo quarto do Sr. Bathgate, me lembrei de que não lhe havia levado a água de barbear e de que só havia mais dois cigarros na cigarreira. Então dei uma batidinha na porta.

— Sim?

— A porta não estava fechada, e quando eu bati, ela abriu um pouquinho, e ao mesmo tempo o Sr. Bathgate gritou: “Entre”. Aí, eu entrei e, no momento em que eu perguntava sobre a água de barbear, as luzes se apagaram e eu fiquei atarantada, senhor, e saí, me dirigindo para o meu quarto às cegas.

— Que estava fazendo o Sr. Bathgate?

— Fumando um cigarro, senhor, com um livro na mão. Creio que ele tinha acabado de gritar qualquer coisa para o Sr. Wilde, que estava tomando banho ao lado.

— Obrigado, Ethel.

— Obrigada ao senhor, respondeu Ethel em tom queixoso. Ela se retirou com alguma relutância.

Alleyn, dando mentalmente de ombros à impressionante imbecilidade de Nigel em ter deixado passar o álibi indestrutível, continuou com seu trabalho. Roberts, o copeiro, não foi nenhuma ajuda. Estivera em sua copa, seguramente por 20 minutos quando o gongo soou. O cozinheiro e o ajudante não trouxeram qualquer interesse. Alleyn voltou sua atenção para o hall propriamente dito. Apanhou uma fita métrica e, cuidadosamente, tomou medidas entre a mesa de coquetel e o pé da escada. A bandeja, com sua fila sórdida de copos usados, não fora tocada.

— Tudo muito bom e bonito, resmungou Alleyn para o Sargento Bailey, — A não ser por aquela mexidinha de nada que deram no corpo, nada foi tocado.

— Seria um funeral adorável, se ao menos tivéssemos um cadáver para ver, respondeu Bailey.

— Bem, o jovem Bathgate afirma que o corpo jazia em ângulo reto com o gongo. A última vez que Mary viu o Sr. Rankin, ele estava parado de pé ao lado da bandeja de coquetel. Presumivelmente, na extremidade dela, quando foi golpeado. Venha cá, Bunce. Quanto você mede?

— Um metro e 77, senhor.

— Muito bom. O morto tem um metro e 80. Você quer ficar aqui? Bunce ficou parado prestando atenção enquanto Alleyn caminhava à sua volta, olhando-o cuidadosamente.

— Que acha disso, Bailey? Perguntou ele. — Este crime foi executado num máximo de cinco minutos. A faca estava na tira de couro ao lado da escada, a não ser que tenha sido previamente retirada, o que eu acho improvável. Portanto, o assassino partiu daqui, apanhou a coisa na sua mão direita... Assim... E golpeou por trás. Ele executou a pontaria de esfaquear o policial. — Agora entenda o que eu quero dizer. Tenho um metro e 85, mas não consigo ficar em ângulo reto. Você pode se curvar, Bunce? Ah, assim está mais a jeito; mas o corrimão fica no meio do caminho. Ele devia estar curvado sobre a bandeja. Fica muito longe se eu ficar parado no degrau de baixo. Espere um pouco. Veja se

consegue apanhar qualquer coisa na ponta extrema do corrimão, sim, Bailey?

— Vou achar uma tremenda mistura de impressões, se queixou mal-humorado o perito. Ele abriu uma pequena valise e se ocupou em tirar coisas dela.

Alleyn vasculhou por todo o hall. Examinou a chave geral, os copos, a coqueteleira, o gongo, todas as mesas e trabalhos em madeira. Parou ao lado da grelha. As escórias de carvão da noite anterior, já em cinza, ainda estavam lá.

— Eu lhe digo: não deixem que toquem nas grelhas, preveniu Bunce de repente. — Pode haver muita coisa aí.

— Muito certo, replicou o inspetor, — Lidaremos nós mesmos, com as lareiras. Ele se curvou sobre a lareira e, tomando duas tenazes, removeu os carvões um por um, depositando-os sobre um pedaço de jornal. Enquanto fazia isso, desfiava um rosário de comentários para o Sargento Bailey. — Você encontrará as impressões da Srta. North naquele esboço da planta da casa que eu coloquei sobre a bandeja ali. Também as do Sr. Bathgate. Precisamos das impressões de todos, é claro. As canecas de escovar os dentes serão de grande serventia nesse sentido. Detesto pedir impressões; faz me sentir tão autoconsciente. Não há nada na faca, desnecessário dizer, nem tampouco no comutador da luz. Hoje em dia, qualquer pessoa de bom senso não deixa impressões atrás de si, se puder evitar.

— É isso mesmo, senhor, concordou Bailey. — Há uma barafunda de dedadas no corrimão, mas acho que encontraremos algo um pouco melhor na extremidade do balaústre.

— Na ponta, hem? Disse Alleyn, que tirara o depósito de cinzas de baixo da grelha.

— Posição estranha, também. Há uma impressão clara de uma mão esquerda apontando para baixo. Um lugar bastante esquisito para colocar sua mão esquerda, com o corrimão fazendo uma curva aberta do

jeito que faz. É bem na extremidade interna. Muito clara, também. Vi logo com meu olho clínico.

— Seu olho é fora de série, Bailey. Tente o topo das escadas. Oba, que é isto? Estivera peneirando as cinzas do depósito, e parou, se acorando e examinando um pequeno objeto acinzentado na palma da mão.

— Achou alguma coisa, senhor? Quis saber o perito em impressões, que agora trabalhava no topo da escada.

— Alguém andou jogando fora seus pertences, resmungou o inspetor. Tirou do bolso uma pequena lente e examinou o objeto com ela. — Um botão de pressão, murmurou, — Com um fragmento de... Sim, de couro... Chamuscado, inconfundível. Ora, muito bem. Ele enfiou seu troféu dentro de um envelope, onde escreveu algo.

Os próximos 20 minutos ele passou de gatinhas no assoalho, trepando sobre cadeiras para examinar o vão da escada e fora dos degraus, inspecionando cautelosamente as cigarreiras, e ordenando a Bailey que testasse o balde para carvão e os ferros da lareira, a fim de procurar por impressões.

— E agora, disse ele, — Para os quartos. O carro mortuário estará aqui a qualquer momento, Bunce. Deixarei isso a seu cargo. Venha, chamou ele, subindo as escadas. No patamar, parou, e olhou em volta. — À nossa esquerda, informou a Bailey, — O quarto da Sra. Wilde, o quarto de vestir de seu marido, o banheiro e o quarto do Sr. Bathgate. Todos se comunicam. Um grupo conjugado bastante raro. Bem, acho melhor começarmos pelo princípio.

O quarto da Sra. Wilde estava desarrumado e tinha uma leve semelhança familiar com um quarto de comédia moderna. Ela tinha despersonalizado o estilo e Florence não tivera permissão de recolocar as coisas no lugar. A cama estava desfeita e a bandeja do chá da manhã ainda sobre a mesa.

— Tire as impressões, Bailey, ordenou o inspetor, e mais uma vez o perito apanhou sua valise.

— Pelo que estou vendo, o álibi aqui está muito bom, comentou Bailey, peneirando um pó fino sobre a superfície de uma xícara.

— Muito bom? Retrucou Alleyn. — Está bom demais para todos eles, à exceção da Srta. Grant. Ela contou uma bela mentirinha a respeito de seus movimentos e desmaiou quando isso foi descoberto. Ele abriu uma maleta e começou a examinar o conteúdo.

— E o caso do russo, senhor? O doutor, ou seja lá o que ele é?

— É, ele parece ser um candidato provável. Você acredita nele, Bailey?

— Bem, pelo que o senhor disse a respeito da faca e tudo mais, creio ser possível. Pessoalmente, acho que o mordomo é o culpado.

— Se Tokareff é o nosso homem, ele é muito esperto. Seu quarto fica um pouco retirado e ele cantou, segundo me disseram, sem parar. Quanto ao mordomo... Estava na ala dos criados todo o tempo e foi visto lá.

— Isso é uma certeza, senhor? Afinal, ele se incriminou muito com essa fuga.

— Certo. Ele é bastante tentador; mas quando você conseguir as impressões do corrimão, saberei melhor se estou na pista certa. Faça seu serviço no banheiro agora, sim, Bailey? Bathgate e Wilde predominarão. Depois volte e inspecione essa cômoda enquanto vou aos outros quartos. Você se importa em trabalhar um pouco fora de seu setor?

— Com prazer, senhor. Que tenho que procurar?

— Uma luva sem par. Provavelmente de pelica amarela. Mão direita. Não espero encontrá-la aqui. Faça uma lista de todas as roupas, por favor.

— Certo, chefe, respondeu Bailey do banheiro. Alleyn o seguiu e olhou cuidadosamente em volta do quarto de vestir e do banheiro. Em seguida, entrou no quarto de Nigel.

Estava praticamente o mesmo desde a noite passada. A cama estava feita e intacta. Alleyn soubera, através de Bunce, que Nigel ficara

acordado a noite inteira, tentando se comunicar por telefone com o advogado da família, com sua redação e, em nome da polícia, com a Scotland Yard. Fora inestimável para Handesley e para Ângela North, conseguira fazer Tokareff parar de andar e ir para a cama, acalmara a histeria da Sra. Wilde quando seu marido erguera as mãos em desespero e desistira de ajudá-la. O inspetor considerou a afirmação de Ethel, de que tinha realmente visto Nigel em seu quarto quando as luzes se apagaram, uma prova muito boa de sua integridade. No entanto, examinou o quarto minuciosamente. O SUSPENSE de Conrad estava sobre a mesinha de cabeceira. Duas pontas de cigarros Sullivan Powell jaziam no cinzeiro. Um inquérito provou que estes eram os últimos da cigarreira às sete e meia da noite anterior, e Ethel, se lembrou ele, repetiu que tinha reparado na caixa vazia e no Sr. Bathgate fumando o último em sua visita dramaticamente encerrada. Os cigarros do próprio Sr. Bathgate eram de uma marca um pouco mais barata.

— O Sr. Bathgate está eliminado, murmurou o detetive para si mesmo. — Ele não poderia fumar dois cigarros, cometer um assassinato, e falar com uma empregada ao mesmo tempo, num período de 10 e 12 minutos. Tinha chegado a esta conclusão quando a porta se abriu e Nigel em pessoa entrou.

Ao ver o homem da Yard em seu quarto, Nigel se sentiu imediatamente tão culpado como se sentiria se suas mãos tivessem, metaforicamente, se encharcado no sangue do primo.

— Desculpe, gaguejou ele. — Não sabia que o senhor estava aqui... Vou me retirar.

— Não se vá, pediu Alleyn amavelmente. — Não vou algemar o senhor. Quero lhe fazer uma pergunta. Por acaso o senhor ouviu qualquer coisa do lado de fora do corredor enquanto se vestia, na noite passada?

— Que tipo de coisa? Perguntou Nigel, aliviado.

— Bem, o que se ouve em corredores? Qualquer ruído de passos, por exemplo?

— Não, nada. O senhor sabe, eu estava conversando com Wilde o tempo todo e, além disso, a água fazia barulho... Eu não poderia ter ouvido coisa alguma.

— Pelo que entendi, a Sra. Wilde esteve em seu quarto todo o tempo. O senhor se recorda de ter ouvido a voz dela? Nigel considerou com cuidado a pergunta.

— Sim, disse ele por fim. — Sim, estou certo de ter ouvido a Sra. Wilde chamar por ela e de tê-la ouvido responder.

— Em que momento, precisamente? Antes ou depois de que a luzes se apagaram? Nigel se sentou na cama com a cabeça nas mãos.

— Não tenho certeza, ele acabou por dizer. — Posso jurar sobre a Bíblia que ouvi a voz dela, e acho que foi antes e depois do escuro total. Isso é importante?

— Tudo é importante, mas se levarmos em conta a declaração fria de Florence, a sua é útil como uma corroboração. Agora, olhe aqui, me mostre o quarto de Tokareff, sim?

— Acho que sei onde é, se prontificou Nigel. Foi andando à frente pela passagem até o corredor de trás e virou à esquerda. — A julgar por minha lembrança de seus esforços vocais, creio que é este.

Alleyn abriu a porta. Um quarto singularmente bem arrumado. A cama fora usada, estava pouco amarrotada. O Dr. Tokareff parecia ter passado uma noite particularmente tranquila. Sobre a mesinha de cabeceira, se achava um Dicionário Webster e uma cópia, já bem manuseada, da Sonata Kreutzer em inglês.

— Muito agradecido, Sr. Bathgate;, disse Alleyn, — Posso me arranjar sozinho daqui por diante.

Nigel se retirou, feliz por deixar a atmosfera de investigação oficial e, ainda assim, paradoxalmente consciente de um sentimento contraditório de curiosidade.

O Inspetor Alleyn abriu o guarda-roupa e as gavetas e anotou seu conteúdo. Depois voltou sua atenção para a maleta que fora cuidadosamente colocada sob um dos armários. Nesta, encontrou uma pequena pasta com fechadura, que logo foi aberta com uma chave-mestra. A pasta continha diversos documentos datilografados em russo, umas poucas fotografias, a maioria das quais, do próprio doutor, e uma pequena bolsa de camurça na qual achou um pequeno sinete de cabo de aço. Alleyn o levou para a escrivaninha, passou tinta e fez pressão sobre um pedaço de papel. O resultado foi uma impressão clara de uma adaga de lâmina longa. O inspetor assobiou baixinho entredentes e, consultando os documentos, encontrou uma ilustração similar em muitas das páginas. Copiou uma ou duas frases no seu livro de notas, limpou cuidadosamente o carimbo e colocou tudo de volta na pasta, trancando-a e recolocando a mala no lugar primitivo. Pôs então um lembrete em seu caderninho: “Comunicar-se com Sumiloff a respeito do escrito acima”, e, com uma olhada final em volta, retornou ao corredor.

Em seguida foi ao quarto de Ângela, e depois ao de Rosamund Grant. Finalmente, visitou o quarto de dormir, o quarto de vestir e o banheiro de Sir Hubert Handesley. Todos os citados foram submetidos a meticolosa busca similar, fazendo ele uma lista das roupas, vasculhando nos bolsos, selecionando, examinando, e repondo de volta no lugar todos os móveis e peças de roupa. Achando pouca coisa que o interessasse, tinha parado para acender um cigarro no quarto de vestir de Handesley, quando uma leve batida na porta e um murmúrio respeitoso do lado de fora anunciaram a presença do Sargento-Detetive Bailey. Alleyn saiu para o corredor.

— Desculpe-me, senhor, disse Bailey, — Mas acho que encontrei algo.

— Onde?

— No quarto da Madame. Deixei-o como está.

— Vou com você, respondeu Alleyn.

Voltaram ao quarto de Marjorie Wilde, passando por Mary, toda olhos, no patamar da escada.

— Agora me diga, Mary, repreendeu Alleyn com severidade, — O que está você fazendo aqui em cima? Pensei ter mandado que todos vocês permanecessem em seus aposentos por uma hora.

— Sim, senhor. Sinto muito, senhor, mas o patrão pediu sua jaqueta inglesa onde está seu cachimbo, e o Sr. Roberts me mandou aqui em cima para buscá-la.

— Diga ao Sr. Roberts que pensei que ele tivesse entendido minhas instruções. Eu mesmo levarei a jaqueta para Sir Hubert.

— Sim, senhor, murmurou Mary num tom de lamento e se precipitou correndo escada abaixo.

— Bem, Bailey, que é? Quis saber o inspetor, fechando a porta da Sra. Wilde atrás de si.

— É a disposição desta gaveta aqui, declarou Bailey, com seu ar levemente aviltante de independência social. As seis gavetas da cômoda georgiana estavam espalhadas simetricamente pelo chão.

— Você não tem gosto por antiguidades, Bailey, brincou o Inspetor Alleyn. — Essa é uma peça muito bonita, realmente. Caminhou até a carcaça e deu uma pancadinha avaliadora na tampa do móvel.

— Só que está um pouco ruim para ser usada, disse Bailey. — O envoltório no fundo é falso, e há um buraco no revestimento interno. Vê, senhor? Bem, me parece que alguém andou remexendo na gaveta de baixo e empurrou um pequeno objeto macio lá para o cantinho. Caiu no fundo. O senhor pode senti-lo. Alleyn ficou de joelhos e enfiou os dedos na brecha do fundo da cômoda.

— Passe-me aquela abotoadeira na mesa, pediu ele com urgência.

Bailey o atendeu. Em poucos minutos o inspetor deu um grunhido de satisfação e pescou um objeto pequeno e macio. Deixou-o cair no assoalho e o fitou com extraordinária concentração. Era uma luva de mulher de pelica amarela. O inspetor apanhou um envelope no bolso e tirou de lá um botão de pressão desbotado e enrugado, ao qual estavam

presas minúsculas partículas de couro. Ele o depositou ao lado da abotoadura da luva recém-encontrada e apontou seu dedo longo para o chão. Os dois botões eram idênticos.

— Não é um mau começo, Bailey, se rejubilou o Inspetor Alleyn.

* * *

Sete

RANKIN DEIXA FRANTOCK

APÓS BREVE cogitação, Alleyn foi até a escrivaninha e, pousando a luva sobre ela, puxou uma cadeira e se sentou, olhando seu achado como se ele fosse alguma espécie de enigma, para cuja decifração um grande prêmio tivesse sido oferecido. Franziu os lábios de viés e cruzou as pernas longas. Finalmente, tirou uma régua de aço enrolado e uma fita métrica do bolso, e começou a tomar medidas minuciosas. Bailey tornou a armar a cômoda, se utilizando de precisão metódica ao dobrar cada peça de vestuário que ela continha.

— Traga-me uma das luvas da senhora, sim? Rosnou Alleyn subitamente. Bailey escolheu uma pecinha delicada de camurça castanho-claro e a colocou sobre a escrivaninha.

— Nos meus olhos é muito menor, disse ele e voltou ao seu trabalho.

— É menor; mas, também, é de um tipo diferente, rebateu o inspetor. — Seu achado é um gênero esportivo. Masculina, um modelo para caça ou coisa assim. Na verdade, um homem de mão de tamanho médio poderia usá-la. Cheirou ambas as luvas e procurou o nome dos fabricantes. — A mesma loja, anunciou, continuando a tomar medidas, anotando-as depois em seu livro. — É tudo, disse ele por fim, entregando a luva de camurça a Bailey, que cuidadosamente, a recolocou no lugar.

— E a outra? Perguntou Bailey. Alleyn deliberou.

— Acho, disse ele tomando uma decisão, — Acho que a levarei para as mãos de seu dono. Você terminou por aqui?

— Sim, senhor.

— Então continue nos outros quartos, por favor. Eu me juntarei a você no quarto do Sr. Rankin, antes do almoço. Espere por mim lá. Enfiou a luva no bolso e desceu para o andar térreo.

O hall estava deserto, a não ser pelo Sr. Bunce, que ainda montava guarda na porta da frente. Alleyn passou por ele e entrou no saguão de entrada. O Sr. Bunce revolia a mente e olhava com estupor através do tabique de vidro. Que pretendia o deus agora? Um ou dois sobretudos estavam pendurados no saguão, juntamente com uma coleção de bengalas e um par de galochas. Alleyn examinou de perto todos esses objetos desanimadores, vasculhando nos bolsos, escrevendo em seu inevitável caderninho. A respiração do Sr. Bunce embaçava um pouco o vidro. Finalmente, o inspetor tirou de seu bolso uma luva de pelica amarela. Jogou-a sobre o banco, apanhou-a, enfiou-a entre as bengalas, e mais uma vez a apanhou de volta e, por fim, deixou-a cair no chão. Percebendo o olhar do policial, e satisfazendo, talvez, sua angustiada curiosidade, Alleyn pôs o dedo nos lábios e ergueu a sobrancelha esquerda. Uma expressão de imenso prazer passou no rosto do Sr. Bunce, seguida por uma de malícia: “Isso foi muito esperto de sua parte”, devia estar pensando o Sr. Bunce. Alleyn pegou seu cachimbo e o encheu de fumo. Em seguida, abriu a porta de vidro. Bunce deu um passo atrás.

— Onde estão os cavalheiros e as senhoras? Perguntou Alleyn.

— No jardim, senhor, foi a resposta.

— A que horas é o almoço?

— Uma e 15.

O inspetor deu uma olhada no relógio. Cinco para uma. Uma manhã cheia. Voltou para a varanda, se sentou no banco e, por 10 minutos, fumou seu cachimbo, não fazendo outra coisa a não ser olhar

para o policial. A varanda se tornou espessa com a fumaça do tabaco. À uma e cinco, Alleyn abriu a porta externa, bateu seu cachimbo na ponta do degrau de pedra, e ficou imóvel olhando o passeio.

Naquele momento, um ruído de vozes chegou do jardim. Alleyn voltou depressa para a varanda, e Bunce, mais uma vez eletrizado, o viu apanhar dois ou três casacões e jogá-los ao chão. Estava se curvando sobre eles quando Handesley, o Sr. e a Sra. Wilde, Ângela e Tokareff subiram os degraus da frente. Todos estacaram assim que viram o detetive e um completo silêncio caiu entre eles.

— Sinto muitíssimo, se desculpou Alleyn, se endireitando. — Receio estar atrapalhando a passagem. Estive fazendo um trabalhinho de rotina, Sir Hubert. Suponho que seria possível que alguém tivesse se escondido atrás dessas roupas. Houve mais do que uma mera sugestão de entusiasmo na resposta de Handesley:

— Sim... Sim, de fato, creio que teria sido bem possível, concordou avidamente. — O senhor acha que isso pode ter acontecido? Que alguém tenha entrado vindo lá de fora antes de terem trancado a porta e esperado até... Até surgir a oportunidade aguardada?

— Essa é uma possibilidade que eu mesmo havia considerado, começou o russo. — É tão claro como...

— A porta ainda estava trancada, não estava? Interrompeu Alleyn, — Depois que o crime foi cometido?

— Sim, respondeu Handesley, — Sim, estava. Ainda assim, o assassino poderia ter escapado no escuro por uma das outras portas, não é?

— Vale a pena considerar, concordou Alleyn. Ele pendurou os casacos e, ao fazê-lo, deixou cair no chão uma luva de pelica amarela. Parou e apanhou-a.

— Uma luva estranha, comentou. — Receio que eu a tenha feito cair de algum bolso. Desculpem. Algum reclamante?

— É sua, Marjorie, se pronunciou Ângela subitamente.

— Ora... De fato é. A Sra. Wilde olhava a luva sem tocá-la. — Eu... É minha. Pensei que a tinha perdido.

— Não vejo a outra, disse Alleyn. — Esta é a mão esquerda. Não me diga que eu perdi o lado direito.

— Foi o lado esquerdo que eu perdi. Devo tê-la deixado cair por aqui.

— A senhora tem certeza de não ter deixado todas duas aqui embaixo, Sra. Wilde? Indagou Alleyn. — Sabe, se a senhora fez isso, a direita sumiu, vale a pena investigar.

— O senhor quer dizer, interrompeu Handesley, — Que a luva da mão direita pode ter sido apanhada pelo... Pelo assassino quando ele se escondeu aqui?

— Essa parece ser uma história interessante, comentou Arthur Wilde. — Quando você perdeu esta luva, querida?

— Oh, não sei... Como posso saber? Redarguiu Marjorie Wilde, ofegante. — Ontem... Ontem fomos dar um passeio... Ele e eu. Eu estava com a mão direita calçada, na ocasião. Ele as tinha dado para mim, você se lembra, Arthur? No Natal do ano passado. Ele me amolou um bocado por eu tê-la perdido. Voltou-se cegamente para Wilde, que colocou o braço em torno dela, protegendo-a do mundo como se ela fosse uma criança.

— A senhora usou apenas uma luva ontem? Persistiu Alleyn.

— Sim... Sim, usei.

— E quando a senhora entrou, que fez com ela, Sra. Wilde?

— Não me recordo. Não está no meu quarto.

— Você acha que a deixou aqui? Perguntou Ângela gentilmente. — Marjorie, tente pensar. Entendo o que o Sr. Alleyn quer dizer. Pode ser terrivelmente importante.

— Estou lhe dizendo que não consigo me lembrar. Eu acho que deixei. Sim... Eu deixei. Estou certa que deixei. Arthur, você não acharia que eu deixei?

— Pelo amor de Deus! Exclamou Wilde. — Não vi você; mas sei que geralmente você arranca fora suas luvas assim que entra em casa.

Acho que seria a coisa mais provável. O fato de a luva perdida estar aqui, prosseguiu ele, voltando-se para Alleyn, — Parece ser um sinal válido.

— Também acho isso, concordou Alleyn. — Muitíssimo obrigado, Sra. Wilde. Desculpe tê-la incomodado. Ele abriu a porta interna, e por ela passaram a Sra. Wilde e Ângela, seguidas pelos homens. Handesley se deteve.

— E sobre o almoço, Sr. Alleyn? Perguntou ele. — Eu ficaria encantado se...

— Obrigado, se desculpou Alleyn, — Mas acho que vou terminar meu trabalho aqui e nos quartos. O carro mortuário chegará à uma e meia. Eu sugeriria, Sir Hubert, que o senhor mantivesse seus hóspedes o maior tempo possível na sala-de-jantar.

— Sim, sim, concordou Handesley, voltando as costas ligeiro. — Compreendo o que o senhor quer dizer. Sim, farei isso. Roberts, o copeiro, entrou no hall e anunciou o almoço, Alleyn esperou até que todos tivessem se ido, pôs a luva no bolso, e subiu para o quarto de Rankin, onde encontrou Bailey já esperando por ele.

— Teve sorte, senhor? Perguntou o perito em impressões digitais.

— Não muita. A luva pertence à Sra. Wilde. Ela a tinha perdido. Provavelmente a empurrou demais para o fundo da gaveta quando esteve aqui antes. Ela usou o outro par ontem e a ideia geral é de que a tenha deixado no saguão lá embaixo. Isso pode ter sido sugerido pela minha suposta descoberta da outra aqui. Porém, parece ser bem provável. Se ela a esqueceu, qualquer um poderia tê-la apanhado. Levantei uma hipótese absurda sobre a vinda do nosso homem lá de fora. Você viu como é a situação do terreno. É praticamente impossível, mas é útil deixá-los pensar que é essa a nossa teoria.

— Teria sido fácil para o mordomo apanhar aquela luva no saguão ou no hall e mantê-la ao lado dele, lembrou Bailey.

— Ah, o seu favorito. Sim, teria, e teria sido igualmente fácil para qualquer um dos outros fazer isso. Retire todas as roupas, sim, Bailey? Droga. Eu tinha esperanças naquela luva.

— A impressão da mão esquerda na ponta do corrimão é do Sr. Wilde, declarou Bailey.

— É? Comentou Alleyn sem entusiasmo. — Você não é o máximo?

— Parece-me, senhor, disse Bailey enquanto abria as portas do guarda-roupa, — Que quem quer que tenha apunhalado o Sr. Rankin, correu um risco enorme. Suponha que ele tivesse se virado e visto o assassino.

— Se era um membro do grupo de convidados, teve apenas de fingir que era o assassino do jogo.

— Como podia ele saber que Rankin não era o “assassino”?

— Havia uma chance de oito para um, disse Alleyn. — O Sr. Wilde era o único que teria tido certeza disso, e ele estava no banho. Mas espere um momento... Havia um outro.

— Sim, senhor... Vassily.

— Um para você, Bailey. Mas Vassily não estava participando do jogo.

— Bem, senhor, acho que ele estava.

— Não estou de todo certo que não concorde com você, sabe? Que temos aqui?

Bailey tinha colocado todos os ternos de Rankin sobre a cama, e estava salpicando de pó branco a jarra de água e o copo. Os dois trabalharam em silêncio por um certo tempo até que Alleyn chegou à última das vestimentas de Rankin: um paletó de smoking. Este, ele carregou para a janela e examinou mais detidamente.

— De um modo geral, observou, — Há muito menos a ser compilado das roupas de um homem com criado de quarto do que das roupas de gente de classes mais baixas. “Altamente recomendável para um homicida de sucesso” seria uma referência eficaz para qualquer criado. Aqui, porém, temos uma exceção. Presumivelmente, o criado de quarto do Sr. Rankin o mandou para cá com um smoking impecável. Na noite de sábado ele já tinha conseguido manchar a frente da roupa com um bocado de base líquida.

— Ardente com as senhoras, me atrevo a dizer, comentou o Sargento Bailey placidamente.

— Ora diabos! Há certos aspectos do nosso trabalho que não são muito agradáveis.

Alleyn apanhou um envelope e um canivete. À força de raspar o paletó com todo cuidado, conseguiu coletar um pouquinho de pó leve, de boa qualidade.

— Posso ter que mandar o paletó para análise, disse ele, — Mas creio que isso será o suficiente. Investigue todos os papéis agora, Bailey, e as gavetas. Depois acho que teremos terminado por aqui.

Ele deixou o companheiro e voltou aos quartos da Sra. Wilde, de Ângela e de Rosamund Grant. Em cada um dos toucadores, encontrou coleção de frascos e caixas. A Sra. Wilde dava a impressão de viajar com metade de um salão de beleza a reboque. O inspetor, que apanhara uma valise no andar térreo, abriu-a e apanhou de dentro dela um sem-número de vidrinhos, dentro de cada um dos quais despejou amostras da base líquida e do perfume. Estes, ele levou de volta ao quarto de Rankin e, apanhando o paletó, o cheirou pensativo.

— Imagino, disse ele a Bailey, — Imagino que seja provavelmente uma mistura de Leite de Gardênia e Chanel n.º 5. A Sra. Wilde e um cheirinho da Srta. Grant, para dizer a verdade. Mas uma análise me corrigirá.

— Alguém, disse Bailey, — Limpou o pó da extremidade externa das escadas, mas não da interna. Há uma marca de luva na ponta do corrimão. O senhor notou isso?

— Como você se prende a essas escadas! Comentou Alleyn.

E com isso finalmente deixou os quartos e desceu para o andar de baixo. No hall, encontrou Nigel.

— O senhor terminou cedo seu almoço, Sr. Bathgate, disse Alleyn.

— Eu sei, explicou Nigel. — Sir Hubert me pôs a par do que estava acontecendo e eu pensei que, se o senhor não se importa, gostaria de... De ver Charles partir.

— Ora, mas é claro. Apenas achei que para as senhoras seria melhor o fato passar o mais despercebido possível. O senhor gostaria de entrar no estúdio?

— Se for possível, por favor.

Então Nigel ficou ali parado, olhando Charles Rankin pela última vez. Nunca tinha visto a morte antes, mas lhe pareceu que ela não era tão estranha assim. Só que achou difícil tocar Charles, gesto que, sem saber por que, se sentiu obrigado a fazer. Esticou a mão e sentiu a frieza pesada da testa do primo. Depois voltou para o hall.

O carro mortuário tinha chegado, e os homens já estavam aguardando. Trouxeram Rankin para fora do estúdio, e em pouco tempo o tinham levado. O Inspetor Alleyn ficou parado nas escadas, ao lado de Nigel, acompanhando o carro até vê-lo desaparecer pela estradinha de acesso à casa. Nigel estava, consciente da presença dele, e achou que ele apreciava sua companhia. Quando o ruído do carro tinha morrido ao longe, ele se virou para falar ao detetive, mas este já se fora. Era Ângela que estava parada no umbral da porta.

— Sei o que esteve acontecendo, disse ela. — Vamos dar uma volta.

— Gostaria muito, agradeceu Nigel. Aonde vamos?

— Acho que a melhor coisa que poderíamos fazer seria ir até os campos que circundam a casa, bem depressa, e depois terminar o passeio com uma boa partida de pingue-pongue.

— Certo, concordou Nigel, e elas saíram.

— Nós precisamos um bocado desse tipo de coisa, comentou Ângela com firmeza, depois de terem andado em silêncio por algum tempo, — Caso contrário nos tornaremos mórbidos.

— Sempre pensei que com você isso seria impossível.

— Bem, você está enganado. Há um riacho no fundo desse campo. Se não estiver muito escorregadio, poderemos pular para o outro lado. Que estávamos dizendo? Ah, sim. Eu e morbidez. Posso assegurar a você que poderia facilmente me tornar mais sombria do que uma novela russa. Oh, pelo amor de Deus, não falemos de russos! O Dr. Tokareff, em minha opinião, é simplesmente ensurdecido.

— Ele é bastante cansativo.

— Nigel! Exclamou Ângela subitamente. — Façamos um pacto. Sejam honestos um com o outro... Quero dizer, sobre o assassinato. Isso ajudará muito. Você concorda? Ou estou sendo incômoda?

— Eu concordo. Estou muito contente que você tenha sugerido isso, Ângela; e como você poderia me ser um incômodo?

— Bem, então está tudo certo. Eu não acho que você tenha matado Charles. Você acha que eu matei?

— Não, afirmou Nigel.

— Quem você acha que fez isso?

— Honestamente, não consigo pensar.

— Mas, insistiu Ângela, — Você deve desconfiar de alguém... Você tem que desconfiar de alguém.

— Suponho, então, que desconfio de Vassily, embora ele tenha me parecido um sujeito muito honesto.

— Sim, eu sei, concordou Ângela. — De uma certa forma, eu penso que foi Vassily quem cometeu o crime, mas não sinto que foi ele.

— Quem você sente que foi, Ângela? Não responda se você não quiser.

— Faz parte do pacto.

— Eu sei, disse Nigel, — Mas você não precisa, se não quiser. Tinham alcançado o minúsculo riacho que corria ao longo da parte mais baixa do campo. O terreno que o margeava estava lamacento e malhado de poças de água.

— Eu quero, assegurou Ângela, — Mas fazer isso será como atravessar o rio.

— Deixe-me carregá-la para o outro lado.

— Não me incomodo de me encher de lama.

— Mas eu me incomodo. Deixe-me carregá-la. Ângela olhou para ele. “Que é isso?”, pensou Nigel confuso. “Eu mal a conheço. Que está acontecendo?”

— Muito bem, disse Ângela, e colocou o braço em volta do pescoço dele.

A lama penetrava em seus sapatos de couro cru e a água batia em seus tornozelos, fria como gelo. Ele não sentia nenhum desses desconfortos, e quando alcançaram o terreno firme, ele continuou a andar, deliciado, até que se aproximaram das árvores.

— Você pode me pôr no chão, falou Ângela perto de seu ouvido.
— Agora mesmo, acrescentou, um pouco alto.

— Sim, é claro, disse Nigel, e obedeceu.

— Agora, continuou Ângela, com a face rosada, — Tendo cruzado o riacho, vou lhe dizer quem eu sinto...

— Espere um momento, pediu Nigel de repente. Detrás deles, vinda do lado do campo que ficava na direção da casa, uma voz o chamava.

— Sr. Bath... Gate! Eles se viraram e viram a Sra. Wilde acenando energicamente. — Há uma ligação de Londres para o senhor, gritou ela.

— Droga! Murmurou Nigel. — Obrigado! Berrou.

— Você terá de voltar, disse Ângela. — Eu vou indo para o celeiro.

— Mas você não me contou...

— Afinal de contas, acho que não direi nada, resolveu Ângela.

* * *

Oito

CONSEGUINDO INFORMAÇÕES DE UMA GAROTINHA

ALIGAÇÃO interurbana de Nigel aconteceu de ser do Sr. Benningden, o advogado da família. O Sr. Benningden era um desses indivíduos pequenos e ressequidos, tão semelhantes à figura tradicional do advogado, que perdiam sua individualidade na perfeita conformação do tipo. Estava muito perturbado pela morte de Charles Rankin. Disso, Nigel, que o conhecia muito bem, podia ter certeza, mas sua voz seca e suas frases bem destacadas nada tinham perdido de sua precisão formal. Ele combinou descer para Frantock na tarde do dia seguinte. Nigel desligou o fone e foi para o celeiro, à procura de Ângela.

No meio-caminho, deparou com Alleyn, que falava com um ajudante de jardineiro. Evidentemente, o inspetor tinha estendido sua investigação dos criados internos aos empregados que trabalhavam fora da casa. Nigel se lembrou de que, no dia anterior, os convidados tinham saído para passear em grupos de dois e três. Vira a Sra. Wilde e Rankin no jardim, e tinha tentado adivinhar se Wilde e Rosamund estariam juntos. Iria Alleyn tentar recapitular os movimentos de cada pessoa? Haveria alguma significação na agrupação? O que, pensou Nigel não pela primeira vez, exatamente pretendia o inspetor? O ajudante de jardineiro dava a mão a uma criança bem pequena, bem suja e bem rosada, de sexo indecifrável, a quem Alleyn olhava com um ar cômico de frustração.

— Sr. Bathgate, chamou o inspetor. — Um momento: Diga-me, o senhor tem jeito para lidar com crianças?

— Eu realmente não sei, respondeu Nigel.

— Bem, não fuja desse modo. Este é Stimson, o terceiro jardineiro, e esta é sua filha... É... Sissy. Sissy Stimson. Stimson está me dizendo que ela voltou ontem do bosque com uma história sobre uma mulher que chorava. Eu quero muito investigar, mas ela é uma testemunha difícil. Veja se consegue ter algum sucesso com ela. Quero saber a identidade dessa dama chorosa, e também de uma pessoa que parece ter saído a passear com ela. Sissy não é exatamente uma criança falante. É, Sissy... O Sr. Bathgate veio aqui para conversar com você.

— Alô, Sissy, saudou Nigel relutante. Sissy se atirou sobre a perna do pai e escondeu o rosto em suas calças pouco convidativas.

— Pare com isso, ralhou Stimson. — Ela é uma criança estranha, senhor, ele continuou, voltando para Nigel. — Tem um temperamento muito esquisito. Agora, se sua mãe estivesse presente, não duvido que ela arrancasse de Sissy toda a história; mas, infelizmente, senhor, a patroa só vai voltar no sábado, e eu não posso dizer que tenha o mesmo jeitinho com a criança que ela tem. Escute, saia daí, está ouvindo, Sissy? Ele moveu a perna desajeitadamente, mas a garotinha se recusou a se desprender.

— Sissy, disse Nigel, se sentindo inadequado e ridículo, — Você gostaria de ganhar uma bela moedinha de prata? Um olhinho maléfico apareceu entre as dobras da calça. Nigel apanhou uma moeda e a segurou no alto com um ar de êxtase simulado.

— Olhe o que eu encontrei, disse ele com um sorriso afetado. Uma espécie de rosnado em falsete saiu da criança arredia.

— Pegou! Disse ela.

— Continue, animou Alleyn. — Esplêndido! Continue.

— Você gostaria de ganhar este pêni de prata? Indagou Nigel, se agachando e segurando um xelim bem perto do rosto da criança. Sissy fez um movimento rápido para agarrar, mas Nigel puxou a mão.

— Não é um pêni... É um xelim, declarou Sissy zombeteiramente..

— Então é! Concordou Nigel. — Bem, olhe aqui, eu darei a moeda a você se você disser a esse moço bonzinho, lançou um olhar vingativo a Alleyn, — O que você viu ontem no bosque. Silêncio mortal.

— Oh! Guinchou o inspetor subitamente. — Encontrei um xelim de prata também. Imagine!

Stimson dava mostras de entusiasmo.

— Vamos, vamos! Ele apressou a filha. — Fale logo, Sis. Diga aos cavalheiros tudo sobre aquela sua senhora que estava chorando no bosque; eles darão a você duas moedas. Vamos! Sissy saíra de seu abrigo e estava balançando seu corpinho inteiriço de um lado para outro.

— Ela era uma senhora grande? Perguntou Alleyn.

— Não! Choramingou Sissy.

— Ela era uma senhora pequena? Perguntou Nigel.

— Não!

— Bem, vejamos, aproximadamente... Começou o inspetor, mas se conteve. — Ela estava sozinha? Indagou ele.

— Eu vi uma senhora, declarou Sissy.

— Sim, sim, excelente. Até agora, muito bom. Agora, esta senhora estava só? Completamente só? Entoou Alleyn numa espécie de toada longínqua. — Completamente só? Sissy olhou para ele.

— Ela estava... Ela estava sozinha, sem ninguém? Perguntou Nigel, tentando imitar a voz de uma criancinha.

— Não! Respondeu Sissy.

— Tinha mais alguém com a senhora?

— Tinha sim.

— Outra senhora? Sugeriu Nigel.

— Não. Senhoras não vão para o bosque com outras senhoras. Stimson riu de um modo grosseiro.

— Ela não é um número, senhor? Perguntou ele.

— Vamos, disse Alleyn com energia. — Nós estamos chegando lá. A senhora estava com um senhor? Nigel teve de repetir a pergunta.

— Tava sim, concedeu Sissy.

— Que tipo de senhor? Começou Alleyn. Sissy tentou outra vez agarrar a moeda de Nigel e, de repente, soltou um berro impetuoso.

— Ele era um homem grande? Perguntou Nigel, afastando-a dela.

— Me dá o xelim! Berrava Sissy. — Uaaa! Me dá o xelim! A menina berrou de um modo lancinante e se atirou de cara no chão, onde ficou gritando e debatendo as pernas.

— Isso acaba com tudo, preuiu Stimson sombriamente.

— Que estão vocês fazendo a essa pobre criança! Bradou uma voz indignada, e Ângela veio correndo pela varanda. Num momento, estava ajoelhada no chão, e tinha Sissy aninhada nos braços. A menina se grudou em volta do pescoço de Ângela e enfiou o rostinho sujo na blusa da moça.

— Leve embora esses homens maus! Soluçava, — E me dê os xelins!

— Minha pobrezinha, consolou Ângela em tom triste. — Por que vocês a estiveram aborrecendo? Perguntou em tom feroz a Nigel e Alleyn.

— Não estivemos fazendo nada de mal, rebateu Nigel de mau humor. — Estivemos, Stimson?

— O senhor não pretendeu isso, não, concordou Stimson. — O caso é esse, senhorita, ele explicou — Sissy viu uma dama e um cavalheiro no bosque, e a dama estava chorando, e este cavalheiro quer saber os detalhes do ocorrido. E a jovem Sis, ela se tornou rançosa conosco, senhorita.

— Não era para menos, comentou Ângela. — Deem-me esse dinheiro com que vocês a estiveram atormentando. Alleyn e Nigel lhe passaram os xelins.

— Está aqui, minha joia, murmurou Ângela. — Nós não diremos nada a eles a respeito disso. Será um segredo de nós duas. Você cochicha no meu ouvido como era aquele pessoal bobo lá do bosque. Você não precisa esperar, Stimson. Eu a levarei para a cabana.

— Pois não, senhorita, se retirou Stimson, obediente. Sissy aparentava estar soprando qualquer coisa ferozmente no ouvido de Ângela.

— Uma senhora com um lindo chapéu vermelho, sussurrou Ângela. — Pobre senhora! Acho que um bichinho a mordeu, você não acha? Ele era um senhor alto? Alleyn tinha apanhado às pressas seu livro de notas. Sissy cochichava com vontade dentro dos cabelos de Ângela.

— Era um senhor gozado, relatou Ângela. — Por que ele era gozado? Simplesmente gozado. Você viu outra senhora esta tarde, viu? O que ela estava fazendo, querida? Apenas andando. Muito bem! Foi um segredo muito bonito, e agora vamos para casa.

— Consegui um segredo muito bonito, também, declarou surpreendentemente o Detetive-Inspetor Alleyn.

Sissy, que tinha se soltado de Ângela, lhe dirigiu os olhos cheios de água. O inspetor se acorou de repente ao lado dela e fez uma ligeira careta de modo que uma sobrancelha negra e fina chegou até a testa. Sissy deu uma risadinha. A sobrancelha voltou ao lugar.

— Mais! Pediu Sissy.

— Não vou fazer mais a não ser que você cochiche um pouco mais a respeito do cavalheiro que você viu no bosque, barganhou Alleyn.

Sissy atravessou gingando a vereda e pousou uma mãozinha gorda e suja de terra no rosto do inspetor. Ele se encolheu um pouco e acenou com a cabeça. Sissy cochichou. A sobrancelha se ergueu.

— Taí! É assim que se faz, mostrou Alleyn com a sobrancelha, — E se nós fôssemos até o bosque, quem sabe se ela não faria isso de novo? Sissy olhou por cima do ombro para Ângela.

— Quero ir pro bosque, resolveu ela prontamente. Alleyn carregou a criança no colo.

— Pode nos dispensar, Srta. North? Perguntou ele com polidez.

— Certamente, Inspetor Alleyn, redarguiu Ângela com frieza. O inspetor bateu uma continência com sua mão livre e saiu andando pela vereda, com os braços de Sissy cruzados amorosamente em volta de seu pescoço.

— Extraordinário! Exclamou Nigel.

— Nem um pouco, discordou Ângela. — A criança parou de teimar, foi só.

— Podemos jogar pingue-pongue? Convidou Nigel.

— É claro, aceitou a Srta. North.

A primeira atitude de Alleyn ao retornar a Frantock de sua sessão com a Srta. Stimson foi se lavar esmeradamente no lavabo do andar térreo. Então deu uma repassada em uma de suas anotações feitas durante o que ele chamou de “inspeção do guarda-roupa” naquela manhã, leu um certo registro com referência a um chapéu vermelho, e indagou de Ethel se ele podia falar com a Srta. Grant. Soube que o Dr. Young a estava atendendo em seu quarto.

— Esperarei pelo Dr. Young, declarou Alleyn, se sentando no hall.

Ele não estava lá há muito tempo quando Wilde entrou, vindo do jardim. Ele hesitou, como aliás faziam todos eles, ao ver o inspetor, e então perguntou se ele estava esperando por alguém.

— De fato estou esperando pelo Dr. Young, confirmou Alleyn, — Mas também queria ver Sir Hubert. Será que o senhor sabe onde ele se encontra, Sr. Wilde? O arqueólogo alisou o cabelo em sentido contrário, um gesto característico seu.

— Ele estava... Lá dentro, disse ele apontando para a porta do estúdio.

— No estúdio?

— Sim.

— É mesmo? De alguma forma devo tê-lo perdido de vista, comentou o inspetor de modo ambíguo. — Quando ele entrou?

— Logo depois que levaram... Charles... Embora, esclareceu Wilde. — Ele pode estar lá ainda. O senhor gostaria que eu fosse lhe perguntar se ele pode vê-lo, inspetor?

— Muito obrigado, agradeceu Alleyn.

Wilde abriu a porta do estúdio e espiou para dentro. Evidentemente, Handesley ainda estava lá, pois Wilde entrou e Alleyn ouviu suas vozes. Esperou uns poucos minutos, e logo Wilde reapareceu. Alleyn achou que ele parecia levemente chocado.

— Ele já está vindo, anunciou com um aceno para o inspetor, e subiu para o andar de cima. Handesley saiu do estúdio. Tinha uma folha de bloco na mão.

— Ah, aí está o senhor, Inspetor, disse ele. — Acabei de apanhar uns papéis que eu queria. Ele hesitou e depois prosseguiu com dolorosa deliberação. — Era impossível entrar na sala enquanto o corpo do Sr. Rankin estava lá.

— Posso entender isso muito bem, replicou Alleyn.

— Este, continuou Handesley, apresentando o papel é o documento que mencionei esta manhã. O testamento que o Sr. Rankin assinou ontem, deixando a adaga para mim. O senhor mostrou por palavras que gostaria de vê-lo.

— O senhor me facilitou as coisas, Sir Hubert, disse Alleyn. — Pretendia pedi-lo ao senhor. Ele apanhou o papel e o leu por inteiro, na maior impassibilidade.

— Acredito que, disse Handesley, que estava com o olhar perdido na porta da frente, — Acredito que, embora a coisa tenha sido feita mais ou menos na base da galhofa, se constitua realmente num documento legal?

— Não sou nenhum advogado, replicou Alleyn, — Mas quero crer que está tudo em ordem. Posso mantê-lo comigo por enquanto?

— Sim, é claro. Acha que mais tarde posso tê-lo de volta? Gostaria de guardá-lo. Ele se calou, logo se apressando a acrescentar: — O senhor sabe, esta foi a última coisa que ele escreveu.

— Certamente, concordou Alleyn imperturbável. O Dr. Young surgiu no topo da escada e a seguir desceu.

— Posso ver sua paciente, Dr. Young? Quis saber Alleyn. O médico desempenhava a proeza conhecida nos livros de enfermagem vitoriana como “parecer grave”.

— Ela não está muito bem, disse meio incerto. — Isso é necessário?

— Não seria pedido, caso não fosse, respondeu Alleyn em tom amistoso. — Não levará muito tempo, e eu tenho um jeito todo especial de lidar com acamados.

— Ela está muito nervosa. Gostaria que ficasse sozinha um pouco... Mas, é claro...

— É claro que o Sr. Alleyn precisa vê-la, interferiu Handesley. — Isso não é hora para crises de nervos, Doutor Young.

— Bem, Sir Hubert...

— Estou muito decidido a esse respeito, declarou Handesley enfaticamente. — Rosamund é uma jovem de temperamento forte; não é provável que deixe que seus nervos a dominem. Quanto mais cedo o inspetor terminar seu trabalho, melhor será para todos nós.

— Gostaria que todos pensassem assim, garantiu Alleyn. — Não levará mais que 10 minutos, Dr. Young. E subiu sem esperar pela resposta do médico.

Rosamund Grant respondeu à sua batida na porta com sua voz habitual, forte e grave. Ele entrou e a encontrou deitada na cama. Seu rosto estava terrivelmente pálido e toda a cor parecia ter fugido de seus lábios. Mas ela reagiu com bastante tranquilidade ao ver quem era seu visitante, e o convidou a se sentar.

— Obrigado, disse Alleyn, apanhando uma cadeira de braços e sentando entre a cama e a janela. — Lamento que a senhorita esteja acamada, Srta. Grant, ele começou no seu jeito formal, — E lamento mais ainda ter que perturbá-la. Frequentemente, tenho me perguntado que trabalho é mais absurdamente indecente, se o de um detetive ou de um jornalista.

— O senhor deveria comparar suas anotações com as de Nigel Bathgate, rebateu Rosamund Grant. — Não, acrescentou ela num modo cansado, — Que ele esteja tentando arrancar histórias de nós. Creio que mesmo o jornalista mais ávido não tenta conseguir um bom artigo do

assassinato de seu primo, especialmente quando ele acontece de ser seu primo herdeiro.

— O Sr. Bathgate é a única pessoa da casa de quem eu afastei as suspeitas definitivamente, declarou Alleyn.

— É verdade, respondeu ela com aspereza. — E eu encabeço a lista de suspeitos, Inspetor Alleyn?

Alleyn cruzou as pernas e pareceu deliberar. Houvesse uma terceira pessoa à cabeceira de Rosamund Grant e ela teria pensado consigo mesma como são estranhamente secretos os pensamentos dos seres humanos. Seria impossível ler que agonias mentais torturavam a mente daquela mulher pálida e rude. Seria impossível ver, por trás do rosto sombrio do detetive, os arquivos de seu cérebro.

— Acho, disse ele por fim, — Acho que foi má ideia sua aquela de tentar me enganar no julgamento encenado esta manhã. Esse tipo de coisa cria uma má impressão. Muito melhor seria me contar aonde a senhorita foi depois do banho, ontem à noite. A senhorita não foi para seu quarto. Florence a viu voltando de algum outro lugar ao longo do corredor. Srta. Grant... Onde esteve a senhorita?

— Não lhe ocorreu que... Que poderia haver uma explicação perfeitamente óbvia e natural que teria sido embaraçosa para mim no julgamento? Insinuou Rosamund.

— Oh, isso não faz sentido, argumentou Alleyn severamente. — A senhorita não é do tipo de recorrer à gentileza vitoriana com uma acusação dessa espécie em debate. Isso eu não acredito. Diga-me onde esteve, Srta. Grant. Não posso forçá-la a responder, mas eu a aconselho seriamente a fazê-lo. Silêncio. — Então me diga, continuou Alleyn, com quem a senhorita saiu a passear pelo bosque, usando seu chapéu vermelho, e chorando tão amargamente.

— Não posso lhe dizer, se negou Rosamund impetuosamente. — Não posso... Não posso.

— Como quiser. Alleyn aparentou uma súbita indiferença. — Talvez antes de eu ir embora, a senhorita me dê alguns detalhes de maior

importância a seu respeito. Ele apanhou seu livro de notas. — Há quanto tempo conhecia o Sr. Rankin?

— Seis anos.

— Uma amizade bem longa... A senhorita não era bem adulta quando o conheceu.

— Eu estava em Newnham; Charles era quase 20 anos mais velho que eu.

— Em Newnham? Repetiu Alleyn, com um interesse polido. — A senhorita deve ter estado com uma minha prima... Christina Alleyn. Rosamund Grant esperou alguns segundos antes de responder.

— Sim, disse ela por fim, — Sim... Eu me lembro dela, eu acho.

— Ela está formada em Química, agora, acrescentou ele — e mora num apartamento ultramoderno em Knightsbridge. Bem, eu serei engolido vivo pelo Dr. Young se ficar aqui por mais tempo. Pôs-se de pé e ficou parado ao lado da cama. — Srta. Grant, continuou, — Esteja avisada. Pense no assunto. Virei aqui amanhã. Procure se decidir a me contar onde esteve imediatamente antes do Sr. Rankin ser morto. Ele caminhou para a porta e a abriu. — Pense bem, repetiu e se retirou.

Marjorie Wilde e seu marido estavam parados na passagem.

— Como está ela? Perguntou Marjorie ansiosamente. — Quero entrar para vê-la.

— Receio que a Sra. não deva ter esperanças nesse sentido. É estritamente contra as ordens, respondeu Alleyn num jeito jovial.

— Está vendo, Marjorie? Falou Wilde. — O que eu lhe disse? Espere até você ver o Dr. Young. Estou certo que Rosamund não quer visitas.

— O senhor a viu! Disse a Sra. Wilde para Alleyn. — Eu pensaria que essa foi uma visita pior do que as comuns.

— Marjorie, querida! Recriminou Wilde.

— Oh, todos amam um policial, comentou Alleyn. — Ela ficou radiante ao me ver.

— Marjorie! Bradou a voz de Ângela da escada. A Sra. Wilde olhou do marido para o inspetor. — Marjorie! Chamou Ângela outra vez.

— Estou indo! Respondeu a Sra. Wilde subitamente. — Estou indo! E virou as costas e se encaminhou ligeira para a escada.

— Sinto pelo que ela disse, se desculpou Wilde, parecendo perturbado. — Ela está um pouco fora de si, e tinha resolvido ver a Srta. Grant. Tudo isso é uma experiência horrível para uma mulher.

— É, de fato, concordou Alleyn. — O senhor vai descer, Sr. Wilde? Wilde relanceou o olhar para a porta fechada.

— Sim, certamente, disse ele e desceram juntos.

Alleyn tinha terminado por Frantock, por enquanto, mas não se sentia no direito de chamar a isso de um dia. Seu próximo passo foi ir ao posto policial de Little Frantock, onde fez uma chamada interurbana para Londres. Esperou um minuto e depois falou pelo fone:

— Christina! Disse. — É você? Que sorte! Olhe aqui, você pode me ajudar, se puder. É o seu primo da polícia, e ele está em apuros, minha querida. Afaste sua cabecinha de átomos e bicarbonato de sódio, volte seis anos no tempo e me conte tudo... Tudo o que você possa se lembrar sobre Rosamund Grant, que esteve em Newnham com você.

Uma voz em miniatura crepitou no outro lado do fio.

— Sim, ia dizendo Alleyn, pegando seu lápis e endireitando o bloquinho de recados ao lado do telefone, — Sim.

A voz se estendeu na narração. Alleyn prolongou a chamada. Escrevia laboriosamente e, pouco a pouco, uma expressão curiosa, entre ansiosa, duvidosa e muito concentrada, tomou conta de seu rosto. Um jeito dele de ser com o qual todos estavam muito acostumados na Yard.

* * *

Nove

EPISÓDIO NO JARDIM

— Se não se importa, disse Nigel ao velho Sr. Benningden, — Eu o acompanharei até o portão de entrada.

— Com prazer, meu caro, replicou o advogado, com apressada cordialidade. Trancou com um estalido o fecho de sua pasta, tirou do rosto seu pince-nez, olhou-os severamente, lançou um rápido olhar a Nigel, e apanhou seu casaco e chapéu das mãos de Robert.

— Vamos, disse ele decidido, se encaminhando para a porta.

— Você sempre foi do tipo imaginativo e sensível, comentou o Sr. Benningden, enquanto desciam a alameda de acesso ao casarão. — Lembro-me da tremenda preocupação de sua mãe a respeito disso; mas eu a tranquilizava afirmando que seus problemas infantis eram tão aflitivos como efêmeros. Logo você superará essa antipatia ridícula por aceitar o seu legado.

— Tudo é tão detestável, se defendeu Nigel. — Eu sei que eles não podem suspeitar de mim de forma alguma, mas... Eu não sei. Isso não é pior do que a ideia geral. Beneficiar-me de um assassinato sórdido.

— Sir Hubert Handesley e o Sr. Arthur Wilde também são legatários... Eles provavelmente sentem o mesmo em relação a tudo isso, mas decerto encararam o assunto de uma maneira muito mais racional. Siga o exemplo deles, meu caro Nigel.

— Muito bem. De certo modo, ficarei feliz pelo dinheiro, é claro.

— Claro, claro. Não pense que sou insensível a sua posição delicada.

— Oh, Benny! Ralhou Nigel, meio afetivo, meio irritado. — Pare de falar como o velho advogado da família. Realmente, você é deveras inacreditável!

— É mesmo? Replicou o Sr. Benningden com ar amigável. — Isso possivelmente se tornou automático em mim.

Continuaram a caminhar em silêncio até que Nigel lhe perguntou abruptamente se ele sabia qualquer coisa da vida de seu primo que pudesse justificar o assassinato.

— Não quero trair nenhum segredo, é lógico, se apressou a acrescentar, — Você não daria muita atenção se eu fizesse isso. Mas Charles tinha um ou mais inimigos?

— Eu me tenho feito essa pergunta desde que aconteceu esse crime horrível, respondeu o Sr. Benningden, — Mas não posso pensar em coisa alguma. As relações de seu primo com mulheres eram, vamos dizer, de caráter um pouco efêmero, meu caro Nigel; mas assim são as de muitos solteirões de sua idade. Mesmo este aspecto de sua vida, eu esperava, estava prestes a ser estabilizado. Ele veio até mim dois meses atrás e, depois de uma série de circunlóquios, me deu a entender que estava pensando em matrimônio. Acho que posso chegar ao ponto de afirmar que ele me fez uma ou duas perguntas a respeito de um arranjo matrimonial, e tudo o mais.

— Ora diabos, ele fez isso! Exclamou Nigel. — Quem era a moça?

— Meu caro rapaz, não creio...

— Era Rosamund Grant?

— Realmente, Nigel... Bem, confidencialmente, afinal, por que não? Sim, o nome da Srta. Grant foi... Ah, apareceu a respeito disso.

— Ele o mencionou mais recentemente?

— Eu me arrisquei a levantar o assunto há umas duas semanas, quando ele me consultou sobre a renovação do aluguel de sua casa. Ele me respondeu, conforme eu pensei na ocasião, de um modo estranho.

O Sr. Benningden balançou seu guarda-chuva defronte de si como se o estivesse apontando para seu próprio relato.

— Ele usou, pelo que posso me recordar, as seguintes palavras: “Não dá, Benny; fui pego de surpresa e perdi minha licença”. Perguntei-lhe o que ele queria dizer com isso, e ele riu, de modo muito amargo, e disse que casar com uma mulher que o compreendia era um suicídio emocional, uma frase que tinha a vantagem de soar bem e não significar coisa alguma.

— Isso foi tudo?

— Eu o pressionei um pouco mais, continuou o Sr. Benningden pouco à vontade, — E ele disse que tinha como inimiga uma mulher que ainda o amava, e acrescentou qualquer coisa sobre paixões de grandes óperas e sobre sua preferência pela comédia musical. Parecia muito amargo e, poderia dizer, quase alarmado. — O assunto morreu e não nos referimos a ele até a hora de ele ir embora. Lembro-me que nós nos apertamos as mãos e ele disse: — Adeus, Benny. Controle sua curiosidade. Eu posso prometer me reabilitar, mas isso será a minha morte. O Sr. Benningden parou de repente, encarando Nigel. — Ele me disse isso de uma maneira alegre e irresponsável, acrescentou. — Acabou de me ocorrer o quanto pode soar estranho agora que ele está morto. Ah, bem, não tem nenhuma importância, me atrevo a dizer.

— Provavelmente não, concordou Nigel meio abstraído. — Aqui estão os portões, Benny. Avise-me se houver algo que eu possa fazer.

— Sim, sim, é claro. Vou me encontrar com o Detetive-Inspetor Alleyn na chefatura de polícia. Ele é um homem muito capaz, Nigel. Tenho certeza de que a morte de seu primo não ficará sem vingança.

— Receio, disse Nigel, — Que a este respeito eu também tenha um pouco do instinto das grandes óperas. Minha única esperança é que Charles não tenha sido assassinado por nenhum de seus amigos. Aquele velho mordomo, o russo... Por que a polícia não faz alguma coisa a respeito dele?

— Estou certo de que eles estão se esforçando nesse sentido, rebateu o Sr. Benningden secamente. — Adeus, meu caro. Estarei aqui

para o inquérito, é claro. Enquanto isso, até lá.

Nigel caminhou devagar de volta ao casarão. A perspectiva de passar o resto da tarde dentro da casa não era muito atraente. A reunião de amigos persistia com uma horrível individualidade póstuma. A natureza grotesca de sua familiaridade forçada estava começando a dar nos nervos de todos os hóspedes. Nigel tinha consciência de suas suspeitas estranhas e horrendas se infiltrando como fermento em suas mentes. Frantock tinha se tornado envenenado. Estava ansioso por sair dali, e com esse pensamento em mente, se desviou da alameda, e desceu o caminho que levava ao bosque. Não tinha ido muito longe quando uma curva do caminho revelou um banco verde e, sentada nele, curiosamente enroscada, a figura de Rosamund Grant.

Nigel a vira muito pouco desde a tragédia. Assim que a inspeção oficial aos seus quartos tinha acabado, Ângela e o Dr. Young a tinham levado para cima, e lá ela ficara, pelo que sabia Nigel, desde então. Ela ergueu a cabeça e o viu. Sentindo que não podia voltar atrás, e consciente do horrível comedimento que estava havendo entre ele e todos os demais, ele se encaminhou para ela e fez qualquer indagação convencional a respeito de sua saúde.

— Melhor? Ela repetiu em sua voz grave, de inflexão decrescente.
— Oh, sim, estou melhor, obrigada. Eu me reunirei ao seu alegre grupinho lá, a tempo para o inquérito sobre o assassinato de seu primo.

— Não! Exclamou Nigel. Ela recuou com impaciência.

— Dei algum fora? Ironizou ela. — Vocês não falam do assassinato entre vocês? Ângela e eu falamos a respeito, ou melhor, Ângela fala e eu escuto. É uma pessoa estranha, essa Ângela. Nigel não deu resposta. Ela o fitou detidamente. — Sobre que você está pensando? Quis saber ela.
— Você está se perguntando se eu o matei?

— Todos nós suspeitamos uns dos outros, o dia todo e metade da noite, retrucou Nigel bruscamente.

— Eu não.

— Você é mais afortunada.

— Eu só fico imaginando o que está fazendo esse tal de Alleyn, o que está concluindo desse emaranhado de detalhes, a que conclusão exata e terrível está chegando. Dizem que a Yard nunca se engana em suas deduções, embora estas, às vezes, não cheguem a resultados concretos. Você acredita nisso?

— Minha única informação é baseada em contos detetivescos, respondeu Nigel.

— A minha também. Rosamund riu baixinho, fazendo estremecer seus ombros estreitos. — E hoje em dia eles têm seus homens da Yard tão naturalistas, que chegam a ser incríveis. Esse homem, Alleyn, com sua presença distinta, sua voz educada e sei lá o que mais, tem modos eduardianos. Ele me intimida com tanta haute noblesse que é quase uma honra ser torturada. Oh, Deus, oh, Deus, gostaria que Charles não estivesse morto! Nigel permaneceu em silêncio e, após um momento, ela recomeçou a falar. — Há uma semana, confessou, — Não, há três dias... Eu pensei comigo mesma, bem a sério, entende, que ficaria contente se soubesse que ele ia morrer. Agora... Agora estou horrorizada.

— Que quer você dizer? Nigel a interrompeu e, no mesmo instante se corrigiu. — Não... Não me diga sem ter certeza de que não se arrependerá mais tarde.

— Só lhe digo isto, segredou ela, — Não é do detetive que estou com medo.

— Então por que razão você não vai até ele e conta o que sabe?

— Quê? E me trair!

— Não entendo você, comentou Nigel com ênfase. — Por que não conta a Alleyn o que fez quando subiu? Nada pode ser mais perigoso que o seu silêncio.

— Suponha que eu diga que fui ao encontro de Charles?

— Isso? Por que razão?

— Vem vindo alguém, disse ela apressada.

Houve de fato um leve som de passos além das árvores. Rosamund se levantou quando, seguindo a curva do caminho, chegou Marjorie

Wilde. Usava um casacão preto, mas estava sem chapéu. Quando os viu, parou abruptamente.

— Oh... Alô, saudou ela. — Não sabia que vocês dois estavam aqui fora. Você está melhor, Rosamund?

— Sim, obrigada, respondeu Rosamund, encarando-a. Caiu um pesado silêncio entre eles. De repente, a Sra. Wilde pediu um cigarro a Nigel.

— Estávamos tendo um bate-papo amigável a respeito do assassinato, explicou Rosamund. — Quem você acha que o cometeu? A Sra. Wilde levou a mão até a face, seus lábios entreabertos, deixando ver uma linha de dentes cerrados. Sua voz, geralmente tão estridente, soou por fim num quase sussurro.

— Não consigo entender você... Como pode falar sobre o assunto dessa maneira... Ou de qualquer outro modo?

— Você está fazendo o papel da mulher que ficou profundamente chocada, disse Rosamund. — Você está realmente sentida, espero eu, mas não do jeito que quer nos dar parecer.

— Como você gosta! Exclamou a Sra. Wilde. — Como você gosta de falar por falar, coisas tontas, aparentemente muito inteligentes, que fazem você se sentir superior. Estou saturada de espertezas.

— Todos nós estamos saturados uns dos outros, intercedeu Nigel com desespero, — Mas pelo amor de Deus, não vamos nos dizer isso a toda hora. Coisas ditas parecem tão reais.

— Não me importo em quantas vezes tenha de dizer quem fez essa barbaridade, se apressou a rebater a Sra. Wilde. — É óbvio. Foi Vassily. Ele ficou furioso por Charles possuir a faca. Nunca gostou de Charles. E fugiu. Por que não o prendem e nos deixam ir embora?

— Vou indo, anunciou Rosamund subitamente. — O Dr. Young vai chegar aqui às quatro e meia para continuar com sua cura dos efeitos pós-assassinato. “A mesma receita de antes”. Ela se afastou ligeira como se estivesse fugindo de algo.

— Você viu Arthur por aí? Indagou a Sra. Wilde.

— Acho que ele está lá dentro, respondeu Nigel.

— Acho mesmo que os homens são extraordinários. Essa era evidentemente uma das frases do estoque da Sra. Wilde. — Arthur não parece compreender como estou me sentindo diante disso tudo. Ele me deixa sozinha por horas e horas enquanto ele e Hubert ficam lendo a história da política russa. É realmente muito egoísta da parte dele, e que bem pode fazer?

— Na certa pode ter muito a ver com o caso, disse Nigel.

— Eu deveria ter imaginado... Oh, lá está ele, ela exclamou. Seu marido tinha saído para o terraço e estava caminhando devagar de um lado para outro, fumando. Ela se precipitou em sua direção.

— Pobre Arthur! Murmurou Nigel consigo mesmo.

Continuou a caminhar ao longo da vereda, que descrevia uma volta larga, desde a entrada principal até o pomar, nos fundos da casa. Um odor agradável e acre de folhas queimando pairava no ar. Além do muro do pomar, onde um bosque crescia irregularmente, orlado por árvores, uma fina espiral de fumaça azul ondulava e se esgarçava em pedacinhos. Ele deu uma volta pela parte externa do pomar, no rumo dela. Ao dobrar a esquina do muro, viu que alguém estava a sua frente. O vulto era inconfundível... O Dr. Tokareff andava apressado ao longo da pequena trilha, em direção ao bosque.

Num impulso, Nigel se escondeu num vão de porta baixo, no muro. Não se sentia capaz de ouvir naquele momento outra das acaloradas dissertações do russo sobre a vilania dos métodos da polícia inglesa, e pensou que lhe daria um bom tempo para se afastar. Só depois de um minuto ou dois é que Nigel começou a se perguntar o que pretendia Tokareff. Havia algo de estranho em seu modo de agir, levemente furtivo; e o que estava ele carregando? Rindo-se um pouco daquilo, Nigel resolveu esperar até que o russo voltasse. Curvou-se sobre o portão fechado e se sentou de modo a ficar de costas para o muro de tijolos aquecidos pelo sol do pomar. Uma maçã enrugada jazia sobre a relva mirrada onde ele estava sentado. Ele mordeu a polpa macia. Tinha um gosto farinhento e doce de estragada.

Deve ter esperado ali por uns 10 minutos e estava começando a ficar impaciente, quando novamente ouviu o passo firme e leve. Encostando-se contra o muro, viu então de relance Tokareff sair correndo pela trilha, não mais carregando coisa alguma.

— E melhor prevenir que remediar, disse Nigel com seus botões, e esperou mais uns dois minutos, tomando depois a trilha, rumo o bosque.

Não tinha ido longe quando chegou à fonte da fumaça azul. Uma pequena fogueira, como as que os jardineiros constroem de arbustos e folhas umedecidas, crepitava numa clareira. Nigel a examinou de perto. Parecia que alguém a tinha remexido com o ancinho, e ela tinha agora um cheiro menos agradável. Ele empurrou a camada superior de lixo queimando para um lado, e então, num reconhecimento imediato, viu um bloco de notas encrespado, já meio carbonizado.

— Puxa! Exclamou Nigel, apanhando uma página do fogo e a examinando excitado. Estava coberta com ridículos sinais feitos a caneta-tinteiro que se sentiu inclinado a considerar russos. No auge da excitação, respirando irregularmente, acabou por se sufocar com a fumaça. Ofegando, espirrando e queimando os dedos, arrancou do fogo o resto de papel e começou a pular com ele nas mãos. Seus olhos lacrimejavam e ele tossia de modo insuportável. — O senhor entende de danças de guerra, Sr. Bathgate? Perguntou uma voz além da fumaça.

— Pelas barbas de Netuno! Deixou escapar o arquejante Nigel, se sentando sobre o troféu.

O Inspetor Alleyn se curvou sobre ele em meio à fumaça.

— Duas mentes, mas um único pensamento, disse sua voz educada. — Eu mesmo ia tentar um pequeno salvamento.

Nigel ficou sem fala, mas lhe entregou os papéis. Alleyn os apanhou e examinou.

— São velhos conhecidos, reconheceu ele, — Mas acho que os guardarei desta vez. Muito agradecido, Sr. Bathgate.

* * *

Dez

PELE NEGRA

PARA OS MEMBROS do grupo de convidados em Frantock, os dias que antecederam o inquérito pareceram ter evitado as dimensões de tempo e entrado na eternidade. Alleyn recusou a oferta de Sir Hubert de um quarto, e estava supostamente hospedado no quartel-general de Frantock, no vilarejo. Ele aparecia em horas diferentes e em lugares diferentes, sempre com um ar de ligeira preocupação, invariavelmente cortês, completamente desligado de sentimentos. Rosamund Grant foi informada pelo Dr. Young de que estava sofrendo um severo abalo nervoso, e mantida em seus aposentos. A Sra. Wilde estava rabugenta, com uma tendência ao histerismo. Arthur Wilde passava a maior parte do tempo respondendo a suas perguntas, ouvindo suas queixas e se encarregando de pequenas missões inúteis a mando dela. Tokareff os deixou todos dementes com suas advertências dementes, e aborreceu Ângela seriamente ao tomar repentinamente uma tendência a fazer uma espécie de romance teatral com ela.

— Ele está louco, só pode ser, disse ela a Nigel na quarta-feira de manhã, na biblioteca. — Imagine! Um flerte com a acusação de assassinato pairando sobre nossas cabeças.

— Todos os russos sempre me pareceram um pouco amalucados, acrescentou Nigel. — Veja o caso de Vassily. Você acha agora que foi ele que fez isso?

— Tenho certeza que não. Os criados dizem que ele entrou e saiu da copa o tempo todo, e Roberts, o outro empregado, afirma ter falado a Vassily lá dentro dois minutos antes de soar o gongo.

— Então por que ele fugiu?

— Acho que foram os nervos, concluiu Ângela pensativa. — Tio Hubert sempre diz que todos os russos da idade e da classe de Vassily são apavorados com a polícia.

— Todos os outros acham que foi ele, Nigel aventurou.

— Sim, e Marjorie afirma isso umas 40 vezes por dia. Oh, meus Deus, como estou ficando irritadiça!

— Você é uma... Uma maravilha, arrematou Nigel nervoso.

— Não comece! Falou a Srta. Northon misteriosa. Ela ficou em silêncio por um momento, e depois explodiu: — Oh, pobre Charles! Pobre do velho Charles... É tão horrível estar agradecida por ele o terem levado. Nós sempre ficávamos tão tristes quando ele se ia e, pela primeira vez desde a tragédia, ela explodiu numa crise de soluços incontroláveis. Nigel desejou ardentemente colocar os braços em torno dela. Ele permaneceu a seu lado, murmurando:

— Ângela, meu bem. Por favor, Ângela... Ela lhe estendeu a mão às cegas, e ele a tomou entre as suas. Uma voz foi ouvida no hall lá fora, e Ângela, se pondo de pé, saiu correndo da sala. Ao segui-la, Nigel deu de encontro com Alleyn no hall.

— Espere um segundo, pediu o detetive. — Queria ver o senhor. Entre na biblioteca. Nigel hesitou e depois o seguiu.

— Que aconteceu à Srta. North? Quis saber Alleyn.

— Que aconteceu a todos nós? Rebateu Nigel. — É o bastante para deixar qualquer um abatido.

— É uma pena no que lhe diz respeito! Comentou Alleyn sarcástico. — Que acharia de ser um detetive, o trabalho mais ordinário da criação?

— Não me importaria de trocar de lugar com o senhor, afirmou Nigel.

— Não se importaria, então! Bem que você pode se iniciar nele, já que está tão ansioso. Todo investigador deve ter um meio-louco manso,

para fazê-lo sentir-se esperto. Eu lhe ofereço o emprego, Sr. Bathgate... Nenhum salário, mas uma percentagem da honra e da glória.

— O senhor é muito bondoso, disse Nigel que nunca soube muito bem como se situar em relação a Alleyn. — Devo concluir com isso que eu fui afastado da sua lista de suspeitos?

— Oh, sim, grunhiu o detetive cansadamente. — Você está fora. Ethel, a Inteligente, falou com você meio segundo antes de as luzes se apagarem.

— Quem é Ethel, a Inteligente?

— A segunda criada.

— Oh, é verdade, gritou Nigel. — Eu me lembro agora; ela estava lá, realmente, quando as luzes se apagaram. Tinha me esquecido dela.

— Bem, você é um sujeito brilhante. Uma garota bonita constrói um álibi para você e você se esquece dela.

— Suponho que o Sr. e a Sra. Wilde estejam fora de suspeita, também? Indagou Nigel.

— Veja Florence, a Que Enxerga Longe. Você pode, não pode? Vamos dar uma volta até o portão?

— Como quiser. Um cavalheiro de impermeável estará lá fingindo colher plantas para estudo, nas grades de ferro.

— Um de meus leais ajudantes. Não importa, um passeio lhe fará bem. Nigel acedeu e eles saíram ao sol fraco.

— Sr. Bathgate, disse Alleyn serenamente, — Cada membro desta casa está ocultando alguma coisa de mim. O senhor mesmo está fazendo isso, sabe?

— Que quer o senhor dizer?

— Exatamente o que estou dizendo. Olhe aqui, vou ser franco com o senhor. Esse assassinato foi cometido por alguém da casa. Roberts trancou a porta da frente às seis e meia, um hábito regular seu, pelo que aparenta, e de qualquer maneira, antes das seis da tarde, caiu uma chuva que se prolongou até as oito, e depois disso, uma geada forte. Seus livros de crime devem ter lhe ensinado que, sob tais condições, os jardins do criador são como um livro aberto para nós, investigadores. O assassino estava dentro da casa.

— E Vassily? Por que ele não foi apanhado?

— Ele foi apanhado.

— Quê!

— Certamente, e solto outra vez. Conseguimos fazer com que seus companheiros de imprensa se calassem a esse respeito.

— O senhor diz que não foi ele quem fez aquilo.

— Eu digo?

— Bem, não diz?

— O que eu digo é que todos vocês, cada um de vocês está escondendo algo de mim. Nigel ficou calado. — É um caso horrível, continuou Alleyn após uma pausa, mas me acredite que não fará bem... Bem algum... Em me deixar no escuro. Olhe aqui, Sr. Bathgate, o senhor é um mau ator. Eu o vi observando a Sra. Wilde e a Srta. Grant. Há alguma coisa ali que não veio à baila, e eu imagino que o senhor saiba de que se trata.

— Eu... Oh, Deus, Alleyn, tudo é tão hediondo. De qualquer maneira, se eu sei de alguma coisa, não passa de detalhezinhos.

— Desculpe, mas o senhor não sabe em que esses detalhezinhos podem se tornar. O senhor já vira a Sra. Wilde antes de chegar aqui?

— Não.

— A Srta. Grant?

— Uma vez... Em casa do meu primo.

— Alguma vez seu primo lhe falou a respeito de uma delas?

— A não ser por menções casuais, nunca.

— Até que ponto chegou esse flerte com a Sra. Wilde?

— Não sei... Quero dizer... Como o senhor sabe...?

— Ele a teve nos braços na noite de sábado. Nigel se sentiu e pareceu extremamente constrangido. — Se a levou para o quarto dele, sugeriu Alleyn brutalmente.

— Não foi no quarto dele, argumentou Nigel, e sentiu vontade de cortar fora a língua.

— Ah! Então, onde foi? Vamos, eu o peguei de jeito. É melhor me contar.

— Como o senhor sabe que ele a teve nos braços?

— O senhor acabou de me contar, comentou Alleyn. — Eu sei porque o smoking dele estava manchado, de um modo significativo, de base líquida. Presumivelmente estava limpo quando ele chegou aqui, e ele não o vestiu na noite em que foi morto. Portanto, foi sábado à noite. Estou certo?

— Acho que sim.

— Deve ter sido antes do jantar. Quando mexeu na Männlicher na sala de armas?

— Oh, diabos! Cedeu Nigel. — Vou contar tudo.

Ele contou o mais discretamente que pôde do diálogo entre Rankin e a Sra. Wilde. Quando terminou o relato, eles já tinham cruzado uma pequena ponte no bosque e tinham os portões à vista.

— O senhor me diz, recapitulou Alleyn, — Que após ter ouvido Rankin e a Sra. Wilde deixarem a sala, e depois de ter o senhor entrado nela, alguém apagou as luzes. Não poderia ser o próprio Rankin voltando para fazer isso?

— Não, afirmou Nigel. — Eu o vi fechar a porta e ir embora. Não, foi alguém que estava sentado no canto extremo da sala-de-estar... Além do “cotovelo” do aposento, o senhor sabe... E que, como eu, ouviu sem querer.

— O senhor teve alguma impressão a respeito dessa pessoa?

— Como eu poderia?

— É possível. O sexo dela, por exemplo.

— Eu... Por favor, não coloque nenhum significado nisso... Eu sinto... Ora, não sei... Que era uma mulher.

— E aqui estão os portões. O Sr. Alfred Bliss, de impermeável, está, como o senhor vê, bastante interessado em ter uma visão a distância de uma cabina telefônica. Nós vamos perturbá-lo. Meu caro, vamos fazer uma pequena perambulação?

Ele saiu da avenida para o bosque, com Nigel em seus calcanhares. Seguiram um mero indício de caminho que serpeava através da espessa mata.

— Descobri esta trilha, explicou Alleyn, — Apenas ontem. Agindo segundo informação recebida, como dizemos na corte, vim aqui para fazer uma investigaçãozinha genuína. Alguém seguiu por este caminho entre quatro e meia e seis da tarde de segunda-feira. Espero poder descobrir algo sobre sua identidade. Mantenha os olhos bem abertos, está bem?

Nigel tentava pensar nas coisas que devia estar procurando, e não podia chegar a nada melhor do que pegadas e galhos quebrados. Alleyn caminhava bem devagar, olhando em volta e para o chão, entre cada passada. O solo parecia elástico e bastante seco. O bosque cheirava deliciosa e fundamentalmente a terra. A trilha se bifurcava e fazia voltas. Alleyn virava a cabeça para um lado, para outro, parava, se agachava como um nativo, parecia examinar o chão entre seus pés, ficava de pé, e continuava a andar, lentamente. Nigel olhou para as complicadas séries de padrões feitos pelo verde se enveredando no verde, e se esqueceu de olhar por qualquer coisa mais. Ele se perguntava quem teria seguido por aquele caminho antes dele, agitando as folhas, que cabeça teria feito uma sombra escura contra as tonalidades de verde, que presença deixara o leve sinal que Alleyn caçava tão assiduamente. De repente, já estavam caminhando em direção a uma alta cerca de ferro, e ele compreendeu que tinham chegado ao limite do bosque, onde Frantock se ligava à estrada principal.

— Finis! Disse Alleyn. — Fim da trilha. Viu algo?

— Receio que não!

— Não há muito para ver. Agora olhe aqui. Veja esses desenhos de ferro na cerca. Bastante descolorados e oxidados, não é mesmo? Alguma espécie de vegetação rala tomou conta deles. Essa vegetação, porém, é facilmente arrancável. Você pode colocar a mão entre duas grades?

— Eu não.

— Nem eu tampouco. Alguém conseguiu fazer isso na segunda-feira. Olhe aqui... Uma mão pequena. Ele baixou o rosto para as grades e as olhou detidamente. Depois, com todo cuidado, desceu os dedos até

a borda da cerca, segurando o lenço para aparar os fragmentos que, no mesmo instante, caíram dentro dele. Esses, por sua vez, ele examinou atentamente.

— Pele negra, disse. — Penso ser pele negra.

— Holmes, meu companheiro, isso é sobrenatural, murmurou Nigel.

— Para falar a verdade, Holmes não era nenhum trouxa, respondeu Alleyn. — Pessoalmente, acho que essas histórias são muito bem urdidas.

— É isso mesmo. Posso perguntar se você estava esperando encontrar pele de um casaco negro nas grades?

— Não esperava, mas é uma ajuda, é claro.

— Pelo amor de Deus, Alleyn, explodiu Nigel, — Diga-me um pouco mais ou não diga nada. Sinto muito, mas estou bastante interessado.

— Meu caro, sinto muito também. Eu lhe asseguro que não estou sendo misterioso por vaidade ou oficiosidade. Se eu lhe contar tudo, em cada evidência, cada investigação que eu julgar conveniente, você suspeitará, como eu suspeitei, de todos os membros da casa de uma só vez. Só lhe digo isto. Na segunda-feira, no fim da tarde, uma pessoa, cuja identidade ambiciono descobrir, veio até aqui a esta cerca, e, sem ser vista pelo policial que monta guarda nos portões, jogou uma carta, selada e endereçada, lá fora, na estrada. Esta foi apanhada por um ciclista passante, que a levou para a agência de correios do vilarejo.

— Como você destrinçou isso tudo?

— Que frase pouco atraente esta! Eu não destrincei de modo algum. O ciclista, em vez de colocar a carta na caixa postal, a entregou no balcão com uma breve explicação de onde a tinha encontrado. A jovem responsável pelo correio de Sua Majestade em Little Frantock deu mostras de uma inteligência surpreendente. Eu tinha, é claro, pedido a ela que interceptasse todas as cartas que saíssem de Frantock. Ao reconhecer a localidade, ele pensou que devia haver alguma coisa acontecendo e a devolveu. Não era um envelope de Frantock, tampouco.

— Você o tem, então?

— Sim, eu lhe mostrarei quando voltarmos.

— É esclarecedor?

— Eu diria o oposto, por enquanto. Mas indiretamente, espero que venha a ser. Vamos indo. Saíram do bosque e caminharam em silêncio de volta a Frantock. Nigel só fez um comentário:

— Finalmente amanhã, disse ele, — O inquérito será encerrado.

— Provavelmente... Ou adiado.

— De qualquer modo, graças aos céus, poderemos, pelo menos, ir para casa. Subiram os degraus para atingir a porta da frente.

— Venha até o estúdio um momento, convidou Alleyn. O estúdio tinha sido separado como uma espécie de gabinete particular para ele. Destrancou a porta e Nigel entrou atrás.

— Acenda o fogo, sim? Pediu Alleyn. — Ficaremos aqui por algum tempo. Nigel acendeu a lareira e seu cachimbo, e se sentou na cadeira de braços. — Aqui está a carta, mostrou Alleyn. Do bolso do paletó ele tirou um envelope branco que entregou a Nigel. — Posso lhe assegurar, afirmou, — Que não havia impressões digitais nele; é claro que a essa altura tenho fotos das impressões de todos vocês.

— Oh, naturalmente, comentou Nigel de modo inexpressivo. O envelope continha um endereço datilografado:

Srta. Sandiands

P.O. Shamperworth St.

Dulwich.

O conteúdo também estava datilografado; num pedaço de bloco de notas verde usado por Sir Hubert e distribuído por todos os quartos. Nigel a leu em voz alta.

— Por favor destrua o pacote em Tunbridge C. imediatamente e não diga a ninguém. Não havia assinatura.

— O envelope, disse Alleyn, — Não nos esclarece nada... Veio de um velho maço de artigos de papelaria brancos na escrivaninha da biblioteca.

— E o tipo?

— Corresponde ao da máquina na biblioteca, que também não apresenta nenhuma impressão, a não ser da arrumadeira e umas muito borradas e antigas deixadas por Sir Hubert. Esta carta foi batida por uma pessoa inexperiente... Há vários erros, como você pode ver.

— Você localizou a mulher... Srta. Sandilands?

— Um homem da CID foi até a agência postal na Rua Shamperworth ontem. Um funcionário se lembrava de uma mulher ter ido lá para perguntar se havia carta para a Srta. Sandilands. Não havia nenhuma, e ela não voltou lá desde então.

— Ela pode voltar.

— Certamente, mas eu não quero esperar.

— Que pretende fazer? Sair vasculhando Tunbridge à procura de um pacote?

— Estou vendo que você está espirituoso. Não, pretendo trabalhar a partir desse fim, e com a ajuda dos meus pelinhos pretos, não deverá ser difícil.

— E a pele? Alleyn tirou do bolso seu inevitável e bastante significativo livro de notas barato.

— Deixe-me ajudar meu cérebro, disse ele, — Sem isto, estou frito. Ele virou as páginas rapidamente, murmurando para si mesmo.

— Pessoal. Detalhes individuais. Hobbies. Temos aqui... Roupas. Roupas. Bathgate, Grant. Grant. Usando por ocasião do incidente... Não. Cômoda, seda rosa... Não. No guarda-roupa, isso é mais provável. Casaco de couro vermelho, sombrinha marrom, casaco e saia de tweed verde e marrom. Chapéu vermelho. Hum... Nada aqui.

— Você tem sido muito ativo, comentou Nigel.

— Minha memória é tão ruim... Desculpou-se Alleyn.

— Não seja fingido, acusou Nigel.

— Cale a boca. Detesto seus chinelos de pé de cama e sei que você usa remédio para calos. Handesley. Empregadas. North. Vamos ver.

— Certamente você está perdendo seu tempo fazendo lista das roupas íntimas de Ângela, interferiu Nigel indignado.

— Não se zangue comigo... Não descobri coisa alguma nelas. Não há nada lá. Rankin. Tokareff... Ele tem um casaco de pele? Sim, tem, como o de um produtor; ainda mais, suas luvas são tamanho oito. Tente de novo. Wilde. Arthur. Sr. e Sra. Ele parou de murmurar e um olhar curiosamente inexpressivo lhe mascarou o rosto de repente.

— Bem? Quis saber Nigel. Alleyn lhe passou o caderninho de notas. Nele, escrito numa letra incredivelmente perfeita, Nigel leu:

— Wilde. Sra. Marjorie. Idade cerca de 32. Altura 1,60m aprox. Seguia-se uma descrição detalhada de Marjorie Wilde, na qual mesmo o tamanho de suas luvas não tinha sido esquecida. Então:

— Guarda-roupa. No armário pendurados, casaco e saia de tweed Harris, casacão de tecido axadrezado de lã. Capa de chuva Burberry, punho e gola de pele negra.

— Punho e gola de pele negra, repetiu Nigel em voz alta. — Oh, meu Deus!

— Tamanho de luvas, seis e um quarto, disse Alleyn, tomando seu caderninho. — Onde está a Sra. Wilde no momento, Bathgate?

— Estava na biblioteca.

— Vá ver se ela ainda está lá e volte aqui para me dizer. Nigel demorou três minutos.

— Estão todos lá, anunciou, — É quase hora do chá.

— Então suba atrás de mim e vá indo devagar para o seu quarto. Se você vir alguém se aproximando, venha através do banheiro para o quarto de vestir de Wilde e me avise. Estarei no quarto da Sra. Wilde.

Ele saiu apressadamente e Nigel o alcançou a tempo de vê-lo subir as escadas correndo, de mansinho, como um gato. Quando Nigel chegou ao patamar do andar de cima, o inspetor tinha sumido. Nigel caminhou para sua porta e parou, apanhando sua cigarreira e vasculhando em seus bolsos por fósforos. Seu coração batia acelerado. Já estaria ali de pé há três horas ou três segundos quando ouviu um leve ruído de passos no corredor. Riscou um fósforo ao ver Florence, se apressou em direção a sua porta, e depois se precipitou dentro do banheiro.

— Alleyn! Ele sussurrou de modo urgente. —Alleyn! Então parou de súbito, atônito. Arthur Wilde estava lavando as mãos na bacia.

* * *

Onze

CONFISSÃO?

NIGEL foi tomado tão de surpresa, que alguns segundos se passaram antes que percebesse que Wilde estava igualmente desconcertado. Seu rosto estava extremamente pálido, e ele permaneceu imóvel, suas mãos mergulhadas inadequadamente na água ensaboada.

— Eu... Eu sinto muito, gaguejou Nigel por fim. — Pensei que fosse Alleyn. Wilde conseguiu esboçar um sorriso pálido.

— Alleyn? Repetiu. — Sim, foi isso que pensei, Bathgate. Digame, você achava que Alleyn estava aqui... Ou no quarto de minha mulher? Nigel ficou calado. — Gostaria que você pudesse ver o seu modo de me responder, comentou Wilde bem calmo. Ele pegou uma toalha no suporte e começou a enxugar as mãos. De repente, deixou cair a toalha no chão e disse num sussurro: — Meu Deus, toda essa coisa é horrível.

— Terrível! Fez eco o atarantado Nigel.

— Bathgate, Implorou Wilde num apelo repentino, — Você tem que me dizer... Você esperava encontrar o inspetor aqui ou atrás daquela porta do cômodo de vestir de Marjorie? Responda. A porta de ligação do banheiro para o quarto de vestir estava escancarada, mas a que ficava além estava fechada. Nigel olhou involuntariamente em direção a esta.

— Eu lhe asseguro... Começou.

— Você mente mal, Bathgate, disse uma voz um pouco afastada. A porta tinha se aberto e Alleyn entrado por ela. — O senhor tinha toda

razão, Sr. Wilde, ele confirmou. — Estive fazendo uma investigaçãozinha no quarto de sua esposa. Fiz isso em todos os quartos, o senhor sabe. É essencial.

— O senhor já examinou tudo, acusou Wilde. — Por que tem de nos torturar desse jeito? Minha esposa não tem nada... Nada a ocultar. Como poderia ela ter matado Rankin, e de que modo? Ela tem horror a facas, uma fobia por elas. Todos sabem que ela não consegue tocar numa faca ou qualquer espécie de lâmina. Ora, mesmo na noite do crime... Bathgate, você se lembra!... Ela ficou em pânico ante a mera visão daquela adaga amaldiçoada. É impossível, eu lhe afirmo, é impossível.

— Sr. Wilde, isso é tudo o que eu estou tentando provar, que é impossível. Algo como um soluço escapou do homenzinho.

— Acalme-se, Wilde, disse Nigel timidamente.

— Você cale a boca! Berrou o arqueólogo. Involuntariamente, Nigel teve uma rápida imagem mental dele se dirigindo a um estudante desordeiro ou impertinente. — Peço que me desculpe, Bathgate, acrescentou ele logo em seguida. — Estou fora de mim, realmente estou.

— É claro que está, auxiliou Nigel prontamente, — E lembre que a Sra. Wilde tem um álibi... Um álibi perfeito, sem dúvida. Florence, a criada de Ângela e eu mesmo, sabemos que ela estava em seu quarto. Não sabemos, Alleyn? Ele se voltou desesperado para o detetive. Alleyn não deu resposta. Seguiu-se um horrível silêncio. Então abruptamente:

— Acho que o chá o espera, Sr. Wilde, disse o inspetor. Bathgate, posso lhe dar uma palavrinha a você lá embaixo antes de me ir? Nigel o seguiu até a porta, e eles estavam prestes a sair quando uma exclamação vinda de Wilde os deteve.

— Parem! Ambos se viraram.

Wilde estava parado no meio do aposento, as mãos bem apertadas uma contra a outra, seu rosto, um pouco levantado, estava ainda assim à sombra da janela que ficava atrás dele. Falou devagar.

— Inspetor Alleyn, disse ele, resolvi confessar. Matei Rankin. Esperava que não houvesse necessidade dessa admissão de culpa. Mas não posso suportar a tensão por mais tempo... E agora... Minha esposa! Eu o matei.

Alleyn nada disse. Ele e Wilde estavam se encarando fixamente. Nigel nunca vira um rosto tão destituído de expressão como o do detetive.

— Bem? A voz de Wilde soou histérica. — O senhor não vai me dar o aviso de costume? O clichê habitual! Tudo o que eu disser será anotado e poderá ser usado como evidência contra mim? Nigel se ouviu dizer de repente:

— ...É impossível... Impossível, estava dizendo. — Você estava no banho, lá naquele banheiro. Eu falei com você, sei que você estava lá. Meu Deus, Wilde, você não pode fazer isso, você não pode nos dizer... Quando... Como fez isso? Parou consternado com a falta de adequação de suas palavras. Finalmente Alleyn se manifestou.

— Sim, repetiu com amabilidade, — Quando o senhor fez isso, Sr. Wilde?

— Antes de subir. Quando estava sozinho com ele.

— E que me diz de Mary, a criada, que o viu vivo antes de o senhor se retirar?

— Ela... Ela se enganou... Ela se esqueceu, eu ainda estava lá.

— Então como o senhor conseguiu falar com o Sr. Bathgate através desta porta aqui? Wilde não respondeu. — Você me disse, continuou Alleyn, se voltando para Nigel, — Que vocês estiveram falando um com o outro continuamente antes e durante a escuridão geral?

— Sim.

— Ainda assim, Sr. Wilde, o senhor apagou as luzes, e depois se deu o trabalho de soar o gongo, e assim avisar todos os ocupantes da casa que o senhor tinha cometido um assassinato.

— Era do jogo. Eu... Eu não pretendia matá-lo. Eu não percebi...

— O senhor quer dizer que enquanto falava animadamente com o Sr. Bathgate aqui em cima, estava também no hall lá embaixo, debaixo do nariz da empregada que aconteceu de não perceber, o senhor golpeou o Sr. Rankin de brincadeira com uma adaga afiadíssima que o senhor tivera tempo de examinar previamente? Silêncio. — Bem, Sr. Wilde? Instigou Alleyn compassivamente.

— O senhor não acredita em mim? Gritou Wilde.

— Francamente, não. Alleyn abriu a porta. — Mas o senhor esteve jogando um jogo muito perigoso. Estarei no estúdio por um ou dois minutos, Bathgate.

Saiu fechando a porta atrás de si. Wilde caminhou até janela e se inclinou sobre o batente. Subitamente, curvou cabeça e escondeu o rosto dentro do braço. Nigel pensou que nunca tinha visto antes uma figura tão trágica.

— Olhe aqui, acudiu com presteza, — Você deixou seus nervos tomarem conta de você. Estou certo de que ninguém suspeita de sua mulher. O próprio Alleyn sabe que é impossível. Nós três... Você, ela e eu... Nós estamos isentos, você contou uma brava mentira, mas uma mentira muito tola, se acalme e esqueça isso. Tocou Wilde de leve no ombro o deixou sozinho.

Alleyn esperava por ele no andar térreo.

— Reuni coragem e perguntei à Srta. Ângela se nós três poderíamos tomar chá juntos aqui, participou o inspetor. — Ela mesma o está trazendo, pois achei que seria desnecessário incomodar os criados.

— É mesmo? Nigel se perguntava o que estava para acontecer agora. — Que incidente extraordinário esse de há pouco.

— Muito.

— Acho que não deve ser muito raro que pessoas sob um regime de alta tensão façam esse tipo de coisa... Eu mesmo fiz.

— Fez sim, mas Wilde tinha uma razão melhor, pobre diabo.

— Eu o admirei por isso.

— Eu também, demais.

— Naturalmente, sua esposa está inocente? Alleyn não respondeu.

— Veja o álibi dela, argumentou Nigel.

— Sim, replicou — Estou vendo. É um álibi encantador, não é? Ângela chegou com o chá.

— Bem, Sr. Alleyn, disse ela, pousando a bandeja num tamborete em frente à lareira, — Que está pretendendo?

— Sente-se, Srta. Ângela, convidou Alleyn, — E nos dê um pouco de chá, por gentileza. Bem forte e sem leite para mim. A senhorita conhece alguém chamado Sandilands? Ângela parou, com a xícara na mão.

— Sandilands? N-não, creio que não. Espere um momento, porém. Está forte o bastante?

— Muito obrigado. Está perfeito.

— Sandilands? Repetiu Ângela pensativa. — Sim, sei que conheço. Onde conheci...?

— Foi em... ? Começou Nigel.

— Tome seu chá e fique calado, ordenou Alleyn laconicamente. Nigel olhou para ele e ficou em silêncio.

— Já sei, se lembrou Ângela. — Há uma velha Srta. Sandilands, uma costureira. Ela às vezes costura para Marjorie.

— É essa, se animou Alleyn. — Ela trabalhava para eles em Tunbridge, não era?

— Em Tunbridge? Os Wilde nunca estiveram em Tunbridge.

— Talvez a Sra. Wilde fique lá... Faça visitas por lá... Faça algum tratamento lá? Posso ter feito confusão.

— Nunca ouvi falar disso, declarou Ângela com decisão. — Marjorie não combina com Tunbridge.

— Oh, bem, não importa, replicou o inspetor. — A Srta. Grant lhe disse onde estive enquanto a senhorita tomava seu banho no domingo à tardinha? Ângela o encarou com gravidade e depois se voltou para Nigel.

— Oh, Nigel, invocou ela, — O que ele está pensando?

— Logo vou saber, respondeu Nigel sombriamente.

— Por favor, Srta. Ângela? Solicitou Alleyn.

— Ela não me disse. Mas... Oh, estarei certa em prosseguir?

— É claro, claro que está.

— Então... Creio... Acho que sei aonde ela foi.

— Sim?

— Ao quarto de Charles!

— Que a faz pensar assim?

— Na manhã que se seguiu ao seu pedido de trancar o quarto dele e lhe entregar a chave, eu mesma fui até lá. Rosamund tem um par de chinelos de após banho... Um chinelos daqueles sem calcanhar, o senhor sabe...

— Sim, sim, com uma penugem verde, plumas de marabu, ou algo assim, no peito do pé.

— Sim, concordou a assombrada Ângela. — Bem, a chave estava do lado de dentro, de modo que tive de entrar no quarto para apanhá-la. Vi um fiapo de penugem verde no tapete.

— Madame, exclamou Alleyn triunfante, — A senhora é formidável. E a senhorita apanhou o pedacinho de penugem e...? Não a jogou fora?

— Não, mas jogarei se o senhor vai usar isso contra Rosamund.

— Ora! Nada de chantagens, por favor. A senhorita o guardou porque pensou que isso poderia salvá-la. Foi isso?

— Sim.

— Bem. Guarde-a com cuidado. Agora me diga uma coisa. Qual era o relacionamento entre Rankin e a Srta. Grant?

— Não posso discutir nada desse tipo, replicou Ângela friamente.

— Minha cara mocinha, isso não é hora para tanta ética. Aprecio bastante os seus escrúpulos, mas eles não valem muito quando estão sendo usados para encobrir um assassinato ou para lançar suspeitas sobre uma pessoa inocente. Não lhe pediria isso se não houvesse necessidade. Deixe-me dizer-lhe o que eu penso. Havia um entendimento entre Rankin e a Srta. Grant. Ele queria que ela se casasse com ele. Ela recusara por causa de uma relação que ele tinha com outra mulher. Estou certo?

— Sim, receio que sim.

— Ela o amava?

— Sim.

— Era isso o que eu queria saber. Ela era ciumenta?

— Não, não! Ciumenta, não, mas ela... Ela o amava de verdade.

Alleyn abriu outra vez seu livrinho de notas e, apanhando um fragmento de papel mata-borrão, o passou a Ângela.

— Pegue o seu espelho de mão e olhe isso aqui, pediu ele. Ângela obedeceu, e depois passou o papel mata-borrão e espelho para Nigel. Ele leu sem dificuldade:

— 10 de outubro: Querida Joyce, sinto muito atrapalhar seu...

— De quem é essa letra? Perguntou Alleyn.

— É de Rosamund, afirmou Ângela.

— Foi escrito depois das sete e meia, na noite de sábado, na escrivaninha que fica no “cotovelo” da sala-de-estar, comentou o inspetor, olhando para Nigel. — Às sete e meia a excelente Ethel tinha arrumado a escrivaninha e colocado papel mata-borrão novo. No domingo pela manhã, percebendo as manchas nesta folha, ela a virou para baixo, colocando uma folha limpa em cima.

— Então você imagina...?

— Eu não imagino; detetives não se permitem imaginações. Eles anotam probabilidades. Tenho a firme opinião de que a Srta. Grant ouviu sem querer, como você, o diálogo entre a Sra. Wilde e Rankin. Foi ela quem apagou as luzes e saiu na frente de vocês quando deixaram a sala-de-estar.

— Estou boiando, — Queixou-se Ângela. Nigel lhe contou brevemente sobre a conversa que tinha ouvido na sala de armas. Ângela ficou calada por alguns minutos. Depois se voltou para Alleyn.

— Há um fator neste caso, começou ela de modo singularmente pedante, — Que me intriga sobremaneira.

— Pode a minha culta amiga apresentá-lo? Perguntou Alleyn solenemente.

— Vou já fazê-lo. Por que, ora, por que o assassino soou o gongo? Posso compreender que ele tenha apagado as luzes. Ele sabia que

fazendo isso, pelas regras do jogo do assassino, tinha assegurado para si dois minutos para fugir. Mas por que, ora, por que bateu o gongo?

— Para manter a ilusão do jogo? Especulou Nigel.

— Parece tão incrível, de uma certa forma... Fazer um gesto proclamatório como esse. A escuridão lhe seria bem-vinda, sim, mas começar aquela barulheira... Parece tão... Tão pouco psicológico.

— A questão que a minha culta amiga levantou está bem colocada, disse Alleyn. — Mas afirmo que o assassino ou assassina não bateu o gongo.

— Então, disseram Nigel e Ângela ao mesmo tempo, — Quem foi?

— Rankin.

— Quê! Exclamaram eles.

— Rankin bateu o gongo.

— Que diabos você quer dizer? Indagou Nigel.

— Não vou lhes dar todos os meus trunfos, e este é tão simples que deviam tê-lo visto por si mesmos. Nigel e Ângela se limitaram a olhar um para o outro, sem entender.

— Bem, não vimos, disse Nigel simplesmente.

— Mais tarde, talvez, vocês percebam, consolou o detetive. — Enquanto isso, que tal uma escapada a Londres hoje à noite?

— A Londres... Para quê?

— Ouvi dizer que a Srta. Ângela é a coisa mais rápida que já se viu fora das autopistas profissionais, e quando eu uso a expressão “a coisa mais rápida”, eu a uso literalmente, não coloquialmente. Poderia a senhorita, sem explicar seus movimentos a ninguém, levar este jovem ornamento da imprensa até Londres no Bentley e fazer um serviço para mim? Falarei com seu tio a respeito.

— Agora... Hoje à noite? Indagou Ângela.

— Está ficando escuro. Creio que a senhorita poderá partir em meia hora. Vocês tem que estar de volta aqui quando raiar o dia de amanhã, mas espero que possam voltar bem antes do amanhecer. Pensando melhor, acho que os acompanharei. Ele parecia, ao que tudo indicava, estar se divertindo com os rostos não visivelmente deliciados

dos outros dois. — Dormirei no banco de trás, acrescentou vagamente.
— Estou com muitas noites de sono atrasado.

— Você vem, Nigel? Indagou Ângela.

— Claro que vou, assegurou Nigel. — Que vamos fazer ao chegarmos lá?

— Se vocês dois me derem o prazer de jantar comigo, eu lhes explicarei, então. Agora, só mais uma pergunta: vocês ouviram a história do Sr. Rankin de como ele se tornou possuidor da faca com a qual foi morto. Vocês podem se lembrar de alguma coisa, qualquer coisa, afinal, que Rankin tenha dito que pudesse servir para descrever o homem que a deu a ele?

— O que Charles disse, Nigel? Perguntou Ângela após uma pausa. Alleyn atravessou a sala até as janelas e ficou parado ao lado das cortinas puxadas. Parecia estranhamento alerta.

— Ele nos contou, disse Nigel pensativo, — Que um russo que ele conheceu na Suíça a deu a ele. Disse que ela lhe tinha sido enviada. Foi como um pagamento por algum serviço que Charles prestou ao tal russo.

— E o que foi? Alleyn recuou mais dentro da sala.

— Acho que ele disse qualquer coisa sobre arrancá-lo de uma fenda no gelo.

— Foi só?

— Não consigo me lembrar de mais nada, você se lembra, Ângela?

— Estou tentando pensar, murmurou a moça.

— Vocês deduziram que eles tinham se tornado amigos? Rankin descreveu o homem?

— Não, afirmou Nigel.

— N-não, mas ele disse qualquer outra coisa, assegurou Ângela.

— Que poderia ter sido? Pense agora. Foi algo sobre o acidente que levou a este incidente? Algum deles se feriu? Quê! Ângela soltou uma curta exclamação.

— Foi isso! O russo perdeu dois dedos por congelamento.

— Então ele perdeu, com os diabos! Exclamou Alleyn. — Então ele perdeu!

— Isso é relevante? Indagou Nigel.

— É extremamente importante, respondeu Alleyn em voz muito alta. — Tem uma ligação direta com a evidência russa. Deixem-me explicar precisamente o que eu quero dizer com evidência russa. Enquanto falava, o detetive se levantara e estava de pé em frente aos outros dois, de costas para as janelas acortinadas. A luz da lâmpada saía em cheio sobre sua cabeça morena e seus ombros largos. — Deixem-me contar a vocês, prosseguiu com ênfase, — Que, no sábado à noite, um polonês foi assassinado no Soho. Foi identificado por sua mão esquerda. Alleyn ergueu devagarinho seu braço esquerdo debaixo da lâmpada e esticou o polegar, indicador e demais dedos. Os dois dedos do meio ele dobrou sobre a palma da mão.

Por talvez dois segundos, Nigel e Ângela ficaram sentados olhando para ele em silêncio. Depois compreenderam que ele estava sussurrando algo com urgência, sua mão ainda erguida.

— Bathgate! Ele estava murmurando — Tokareff está lá fora nos observando. Em um minuto deverei me virar e me dirigir para a porta do terraço. Siga-me e me ajude a agarrá-lo. Srta. Ângela, saia pela porta interna como se nada tivesse acontecido, não fale com ninguém. Agasalhe-se no primeiro casaco que possa encontrar, e espere por nós no Bentley. Prosseguindo em voz alta, e baixando o braço quando Ângela saiu da sala, acrescentou: — E agora que estamos sozinhos, Bathgate, me deixe contar exatamente o que eu sei sobre esses russos...

Tinha rodopiado e alcançado a porta da varanda antes que Nigel tivesse tido tempo de se levantar. A cortina foi puxada para o lado com violência; Alleyn abriu a porta com força.

— Droga! Praguejou ele. — Vamos!

Ouviu-se o barulho de vidro se espatifando, e um vento gelado encheu o aposento aquecido. Alleyn desapareceu com Nigel grudado a seus calcanhares.

* * *

Doze

UMA PRISÃO E UMA NOITE DE VIAGEM

LÁ FORA, na sacada gelada, dois homens lutavam amarga e silenciosamente. A incerta luz da lâmpada, quebrada pelo encapelar das cortinas, ondulava sobre eles. Nigel viu de relance o rosto de Tokareff, imponente, estranhamente passivo. Atirou-se sobre o russo, se atracando com ele por baixo, ele mesmo sendo derrubado, arranhando seu rosto nas pedras geladas, com cheiro de inverno. Logo depois viu Alleyn cambalear para trás e enquanto ele próprio lutava por ficar de pé, tomou consciência de um vulto que se diluía na escuridão.

— Atrás dele! Rosnou Alleyn. O assobio agudo de um apito cortou o ar da noite.

Nigel corria sobre a grama, vagamente consciente da lufada de ar frio em seus olhos e lábios: “O bosque!” pensou. “Ele não pode alcançar o bosque.” Podia ouvir o ritmo monótono dos passos do russo sobre a relva macia. Com um esforço supremo, ele apressou o passo, acelerou sua corrida e, em dado momento, deu um bote, fazendo o fugitivo invisível cair junto com ele.

— Assim é melhor, pensou Nigel, aplicando uma chave-de-braço,
— Eu o peguei.

— Pegou! A voz de Alleyn fez eco na escuridão e, logo em seguida, o detetive estava se ajoelhando ao lado dele e uma lanterna anunciou a aproximação em marcha acelerada de Bunce.

Tokareff exalou um arquejo, uma espécie de grunhido.

— Muito bem, disse Alleyn, — Acenda a lanterna. Um facho de luz brilhou. Tokareff estava deitado de costas, com Alleyn sentado sobre ele.

— Volte para o seu posto, Bunce, o mais rápido que puder, ordenou o detetive bruscamente. — O Green ainda está lá? Sim, senhor, respondeu Bunce, — Nós ouvimos seu apito.

— Srta. North, o Sr. Bathgate e eu sairemos com o Bentley dentro de 10 minutos. Abram os portões e não nos detenham. Estejam vigilantes para qualquer outro movimento. Agora se mexa!

— Sim senhor, disse Bunce na escuridão, sumindo com a lanterna.

— Agora muito bem, Dr. Tokareff. Há um revólver em perfeitas condições enfiado em suas costelas aqui, e eu acho que o senhor vai ficar quietinho.

— Proklyatie! proklyatie! Gaguejou uma voz furiosa. Algo fez um audível “clique”.

— Sim, o senhor deve ter razão. Vamos, se levante. Os três ficaram se encarando na escuridão à qual seus olhos se tinham acostumado. — Não creio que ele carregue alguma arma mortífera, disse Alleyn, — Mas dê uma olhada, sim, Bathgate? Dr. Tokareff, se considere preso. Nada no bolso do quadril, ou em outro lugar? Tem certeza? Certo. Agora por aqui, rápido. Diabos, é tarde demais! Aí vem o clamor público. Oh, bem, não tem importância.

O som de vozes vinha da casa. Duas figuras se delinearão contra o aquecimento esfriado das janelas do estúdio.

— Alleyn! Bathgate! Chamou Sir Hubert.

— Estamos aqui! Respondeu Alleyn. — Não aconteceu nada.

— Não aconteceu nada! Bramiu o russo de repente. — Vejo bem diferente. Estou preso. Sou inocente desse assassinato! Sir Hubert! Sr. Wiilde!

— Vamos, disse Alleyn, e ele e Nigel conduziram o cativo para casa.

Handesley e Wilde os encontraram no poço de luz que emanava das janelas.

— Apenas uma manobrinha russa, explicou Alleyn. — Algemas à meia-noite. Um lar longe do lar para o doutor.

— Dr. Tokareff, falou Sir Hubert — isso é uma coisa terrível.

— Tokareff! Murmurou Wilde para Nigel. — Tokareff, então!

E Nigel se perguntou se ele havia expresso em sua voz uma nota de estranho alívio ou apenas de profundo assombro. O russo protestava veementemente, suas mãos algemadas apertadas sobre o rosto. Nigel sentiu o desejo insano de rir.

— Sir Hubert, continuou Alleyn, exatamente como se o russo não estivesse falando, — Por favor, voltem o senhor e o Sr. Wilde para dentro. Os senhores poderão explicar brevemente aos demais o que aconteceu.

— Que vai o senhor fazer?

— Nós estaremos ausentes por algum tempo. Eu me utilizarei da Srta. Ângela para nos levar até a delegacia local. Dr. Tokareff...

— Sou inocente! Perguntem ao camponês Vassily, o mordomo! Ele sabe... Na noite do crime... Eu preciso dizer.

— Devo lhe prevenir, interrompeu Alleyn, e Nigel o viu lançar a Wilde um olhar hostil, — Que qualquer coisa que o senhor disser será anotada e poderá ser usada como evidência contra o senhor. Mais tarde, se o senhor quiser, poderá prestar um depoimento. Agora, Sir Hubert, e o senhor também, Sr. Wilde, por favor entrem. Entrarei em contato com os senhores mais tarde. Os outros se dirigiram silenciosos para casa.

— Advogados! Rosnou Tokareff atrás deles.— Advogados! Juízes! Magistrados! Como vocês os chamam? Quero ter os melhores.

— O senhor poderá ter. Sorte sua. Vamos, disse Alleyn, quando os outros se foram. — Vamos, Bathgate, dar a volta pela casa até a garagem

e, Dr. Tokareff, eu realmente devo insistir... Nada mais de Mortes de Bóris. Ele os seguiu sem hesitação até a área dos fundos, onde um Bentley com seu silencioso motor ligado os esperava, com Ângela no volante.

— Boa menina! Disse Alleyn baixinho. — O Dr. Tokareff virá conosco, como a senhorita pode ver. Entre, doutor Bathgate, sente na frente. Para a polícia local, por favor senhorita.

— Santo Deus! Murmurou Ângela quando o Bentley deu a arrancada pela alameda.

— Santo Deus mesmo! Enfatizou Nigel. — Tokareff está preso.

— Por assassinato?

— Por que mais?

— Mas... Ele cantou a Morte de Boris o tempo todo.

— Parece que não podia ter feito isso.

— Bem, aqui estamos, anunciou Ângela depois de um intervalo indecentemente curto. Ela reduziu a marcha e freou.

— Quer nos esperar? Pediu Alleyn a ela. — Vamos, Dr. Tokareff.

Um sargento da polícia os introduziu num aposento bem iluminado, limpo e branco. Um oficial alto, uniformizado de azul os saudou.

— Inspetor Fisher... Sr. Bathgate, apresentou Alleyn. — Este é o Dr. Tokareff. Quero acusá-lo de... Tokareff, que permanecera em silêncio por algum tempo, explodiu:

— Estou inocente desse assassinato!

— Quem disse que o senhor não estava? Rebateu cansado Alleyn. — A acusação é de sedição e conspiração, se é essa a frase correta. Eu sempre as digo errado, não é Fisher? Este homem é acusado de cumplicidade e conexão com as operações de uma associação de russos tendo seu quartel-general na Little Racquet Street 101, Soho. Ele é acusado de ter mandado publicar e circular certos panfletos contendo declarações anarquistas e desleais incentivos à revolução e... Oh, bolas, de qualquer modo, é essa a acusação.

— Certo, aceitou o Inspetor Fisher, se dirigindo a uma mesa e colocando seus óculos. — Vamos ver.

Seguiu-se um breve diálogo entre os dois policiais, entremeado com o riscar da caneta do inspetor. O sargento entrou e disse bem-humorado:

— Agora, então, doutor, vamos nos mudar para o lado.

— Eu gostaria de escrever, de fazer uma declaração, disse o Dr. Tokareff repentinamente.

— O senhor terá toda a oportunidade, consolou Alleyn. — Disso o senhor pode ter certeza!

— É a faca, declarou Tokareff de modo respeitoso. — A traição da faca, que foi para mim minha própria traição. O polonês, Krasinski, que a deu ao Sr. Rankin, foi o autor desses desastres.

— Krasinski está morto, rebateu Alleyn, — E cartas suas estavam em seus bolsos. Quem o matou?

— Como poderia saber? Na confraria ninguém sabe. Krasinski estava louco. Gostaria de escrever ao embaixador do meu país.

— O senhor pode fazer isso. Ele ficará encantado. Nós vamos deixá-lo agora, Fisher. Eu telefonarei lá pela uma. Boa noite.

— Boa noite, murmurou Nigel constrangido, e seguiu o detetive até o carro.

Ângela nada fez para denegrir sua reputação de motorista alucinada naquela noite de viagem para Londres. Alleyn se recusou a conversar e, depois de ter dado um endereço da Coventry Street como seu destino, dormiu profundamente no banco de trás. Nigel olhava para uma silhueta jovem e ansiosa e pensava com seus botões.

— Você acha que o Sr. Alleyn acredita que o Dr. Tokareff é o assassino? Perguntou ela.

— Não tenho a menor ideia. Nigel respondeu. — Pelo que posso concluir, Tokareff, talvez Vassily, seu mordomo, e o polonês Krasinski, que Charles conheceu na Suíça, devem ser todos membros de alguma

gang bolchevista. Krasinski, Deus sabe por que, deu a Charles a faca. Eu imagino, pelo que Sir Hubert, Arthur Wilde e o próprio Tokareff disseram, que a faca era arma simbólica da irmandade, e que se desfazer dela significava uma traição fatal. Assim, na noite de sábado, alguém matou Krasinski em Soho.

— E no domingo, alguém matou Charles em Frantock, concluiu Ângela sem fôlego. — Você acha que Tokareff poderia ter saído ventando de seu quarto, corrido para o topo da escada, atirado a faca, corrido de volta e continuado e entoar alegremente a Morte de Bóris?

— Muito difícil. E quem apagou as luzes? Objetou Nigel.

— E que quer dizer o Sr. Alleyn ao afirmar que o próprio Charles foi quem bateu o gongo? Concluiu Ângela desesperançada.

— Não posso atinar, mas estou contente de que ele esteja dormindo. Ângela, se eu beijasse a pele de sua gola, você acharia ruim?

— Estamos indo a 100 por hora, e vamos aumentar para 110. Isso é hora de namoricos?

— Poderá ser a minha sorte, disse Nigel, — Mas vou arriscar.

— Isso não era a pele da minha gola.

— Querida!

— Que horas são? Perguntou Alleyn de repente, do assento de trás.

— Chegaremos em 20 minutos, avisou Ângela, e cumpriu o que disse.

Em um desses curiosos becos sem saída no fim da Coventry Street, onde o Bentley parecia ter o tamanho de um caminhão, Alleyn introduziu uma chave no trinco duma porta verde.

— Vocês vão descobrir que conhecem meu empregado, disse ele se virando sobre o próprio ombro. E, realmente, lá, no pequeno hall, esperando por eles, estava uma figura idosa e contrita, curvada ansiosamente para frente.

— Vassily! Gritou Ângela.

— Srta. Ângela, minha patroazinha! Dushitchka! O velho russo estava cobrindo as mãos dela de beijos...

— Oh, Vassily! Ralhou Ângela docemente. — Que tem você a ver com isso? Por que fugiu?

— Eu estava em pânico. Com um medo tão terrível. Imagine, minha senhorinha, o que eles iriam pensar? Eu disse a mim mesmo; a polícia vai descobrir tudo. Eles interrogarão Aléxis Andreyvitch, o Dr. Tokareff, e ele lhes dirá, talvez, que eu também fiz parte da confraria há muito, muito tempo atrás, em meu país. Ele repetirá o que eu disse: que o Sr. Rankin não deveria possuir a faca sagrada que fora abençoada para o bratsvo, a irmandade. A polícia inglesa, que sabe de tudo, talvez já tenha tido conhecimento de que eu recebi cartas da confraria em Londres. Será inútil que eu afirme que não estou mais, como vocês dizem, envolvido com essa sociedade. Ainda sou suspeito. Então, antes que a polícia viesse, fugi e estou aqui preso em Londres, onde fiz minha declaração para a Scotland Yard e para o Inspetor Alleyn, quando ele veio me ver no domingo. Eles me soltaram e fiquei aqui. É esplêndido!

— Ele se comportou como um burro velho, acrescentou Alleyn. — Você recebeu minha mensagem, Vassily?

— Sim, certamente, e o jantar está esperando, assim como os coquetéis.

— Então deixe a Srta. Ângela empoar o nariz no quarto de hóspedes, enquanto o Sr. Bathgate e eu removemos a grama de nossos ouvidos na silenciosa ala oeste.

Alleyn ainda estava ocupado nesse negócio, quando Nigel, saindo do diminuto quarto de vestir, encontrou Ângela já instalada no estúdio superconfortável do inspetor.

— Diga-me, perguntou ela num sussurro cativante, — Os inspetores-chefes de detetives sempre convidam os parentes e amigos da vítima para jantar em seus apartamentos, e invariavelmente empregam mordomos desaparecidos como seus próprios criados, assim que se libertam da prisão?

— Talvez seja A Coisa Feita na Yard, respondeu Nigel, — Porém, devo dizer que ele não se encaixa na imagem mental que eu tinha de um

cão farejador. Tinha a ideia de que eles viviam em sua vida particular, cercados de linóleos marchetados, e grandes fotografias ampliadas de grupos policiais.

— Tomando uma xícara forte às seis e meia em mangas de camisa. Bem, de qualquer modo, vaias para nós, uma dupla de esnobes.

— Assim mesmo, prosseguiu Nigel, — Acho que ele é um pouco inortodoxo. Deve ser um homem com recursos próprios, que investiga pelo prazer de investigar.

— Sinto tê-los feito esperar, se desculpou Alleyn, à porta. — Tomem um dos coquetéis de Vassily e vamos jantar em seguida.

Vassily, importante e sorridente, abriu as portas corrediças e o inspetor os introduziu na sala-de-jantar. O jantar foi uma pequena cerimônia muito agradável. Depois de Vassily ter trazido o café, colocado a garrafa de água em frente ao inspetor e se retirado, Alleyn olhou seu relógio.

— Podemos conversar por 15 minutos, declarou ele, — Depois disso quero que vocês façam um serviço para mim. Talvez devesse dizer que posso falar por 15 minutos porque eu gostaria de, se não fosse incomodar vocês, contar a história desse caso. É de grande valia, em minha opinião, conversar com alguém que não seja um homem da CID. Você não precisa ficar com essa cara de esperto, Bathgate. Não espero que você desvende o mistério; simplesmente quero que me diga o quanto sou esperto, quer você ache ou não.

— Está certo, respondeu Nigel cordialmente. Alleyn lhe dirigiu um sorriso amistoso, acendeu um cigarro e, com um ar levemente didático, começou seu resumé.

— Vou voltar às maneiras oficiais, disse ele. — Acho que isso impressiona vocês. Rankin foi apunhalado pelas costas às cinco para as oito. Foi nessa hora que o gongo soou, segundo seu relógio, que sincronizava com o de Mary, que disse por sua vez a Wilde que eram 10 para as oito, quando ele subiu. Ela o viu subir. Você falou com ele quando ele entrou no banheiro e durante o tempo em que se seguiu;

isso deixa um espaço de quatro minutos entre quando Rankin foi deixado sozinho e o assassinato, menos, porque Mary não foi embora de imediato. Ele foi apunhalado por trás, ou por alguém com mais de 1,80m, ou por alguém de pé sobre uma área mais elevada. Ao cair para trás, ele bateu o gongo com a cabeça.

— Oh! Exclamaram num espanto Ângela e Nigel ao mesmo tempo.

— Sim, foi isso. Vocês raciocinaram devagar. Isso é coisa de criança para a Yard, posso lhes assegurar. Havia uma escoriação muito superficial na cabeça, e eu tenho certeza de como foi causada. Todos vocês descreveram o som como uma nota única, levemente abafada e ribombante. “Cérebro e latão numa conjugação musical!” pensei comigo. O movimento do corpo foi bastante maroto... Eu estava intrigado com isso... Mas agora eu o reconstituí assim: Rankin estava curvado, bebendo seu drinque, coitado! A coqueteleira estava ao lado dele no chão e o copo virado de cabeça para baixo. A Srta. Grant reparou nisso. O assassino, não me darei o trabalho de adicionar “ou assassina” toda vez, então, apagou as luzes, usando uma luva ou tendo algo enrolado na mão. Depois fugiu. Para onde? Por razões com as quais não vou aborrecê-los, deduzo que ele foi para o andar de cima. — Agora, nesse exato momento, onde estavam todos? Toda a criadagem prestou contas de seus atos, mesmo aquele bode velho Vassily, que estava sozinho no quarto de bagagens. Você, Bathgate, estava em seu quarto. Uma empregada o viu lá quando o gongo soou, e eu tenho outras excelentes razões para acreditar no seu álibi. Sir Hubert afirma que estava em seu quarto de vestir. A senhorita o viu lá, Srta. Ângela, quando foi buscar a aspirina, e mal a senhorita tinha acabado de voltar ao quarto da Srta. Grant, o gongo soou. Sir Hubert é um homem muito ativo para a sua idade, mas não poderia ter descido nesse curto espaço de tempo. Só se fosse um garotinho. A senhorita, possivelmente, poderia tê-lo conseguido, mas em seu caso, Srta. Ângela, há uma completa ausência de motivos e eu a eliminei como uma possibilidade. Por esta vez não haverá cause célèbre para a senhorita.

— Muito amável, murmurou Nigel.

— Além disso, Florence a viu no corredor. “Salvos pelos criados” é o subtítulo que diz respeito a vocês. A Srta. Grant subiu, tomou banho, foi ao quarto de Rankin, voltou, encontrou Florence em seu quarto. A Srta. Grant, em seu depoimento, deliberadamente não citou sua visita ao quarto de Rankin, mas a não ser que tenha subornado Florence para mentir por ela, seu encontro, embora não a salve definitivamente de suspeita, dá a ela muito pouco tempo para descer, apanhar a adaga da parede, cravá-la na vítima e voltar. Ela estudou Medicina na universidade, garota sabida, e pretendia ser uma doutora. Por favor, não interrompam. — Tokareff, continuou, — Cantava em seu quarto e Florence me afiançou tê-lo ouvido. Sir Hubert também. Eles têm a impressão de que ele esteve interpretando os foles de Bóris, incessantemente, até o soar do gongo. Tais impressões não são dignas de confiança. Ele pode ter parado por quatro minutos, sem que ninguém tenha notado. Fez uma pausa e prosseguiu: — A Sra. Wilde, cujo quarto fica no topo da escada, era a mais próxima da vítima. Você me assegurou tê-la ouvido falar depois que as luzes se apagaram. Há outros pormenores que chegam a riscá-la da lista de possíveis, mas ela fez, subsequentemente, uma ou duas coisas que mostram o quanto estava desesperadamente ansiosa para ocultar certos aspectos de sua amizade com Rankin.

— Por certo, aventurou Ângela de modo amável, — Isso é bastante compreensível.

— Também acho, mas mesmo assim, tudo deve ser esclarecido. É por isso que vocês vão me ajudar hoje à noite. Com Wilde, nós lidamos exaustivamente. Estamos todos cansados de Wilde. Ele tentou se apresentar como criminoso, mas seus movimentos foram descritos desde a hora em que deixou Rankin e subiu diante dos olhos da empregada, até a hora em que o gongo foi ouvido. Bathgate conversou com ele o tempo inteiro, e Florence os escutou. O banho nos deu excelentes impressões digitais, e assim por diante. Ele também deixou algumas impressões no corrimão, só para fazer as coisas ficarem mais difíceis. — Por último, há o melodramático elemento russo. Seu tio escreveu vários excelentes trabalhos sobre as características e costumes russos. A meu

ver, a coisa mais certa que ele já escreveu sobre os russos foi que nenhum inglês podia entendê-los. A ideia de uma odiosa confraria secreta pertence a Merejkowski e contribui para Chums. A ideia de russos apunhalando pessoas na Inglaterra, porque alguém se livrou de uma adaga sagrada, é tão fantasiosa, que um policial que se preza se envergonha de expô-la. Ainda assim, Krasinski, o polonês, foi assassinado por esta razão; Rankin foi o homem para quem foi dada a faca; e dois membros da associação estavam na casa por ocasião do homicídio. Um já está preso por subversão, mas... Desgraçado!... Cantava na hora do assassinato.

— Isso, comentou Ângela num jeito manso, — Estabelece um álibi maravilhoso, não é?

— Um pouco maravilhoso demais, no seu modo de ver, observou Alleyn apreciativamente. — Mulher sagaz, roubou minha pequena bomba. Ainda assim, ele cantou e... A não ser que, como eu disse, tenha feito uma pausa que ninguém percebeu, ou a não ser que seja ventríloquo e que tenha jogado a Morte de Bóris lá para cima e ao longo do corredor de trás... É um caçoísta de quem temos de nos livrar. Bem, aqui estamos nós novamente. Deixem-me lhes dizer, para finalizar, que não havia nenhuma impressão na adaga ou na tira de couro de onde ela foi tirada, somente as impressões de Bathgate na chave elétrica e uma misturada das de todos no corrimão. Falando no corrimão, Srta. Ângela, a senhorita alguma vez escorrega por ele?

— Sim... Frequentemente, confessou Ângela surpresa. — Nós fazemos competições, o rosto em primeiro plano, sem nos segurarmos.

— A senhorita fez isso no sábado, talvez?

— Não.

— A senhorita consegue descer com o rosto na frente? É um pouco difícil.

— Eu consigo. Marjorie não consegue, e o Dr. Tokareff ficou desesperançado quando fizemos isso no fim-de-semana passado.

— Êh! Gritou Nigel de repente, — Que tal Mary?

— Mistério desvendado, ironizou Alleyn. — Vamos a um cinema ou gostariam de voltar já?

— Não caçoe de mim, insistiu Nigel — Mary foi a última Ia vê-lo. Ela poderia tê-lo matado. E o que ela estava fazendo na frente da casa? Ela é ajudante de cozinha e arrumação. O lugar dela é na ala de trás. Procure um motivo.

— Vou providenciar. Enquanto isso, quero que a Srta. Ângela procure outra coisa. Ela vai à casa dos Wilde em Green Street. Quero que a senhorita, Srta. Ângela, entre e finja ser um bocado mais tola do que já é na verdade.

— Suponho que o senhor tenciona ser gentil, retrucou Ângela. — A quem eu procuro no meu jeito tolo?

— A senhorita perguntará a quem atender a porta, será uma criada ou um mordomo? — Se eles sabem onde está Sandilands. A senhorita dirá que chegou a Londres inesperadamente e que a Sra. Wilde lhe pediu que fosse lá.

— Agora escute, começou Ângela a se rebelar.

— De nada valem, interrompeu Alleyn, — Seus escrúpulos infantis. Ao fazer isso, a senhorita estará ajudando a inocentar uma pessoa, se ela for, como a senhorita parece acreditar, inocente. Bem?

— Prossiga por favor.

— A senhorita deverá dizer que está meio confusa e que não consegue se lembrar do recado, mas que se trata de algo que a Sra. Wilde queria, e a senhorita acha que Sandilands, a costureira, o tem em seu poder ou sabe onde está. A senhorita poderá dizer... Sim, acho que poderá dizer que é uma carta ou algumas cartas. Use sua imaginação.

— Revoltante, murmurou Ângela.

— Seja vaga, cativante e “gentil com o criado”, tudo ao mesmo tempo. Cite algo sobre Tunbridge, e pergunte se eles podem ajudá-la.

— Sobre Tunbridge? Alleyn lhe contou sobre a carta interceptada. Para seu assombro, Ângela explodiu numa gargalhada. — Meu pobre coitadinho, disse Ângela importunamente, — E o senhor pensou que deveria ir a Tunbridge, e por isso estavam todos confusos?

— Srta. Ângela, recriminou Alleyn, — Não está direito que a senhorita se dirija a um representante da lei tratando-o de “pobre coitadinho”, depois de tão curto conhecimento. Devo confessar que

Tunbridge tem representado uma enorme dificuldade. Tenho feito inquéritos exaustivos. Os Wilde, pelo que investiguei, não conhecem ninguém em Tunbridge, e a senhorita me afiançou que eles nunca visitam o lugar. A carta dizia “destrua o pacote em Tunbridge C”. Por que C? O grande detetive está derrotado, eu lhe asseguro.

— O senhor será a minha perdição, afirmou Ângela. — O senhor conhece qualquer coisa sobre armários de colecionadores ou sobre objetem d'art vitorianos?

— Eu não os coleciono.

— Bem, pois eu farei isso para o senhor.. Hoje à noite.

— Que quer dizer?

— Não tenho a menor intenção de lhe contar, confessou Ângela.

* * *

Treze

O ELEMENTO RUSSO

HOUVE um breve silêncio, quebrado por Ângela.

— O Nigel vai comigo à casa dos Wilde? Perguntou.

— Não, se a senhorita não se importa. Tenho um trabalho para ele aqui. Nós dois entraremos no carro com a senhorita. Vassily nos verá sair e deixaremos o carro logo que ele não possa mais ser visto da casa. Há uma garagem a menos de 200 metros rua acima. A senhorita pode estacionar o Bentley ali e tomar um táxi para a casa dos Wilde? Quando estiver com seu pacote e tiver feito o seu programa em Tunbridge, seja lá o que for... Eu estou confiando em você nisso, jovem... Por favor volte para... Digamos... Para o Hungaria. Eu reservo uma mesa. Espere por nós lá. A senhorita se importa?

— É claro que não, afiançou Ângela. — O que vocês vão fazer?

— Honestamente, não há tempo de lhe contar, e a senhorita deve me permitir a um toque do meu tom oficial.

Alleyn chamou Vassily. O inspetor lhe disse que estava voltando a Frantock e ficaria fora por dois dias. Eles colocaram os casacos e chapéus e três minutos mais tarde viam ao longe a silhueta do velho mordomo se inclinando sob o umbral iluminado da porta. Ângela saiu do beco para a Coventry Street, parando do lado de fora da garagem que Alleyn tinha indicado. Ele e Nigel desceram do carro.

— Au revoir, disse Alleyn, se curvando sobre a janela do Bentley.
— Se não estivermos no Hungaria à meia-noite, telefone para este número e pergunte pelo Inspetor Boys. Cite o número-código escrito no cartão, diga quem é e lhe peça para dar uma batida no meu apartamento.

— Mesmo?

— Mesmo. Boa caçada.

— Até logo querida, gritou Nigel descaradamente e ele e Alleyn caminharam de volta ao apartamento. Alleyn falou brevemente.

— Ouça com atenção, Bathgate. Tome um táxi para Little Pryde Street 128 e lá pergunte pelo Sr. Sumiloff. Ele está trabalhando comigo no setor russo deste caso e espera um telefonema. Diga-lhe que eu lhe pedi que se comunicasse com ele e que ele deve telefonar para minha casa e falar com Vassily em russo. Ele deve dizer que o quartel-general não apresenta segurança, mas que Kuprin sugere uma reunião imediata do comitê em minha casa. Se Vassily hesitar, ele deve dizer que eu tenho sido observado e que parti para Frantock no Bentley. Ele deve instruir Vassily e depois convocar o comitê pelo telefone. Devo enfatizar o fato de que a minha casa é o lugar menos provável e por isso mesmo o mais seguro para encontros. Deve sugerir uma palavra-senha, e todos que chegarem à casa devem dizê-la antes de serem admitidos. Tudo isso Sumiloff deve ordenar que Vassily organize. Vou repetir tudo. Você tem lápis e papel? Então anote o nome: Sumiloff. Alleyn repetiu as instruções novamente.

— Já peguei, disse Nigel.

— Sumiloff deve então ir ao apartamento e ser admitido lá depois de dizer a senha. Deve dizer que Kuprin foi preso por assassinar o polonês Krasinski e que lhe pediu que fosse à reunião em seu lugar. Ele tem que inventar qualquer coisa para se encobrir. Diga a ele para se certificar de que Yansen irá à reunião. Yansen não fala russo, só sueco e inglês. É importante que ele esteja lá. Anote isso. Muito bem. Agora pode ir.

— Um momento, Alleyn, pediu Nigel. — Pelo que compreendo, Vassily está no fundo disso tudo, afinal.

— Ele mantém comunicação direta e constante com a confraria, mas não quero que ele suspeite de que eu sei disso. Eu tenho a impressão de que ele anseia por sair dela, mas não ousa dizê-lo. Achei que seria melhor não lhe dar essas instruções em meu apartamento. Seus modos são tão eloquentes, Bathgate.

— Para onde eu vou quando tiver feito isso?

— Você? Para o Hungaria, onde pode informar a Srta. Ângela da situação. Primeiro que tudo, porém, você espera com Sumiloff, enquanto ele telefona para Vassily. Se Vassily concordar em receber o comitê, você então ligue para ele... Não, espere um pouco, isso não vai dar... Sim, vai dar, sim. Diga que você quer saber o número de Frantock porque eu lhe pedi que me telefonasse para lá hoje à noite. Então vá e reserve uma mesa para três no Hungaria e espere por nós. Até logo... Você vai gostar de Sumiloff... Ele é um sujeito encantador. Aqui está um táxi. Alleyn ergueu sua bengala e um táxi parou junto ao meio-fio.

— Little Pryde Street n.º 128, disse Nigel ao chofer. Quando ele abriu a porta e entrou, Alleyn já tinha sumido.

“Que diabo,” pensou Nigel com seus botões, “não tenho a menor ideia do que ele vai fazer.”

O Sr. Sumiloff estava em casa e recebeu Nigel. Era um russo alourado e esguio, que falava excelente inglês.

— Muito prazer em conhecê-lo, ele saudou Nigel. — Alleyn me pediu que estivesse preparado para um trabalho hoje à noite e mencionou o seu nome. Este horrível assassinato deve ter sido um grande choque para o senhor, assim como uma perda pessoal. Agora, por favor, quais são as instruções? Deixe-me servir-lhe um drinque.

Nigel apanhou suas anotações e cuidadosamente repetiu sua lição.

— Compreendo. Uma reunião do comitê no apartamento de Alleyn. Que ideia divertida! E Vassily está encarregado de recebê-los e eu de convocá-los: Yansen, os três russos, mas não Kuprin, que está preso. Eu devo ser o amigo de Kuprin que irá representá-lo. Um pouco difícil

isso, mas acho que sei um meio de consegui-lo. Kuprin está realmente preso?

— Não tenho ideia. Quem é Kuprin?

— Ele é o líder, o cabeça da organização em Londres. Ele matou Krasinski, não há dúvida. A Yard vem observando a confraria há dois anos. Eu também, pelo meu amigo Alleyn, venho observando e me infiltrei no conselho deles. Nigel lhe contou da prisão de Tokareff.

— O senhor acha que Tokareff matou meu primo, Sr. Sumiloff?

— Acho... Acho que é bem possível, respondeu Sumiloff puxando o telefone para junto de si. Discou um número e esperou. — Agora vamos a Vassily Ivanovitch, murmurou ele e então: — Alô, é do apartamento do Sr. Alleyn? É o empregado do Sr. Alleyn quem está falando? Ah... Seguiu-se então uma torrente de palavras em russo, longas pausas durante as quais a vozinha sumida de Vassily era ouvida através do fone. Finalmente Sumiloff desligou. — Está tudo bem até agora, disse ele. — Vassily está nervoso, mas obediente. Está evidentemente aterrorizado com o comitê. Disse que Yansen sabe onde todos eles estarão escondidos hoje à noite. As salas de Soho estão sendo vigiadas pela polícia. Ele sugere que eu telefone para Yansen e lhe diga para reunir os outros. Nós poderemos tirar muita coisa dessa reunião. Se Tokareff foi quem fez aquilo, eles certamente irão discutir sua posição. Sim... Alleyn armou uma ratoeira divertida para eles.

Consultou um caderninho de telefones em sua escrivaninha e ergueu o fone outra vez. Desta vez a conversa foi em inglês:

— Ah, é você, Número Quatro? Eu sou o amigo do chefe. Você deve se lembrar da vez em que nos encontramos em seus aposentos e na assembleia-geral. Você sabe, é claro, que o chefe foi pego e também o doutor. Eu estava com o chefe quando eles vieram buscá-lo. Ele me cochichou que convocasse uma reunião imediatamente em...

Sumiloff se calou para ouvir uma avalanche de advertência e sobressalto. Seguiu-se uma conversa comprida. O bilíngue Yansen parecia estar muito perturbado.

— Essas são as instruções do chefe, disse Sumiloff. — Não há dúvida sobre o homem da Yard: ele está fora de Londres. Vassily e eu temos certeza disso. Você me conhece... Sumiloff. Se você quiser, eu irei e darei o meu depoimento. É melhor que não seja por telefone. Muito bem. Em meia hora onde está Vassily, então. Ele desligou.

— Tudo bem? Perguntou Nigel.

— Acho que sim. Sumiloff olhou seu relógio. — Nove e meia.

— Alleyn disse que eu devia ligar para Vassily e fingir que queria o número de Frantock. Isso será uma confirmação para Vassily de que Alleyn está fora de Londres.

— É claro. Você vai telefonar agora, então? Nigel discou o número e logo ouviu a voz de Vassily, lamuriosa e cansada:

— Quem fala?

— Alô, Vassily, é você? Começou Nigel. — Olhe aqui, você quer me dar o telefone de Frantock? Preciso falar com o Sr. Alleyn assim que ele chegar lá. Aqui quem fala é o Sr. Bathgate.

— Sim, sim, Sr. Bathgate, certamente. É Frantock 59, senhor. O centro telefônico fecha à meia-noite.

— Muito obrigado, Vassily... Desculpe o incômodo. Boa noite.

— Até agora tudo bem, disse Sumiloff. Nigel se levantou. — Não vá ainda. Eu ainda vou demorar uns 20 minutos. Podemos sair juntos, sugeriu o russo. — Esse é o seu primeiro contato com o Inspetor Alleyn?

— Sim. Ele é um homem extraordinariamente interessante, disse Nigel. — Não dá de modo algum a ideia que se faz de um oficial da Scotland Yard.

— Não? Bem, acho que não. Ele teve uma excelente educação, disse Sumiloff de modo curioso. — Ele começou no Serviço Diplomático; foi quando o conheci. Foi por razões particulares que ele se tornou um policial. É uma história muito interessante. Talvez algum dia ele conte ao senhor.

Como era evidente que Sumiloff não tencionava continuar a discorrer sobre o Detetive-Inspetor Alleyn, Nigel pediu que lhe

descrevesse mais minuciosamente a sociedade cujas atividades eles estavam investigando. Ficou sabendo que o ramo londrino da confraria vinha operando há alguns anos. A organização propriamente dita era surpreendentemente antiga e era forte no reinado de Pedro, o Grande, quando eram praticados vários ritos horríveis e indecentes, baseados numa espécie de monasticismo invertido.

— Uma de suas práticas favoritas era se reunirem juntos numa casa, se entregarem a uma espécie de delírio revoltante e depois se trancarem na casa, ateando fogo nela. Infelizmente, não foram todos que fizeram isso, de modo que a confraria sobreviveu para se tornar uma organização política e para se associar às doutrinas dos soviéticos. Se ela tem algum reconhecimento oficial, não pude descobrir, embora, segundo a sugestão de Alleyn, eu tenha me tornado um membro e tenha, até certo ponto, acompanhado o ritual. Ele relanceou os olhos para Nigel com um olhar de curioso desprendimento. — Eu sou, o senhor sabe, finalizou ele, — uma espécie de chamariz. Não remunerado. Mas já fui patriota e não amo os soviéticos.

— E a faca?

— É, sem dúvida, muito antiga. Mongólica, eu diria. Sua associação com a confraria data de muito tempo e era usada nas mutilações do velho ritual. Tem uma história horrenda, mas os mais fanáticos entre os confrades creem que ela possui poderes extraordinários. Krasinski recebeu a missão de trazê-la para a Inglaterra depois de um comitê especial da sociedade em Genebra... Sim, em Genebra, meu amigo. Nunca saberemos por que ele a deu ao Sr. Rankin. Talvez ele tenha sido pressionado, ou amedrontado, ou talvez simplesmente desejasse deixá-la com uma pessoa de confiança. Ele era louco. Os poloneses são ainda mais loucos que os russos, Sr. Bathgate... E agora eu devo ir à minha reunião.

— Onde o senhor imagina que Alleyn esteja no momento? Perguntou Nigel quando eles desceram. Sumiloff não respondeu de pronto. Apagou as luzes do pequeno hall.

— No momento? Sua voz soava tranquila no escuro. — Em seu habitat natural, creio eu.

Do lado de fora, numa estreita vereda, um homem tinha parado para acender seu cachimbo. O fósforo apagou e ele jogou a caixa fora com uma exclamação de aborrecimento.

— Quer fogo? Perguntou Sumiloff.

— Muito obrigado, respondeu o homem, estendendo a mão.

— Yard? Perguntou Sumiloff baixinho.

— Sim, senhor. Destacado pelo Detetive-Inspetor Alleyn.

— Este cavalheiro é de confiança. Vou para a casa agora. Não espero encencas, mas você conhece os planos, não?

— Sim, senhor. O Sr. Alleyn recomendou que não devíamos ser vistos, mas assim que o último deles entrar na casa, nós nos aproximaremos um pouco.

— Espero que tomem cuidado. Certamente eles irão colocar uma sentinela.

— Sim, senhor. Recebemos instruções esta tarde. Pelo que sei, não deveremos realmente nos intrometer, a não ser que recebamos uma mensagem do restaurante Hungaria. Devemos esperar na loja vazia em frente à casa do Sr. Alleyn. A entrada é pela outra rua, e a moça deve nos telefonar para lá. É um plano pouco comum. Tem um apito, senhor?

— Sim, obrigado. Um pedestre solitário se aproximou.

— Muito agradecido, disse o homem da Yard em voz alta.

— Não há de quê. Boa noite. Sumiloff e Nigel continuaram a caminhar em silêncio, até que chegaram à Lower Regent Street.

— Um apito pode ser um método inadequado de alarma, comentou Nigel, que estava se roendo de curiosidade.

— Não este, rebateu Sumiloff. Mostrou um pequeno disco de metal e o colocou sob a língua. — É para ser usado somente em casos de emergência, disse ele. — Talvez seja melhor nos separarmos aqui.

— Está certo. Oh! Só um instantinho. O senhor lhes deu uma senha?

— Claro.

— Por favor, diga-me qual é!

— Estou vendo que você ainda não acabou de crescer. Bem, não pode haver mal nenhum. É o nome do polonês assassinado.

— Puxa vida, que dramático! Boa noite.

— Boa noite, Sr. Bathgate.

Nigel foi para o Hungaria e pediu uma mesa. Como não estava vestido apropriadamente, ficou numa das mesas dos fundos do restaurante. Ângela ainda não tinha chegado. Nigel se sentou, numa terrível inquietação mental. Não havia muita gente ali naquela hora e ele pouco achou que pudesse distrair seus nervos superestimulados. Fumou três cigarros um atrás do outro, observou três casais dançando um tango enervante, e imediatamente pensou em Rankin e na Sra. Wilde. Outro homem sozinho entrou e, após um momento de hesitação, se sentou na mesa ao lado e pediu uma cerveja. A orquestra tocava daquele modo solto, característico das horas de menos movimento dos restaurantes da moda.

— O senhor quer fazer seu pedido? Perguntou o garçom a Nigel.

— Não, obrigado. Vou esperar pela minha... Estou esperando alguém... Pedirei quando ela chegar.

— Pois não, senhor.

Nigel acendeu um cigarro e tentou imaginar a cena na casa de Alleyn. Ele estava ansioso pela chegada de Ângela. Gostaria de estar com Sumiloff. Gostaria de ser um detetive.

— Perdão, disse o homem da mesa ao lado, — Mas o senhor pode me informar quando a orquestra húngara vai tocar?

— Não antes da meia-noite.

— Isso é muito tempo, disse o estranho impacientemente. — Vim especialmente para ouvi-la. Ainda bem que o senhor me avisou.

— Oh, é terrível, comentou Nigel sem entusiasmo.

— Disseram-me, continuou seu vizinho, — Que um russo vai cantar aqui hoje à noite. Uma voz agradável. Ele canta uma coisa que se chama A Morte de Bóris.

Nigel teve um pequeno sobressalto, se controlou e resmungou obscuramente.

— Tudo bem até agora? Murmurou o homem. Aquilo era emocionante demais! Nigel, com um esforço ainda maior, murmurou à maneira correta de Sumiloff:

— Yard?

— Sim. A caminho do encontro. Inspetor Boys. Só que antes eu gostaria de saber das últimas.

— Sumiloff já fez o combinado, explicou Nigel, se curvando para amarrar o sapato, — Ele deve estar lá agora.

— Está muito bem. Garçom! Quer me trazer a conta? Depois de alguns minutos, ele foi embora, passando por Ângela que, com um mal disfarçado ar de triunfo, assomara à entrada. Ela acenou para Nigel, varou seu caminho através das mesas e se afundou na cadeira que o garçom puxou para ela.

— Heureka! Exclamou Ângela, batendo com a bolsa sobre a mesa e dando nela uma palmadinha triunfante.

— Que tem você aí? Perguntou Nigel sem cerimônia.

— Estive em Tunbridge C.

— Ângela, que quer você dizer? Mesmo você não poderia ter dirigido até Tunbridge e voltado em duas horas.

— Peça para mim uma dessas convidativas cervejas que essa gente está bebendo e eu lhe conto tudo, disse Ângela.

— Cerveja, exclamou Nigel surpreso.

— Por que não? Eu adoro. Rios e rios de cerveja, disse Ângela de um modo extravagante. — E agora deixe que eu lhe conte o que aconteceu. Oh, Nigel, ela continuou com uma mudança completa no tom da voz. — Detesto bancar a espia. Se não fosse por Rosamund, eu nunca, nunca teria me metido nisso. Mas eu sei que Rosamund não fez

aquilo e... E ela teve um choque tão violento. Você gostava de Charles, Nigel?

— Não sei, respondeu Nigel sério. — Tive um choque terrível. Fiquei dizendo a mim mesmo “Pobre do velho Charles”, mas você sabe, a única coisa que eu posso ter certeza nisso tudo é que eu não o conhecia realmente. Eu apenas o aceitava. Ele era meu primo e eu sempre o vi muito, a vida toda. Mas absolutamente não o conhecia.

— Rosamund conhecia. Ela o amava, e era um amor muito infeliz. Charles se comportava muito mal. Rosamund tem um temperamento horrível, você sabe. Quando ela estava em Newnham, entrou numa encrenca terrível por... Por ter atacado outra estudante. Houve um tremendo escândalo. Tudo começou com uma porção delas caçoando de Rosamund por causa de Charles e outra pequena, e ela ficou com uma raiva homicida e apanhou uma faca... Sim, uma faca... Elas tiveram realmente de contê-la.

— Meu Deus!

— Você compreende que no dossiê que o Sr. Alleyn está preparando sobre todos nós, ele deve ter incluído cada fragmento de nossas histórias passadas que possa ter qualquer relação, por remota que seja, com o caso? Pode estar certo de que eles devem ter feito uma investigação exaustiva sobre os antecedentes de Rosamund em Newnham. Eu sei que ela não matou Charles, e se isso implicar em roubar as cartas de Marjorie Wilde para prová-lo... Bem, de qualquer modo, eu as tenho comigo.

— Cartas? Você vai tão depressa que eu não consigo acompanhá-la. Você roubou cartas?

— Sim, Imaginei, e estou certa que o Sr. Alleyn também, que o pacote que Marjorie queria que Sandilands destruísse era um maço de cartas. O “Tunbridge C.” me deixou intrigada por um segundo, mas eu logo descobri tudo. Arthur adora colecionar caixas antigas, e eu me lembrei de repente que ele deu a Marjorie um porta-joias vitoriano engraçado feito de madeira marchetada. Você sabe como os colecionadores de antiguidades chamam a esses porta-joias?

— Realmente não sei.

— Caixas Tunbridge. Eu pensei nisso no mesmo instante e no táxi resolvi o que iria dizer. Masters, o mordomo deles, me deixou entrar, e eu lhe disse que tinha vindo a Londres inesperadamente, que tinha um jantar e se ele se importaria que eu fosse me arrumar no quarto de Marjorie. Todos os criados tinham saído e fiquei sem ninguém que me pudesse perturbar. Levei 10 minutos para encontrar a caixa... Estava no fundo da prateleira de cima de seu guarda-roupa. Nigel... Eu forcei a fechadura com uma lima de unhas. Foi muito fácil, nem sequer a quebrei. Eu me senti suja, mas tenho as cartas. Deixei meu casaco de couro lá, e Masters disse que mesmo que eu voltasse bem tarde ele ainda estaria de pé, pois a Sra. Masters vai voltar de Uxbridge hoje, no último ônibus. Assim, eu as mostrarei ao Sr. Alleyn e espero que ele diga: — Ponha-as de volta no lugar. Oh, Deus, eu me sinto sórdida!

— Não acho que você precise se sentir assim, minha querida.

— Você está sendo bonzinho porque gosta de mim. Oh, eu descobri sobre Sandilands. Ela ia ficar em Dulwich com uma velha tia, mas a tia morreu repentinamente, e Sandilands, deprimida, foi para Ealing. Masters disse que eu deveria falar com Madame porque ele acreditava que havia um arranjo para Madame escrever para Sandilands em Dulwich a respeito de umas roupas que ela estava fazendo para Madame. Então isso ficou bem claro. Foi relativamente fácil, e Masters estava tão sufocado de curiosidade reprimida acerca dos “acontecimentos funestos”, como ele os chamou, que eu realmente cheguei a acreditar que ele me teria permitido subtrair retratos de família, sem abrir a boca. Não sei por que as cartas iriam salvar Rosamund e não sei se elas vão envolver Marjorie num escândalo, mas fiz o que achei que devia.

— Pessoalmente, não creio que os Wilde ou Rosamund Grant tenham qualquer coisa a ver com o assassinato. Acho que Tokareff é o homem.

— E que me diz de Mary, a empregada bonita?

— Bem, ela foi a última a vê-lo com vida, ela é bonita e Charles... Bem, de qualquer modo, foi uma ideia. Mas eu ainda tendo realmente para o elemento russo. Ouça-me. Nigel relatou suas aventuras, e Ângela ficou satisfatoriamente impressionada.

— E eu realmente passei, exclamou ela, — Por um detetive quando entrei. E a polícia está atrás das persianas de uma loja deserta com um telefone instalado, e devo lhes telefonar se Alleyn não chegar à meia-noite. Que emocionante!

— Eles receiam apertar a vigilância na casa de Alleyn, pois os russos certamente estarão à espreita e poderão suspeitar de alguma coisa. Se Alleyn estiver lá, ele irá provavelmente escapular por uma janela ou... Eu não sei. De qualquer modo, essas são as ordens.

— Que horas são agora?

— Quinze para as 11.

— Céus! E não podemos nem ao menos dançar. Por que o Sr. Alleyn não nos avisou dessa viagem? Eu poderia ter deleitado seus olhos com o meu melhor vestido de tule. Sobre que vamos falar, Nigel?

— Eu gostaria de falar sobre amor à primeira vista.

— Nigel! Que coisa arrebatadora! Você realmente tem opinião a esse respeito ou você está sentindo que, tendo em vista uma longa espera, a única coisa a fazer é flertar um pouquinho?

— Não. Tenho minhas opiniões. Mas se você vai fazer com que elas soem ridículas, eu as guardo para mim.

— Desculpe, disse Ângela numa vozinha doce. — Que posso fazer?

— Dê-me sua mão para beijar. Estou ansioso por isso, e as pessoas em volta apenas vão pensar que sou algum agente estrangeiro.

A mão que ela estendeu era fria e relutante, mas seus lábios a persuadiram a se tornar dócil.

— Meu coração está dando saltos, disse Nigel impetuosamente, — E é muito incômodo.

Uma imperceptível névoa cor-de-rosa pareceu ter envolvido a mesa. Ângela, Nigel, a cerveja e a mesa flutuaram nessa névoa por meia hora, enquanto a orquestra os embalava suavemente numa melodia deliciosa.

— Perdão, por favor, mas o senhor é o Sr. Bathgate? Perguntou um garçom, de repente.

— Sim... Por quê? Perguntou Nigel, piscando como quem acorda de um sonho.

— Há um recado telefônico, senhor.

Um pedaço de papel numa bandeja apareceu debaixo do nariz de Nigel. Ele o apanhou e leu. A névoa cor-de-rosa se dissipou e Nigel se sentou olhando aquela dúzia de palavras: “O Sr. Alleyn espera que o Sr. Bathgate se reúna ao Sr. Sumiloff o mais cedo possível”.

— Ah... Obrigado, não há resposta, disse Nigel confuso.

* * *

Quatorze

REUNIÃO ENCERRADA

OS BRAÇOS de Sumiloff estavam começando a doer e a dormência aguilhoava intoleravelmente suas pernas. Com precaução um tanto desnecessária, eles tinham amarrado seus pulsos e tornozelos à cadeira. Os outros três russos estavam sentados mais adiante, conversando intermitentemente, e mal olhando para ele. Yansen, o escandinavo, parecia menos desinteressado. Estava curvado sobre a mesa onde, pouco antes, Nigel e Ângela tinham provado o porto de Alleyn e encarava Sumiloff. Acabara de lhe dizer outra vez o que eles se propunham fazer exatamente.

Vassily entrou na sala. Seu rosto estava coberto por uma intensa e estranha palidez. Seu olhar a Sumiloff sugeriu uma espécie de compaixão reprimida. Falou rapidamente em russo e depois, para que Yansen entendesse, em inglês.

— O homem de sentinela diz que o Sr. Bathgate já vem vindo, anunciou.

— Nós o receberemos, disse Yansen. Voltou-se para os outros. — Vocês estão prontos? Perguntou. — É bem simples. É melhor que Vassily não abra a porta; ele não tem jeito para isso. Os outros concordaram com a cabeça e se puseram de pé.

Nigel estava, de fato, entrando no beco. Não podia imaginar o que tinha suscitado a atitude inesperada de Alleyn. Deveria ele entrar na

reunião como se o estivesse fazendo por acaso? Deveria simplesmente perguntar a Vassily se um Sr. Sumiloff estava lá ou deveria lhe dar a senha e fingir, o que seria pouco convincente, que era um membro daquela sociedade absurda? Olhou fixamente para a loja em frente à casa de Alleyn. Estariam os olhos de Yard a observá-lo atrás daquelas persianas fechadas? Encontraria Alleyn dominando a situação? Tocou a campainha e esperou. O homem que abriu a porta obviamente não era Vassily. Era mais jovem e mais alto, mas o brilho da luz atrás dele impediu Nigel de lhe ver o rosto.

— Krasinski, disse Nigel sem jeito.

— Está tudo certo, Sr. Bathgate, replicou o homem em tom jovial.
— Pode entrar.

— Ora, muito bem! Respondeu Nigel, e entrou. O homem fechou a porta com cuidado e se virou para a luz.

— Você! Exclamou Nigel.

— Sim, Sr. Bathgate. Fiquei satisfeito ao encontrá-lo no Hungaria. O senhor me contou precisamente o que eu queria saber. O senhor quer me seguir, por favor?

Nigel o seguiu até a sala-de-jantar. À porta, o homem chegou-se para o lado e Nigel, ainda muito espantado, entrou. Sumiloff estava sentado numa cadeira com os pulsos e tornozelos atados. Três outros indivíduos estavam de pé junto da mesa e Vassily atrás deles. O homem que estivera no Hungaria trancou a porta e juntou-se aos outros.

— Sumiloff, apelou Nigel, — Que quer dizer tudo isso?

— Veja por si mesmo, disse Sumiloff.

— O Sr. Sumiloff foi um pouco indiscreto, comentou o homem alto, — E da mesma forma, se me permite, foi também o senhor.

— Mas, gaguejou Nigel, — Sumiloff não é membro da sociedade, então?

— Pelo contrário, eu sou. Não o Detetive-Inspetor Boys, Sr. Bathgate, mas Erik Yansen. Permita-me apresentar-lhe meus camaradas. Estamos todos armados e o senhor está sob nossa mira, Sr. Bathgate.

Enquanto o amarravam à outra cadeira, o pensamento predominante de Nigel era o de quão bobo Ângela o acharia. “E quão triplamente bobo o consideraria Alleyn”, pensou ele, enquanto a tira de couro lhe mordia o tornozelo. Olhou para Sumiloff.

— Como aconteceu? Perguntou.

— Yansen nos viu juntos na Regent Street. Foi minha culpa. Fui criminosamente descuidado; nós nunca deveríamos ter ido tão longe juntos. Ele me reconheceu e, já com alguma suspeita, o seguiu até o Hungaria.

— Correto, afirmou Yansen. — E já que o nosso camarada Vassily nos tinha dito o quanto o Sr. Alleyn estava intrigado com a canção do doutor, aventurei mencioná-la. Seu rosto me encorajou a prosseguir, Sr. Bathgate.

— O Detetive-Inspetor Alleyn, reiterou Nigel, — Já me disse que meu rosto é eloquente.

— Então, quando cheguei aqui, tratamos de lhe enviar um recadinho.

— Está tudo maravilhosamente claro agora, obrigado, disse Nigel.

— Antes da chegada do camarada Yansen, entretanto, disse Sumiloff de repente, — Pude conseguir uma boa parcela de informações. Tokareff não matou seu primo, Sr. Bathgate. Vassily proferiu uma exclamação abrupta em russo e foi rebatido autoritariamente por um de seus compatriotas.

— Teria sido uma grande glória para ele matar aquele homem, acrescentou o russo com forte sotaque.

— Bobagem, replicou Sumiloff em voz alta. O russo que tinha falado atravessou a sala e esbofeteou Sumiloff na boca.

— Svinya! Disse Sumiloff com ar de desinteresse. — Ele está aborrecido porque não sei onde está Alleyn. Olhe para a sala.

Nigel começara a observar que a casa estava num estado caótico. As cortinas tinham sido arrancadas, a mobília puxada das paredes, uma

escrivadinha tinha sido aberta, e a grande lareira estava repleta de papéis. Ele se lembrou de ter notado o mesmo tipo de desordem no hall.

— Eles estiveram nos porões e foram ao sótão, também, explicou Sumiloff. — Agora não sabem o que fazer conosco.

— Ouçam-me, atalhou Yansen energicamente. — Um de vocês ou ambos podem nos dizer o que Alleyn está fazendo. Deem-nos alguma indicação de onde ele está. É ridículo recusar, obrigando-nos a usar a força. Ele ficou dê pé diante de Nigel. — Onde está Alleyn? Interrogou.

— Não tenho a menor ideia, respondeu Nigel. — É a verdade... Eu não sei.

— Quando e onde o senhor combinou se encontrar com ele depois... Disto?

— Não fiz combinações.

— Porco mentiroso, sussurrou Yansen com veemência. Esbofeteou Nigel, fazendo sua nuca bater contra a cadeira. Os russos começaram a falar entre eles.

— O que vocês estão dizendo? Quis saber Yansen.

— Posso servir de intérprete? Ofereceu-se Sumiloff suavemente.

— Niet! Não! Respondeu o mais alto dos três. — Eu mesmo posso dizer isso em inglês. Estou dizendo para torturarem vocês para falarem. Não há tempo para espera. Não é seguro. Então, que fazer com eles? Acho melhor matar os dois, mas então como se livrar dos corpos? É difícil. Mas primeiro façam os dois falar.

O relógio do pequeno hall bateu meia-noite. Ângela telefonaria agora, a polícia estava logo do outro lado da rua. Não havia necessidade de ficar assustado. Vassily, subitamente, irrompeu em choro: as lágrimas constrangedoras de um velho. Os russos, aparentemente, praguejaram ante isso, e o que falava inglês aproximou-se de Sumiloff, lhe agarrando a gola do paletó. Eles falaram em russo.

— Bathgate, anunciou Sumiloff calmamente, — Eles vão enfiar um alfinete em minhas unhas. Nas suas também. É uma forma de

tortura bastante infantil, que não está à altura das tradições da confraria. Mas dói.

As últimas palavras tinham sido ditas e uma curta e audível inspiração de ar se ouviu, provocada pela dor súbita. Nigel se ouviu praguejar. Yansen e um dos russos se curvaram sobre ele. Nigel se lembrou de um comentário de Arthur Wilde: “Deveria ser possível divorciar a mente do corpo de modo que pudéssemos olhar nossa própria dor física com a mesma objetividade analítica com que olhamos a alheia”. Uma dor intolerável e nauseante violou seus dedos. Seu corpo todo estremeceu e as correias cortaram sua carne. “Não vou conseguir aguentar isso”, pensou ele. Vassily soluçava alto. Os quatro homens estavam debruçados sobre Sumiloff e Nigel. Nigel fechou os olhos.

— Agora, ordenou Yansen, — Você nos dirá... Onde está Alleyn?
— Bem atrás de você, disse Alleyn.

Uma espécie de clangor de assombro iluminou o cérebro de Nigel. Perto de seu ouvido alguém soprava um apito de estourar os tímpanos. O som correspondia precisamente à dor da ponta de seus dedos. Ele abriu os olhos. Um policial negro com um revólver estava acorado, de pernas abertas, perto da lareira apagada.

— Nada de gracinhas, advertiu a aparição. — Vocês estão completamente cercados, entenderam? Levantem as mãos, meus bonecos.

A sala estava cheia de homens, policiais e homens de ternos escuros. Nigel fora desamarrado, mas ainda permanecia sentado em sua cadeira de braços, fitando um Alleyn de cara preta, que mantinha uma viva conversa com Sumiloff.

— Eu sabia que era possível subir por aquela chaminé, dizia ele. Puseram uma foto dela no Lar Ideal, onde diziam: “encantadora chaminé antiga, intocada desde os tempos em que o limpador de

chaminés mandava seu pequeno ajudante subir por ela até o telhado”. “Intocada” é a palavra, a minha cara que o diga. Não sou um menino, e foi um tremendo aperto lá dentro, quente como o inferno. Pegou os homens, Boys? Muito bem... Leve-os.

— E o velho? Indagou um homem corpulento que Nigel deduziu acertadamente ser o verdadeiro Inspetor Boys.

— Vassily? Não. Ele é um velho idiota, mas não está preso. Irei para a chefatura quando esclarecer tudo aqui.

— Certo, senhor, concordou o Inspetor Boys sonoramente. — Venham comigo por favor, senhores. Daí a poucos minutos a porta da frente se fechou com estrondo.

— Vassily, participou Alleyn, — Acabou-se a confraria para você. Apanhe um pouco de iodo, arrume tudo, providencie bebida, prepare um banho quente e telefone para o Hungaria.

Nigel mal podia acreditar que apenas uma hora decorrera desde que deixara Ângela. Ela estava com uma expressão muito preocupada e pareceu imensamente contente e aliviada com sua chegada. Quis examinar o seu dedo, pareceu horrorizada com sua narrativa e fê-lo sentir-se um herói ao invés do tolo que ele sabia ter sido. Comeram um pouco de bacon, Nigel pagou a conta e, apaixonadíssimo por Ângela, achou a viagem de volta a Frantock curta demais.

Bunce fê-los parar nos portões e eles o satisfizeram com alguns fragmentos do ocorrido. Frantock estava às escuras e o hall, com sua lareira se consumindo, era uma reminiscência da tragédia de domingo. Nigel beijou Ângela suavemente quando ela parou com sua vela acesa na mão no topo da escada.

— Com Tokareff fora da lista, disse ela de súbito, — A coisa vai se afunilando. Nigel, você acha que o Sr. Alleyn é sincero quando diz que não suspeita mais de... Nós?

— Pelo amor de Deus, querida, que pensamento para levar para a cama! Ora, é claro... Qualquer outra coisa está fora de questão. Caso contrário, ele confiaria em nós como confiou?

— Parece-me, prosseguiu Ângela, — Que ele não confia em ninguém. Que vou fazer com estas cartas?

— Deixe-as comigo. Eu as mostrarei a ele amanhã, e talvez possamos ir a Londres depois do inquérito e devolvê-las “incógnitos”.

— Sim, talvez, repetiu Ângela. — Muito obrigada, Nigel querido, mas se você não se importa, eu as guardarei comigo até então. Ela o beijou de repente, sussurrando: — Boa noite, e se recolheu.

Nigel se despiu e se enfiou na cama. A dor latejante de seu dedo o manteve acordado por algum tempo, mas, por fim, em meio a uma multidão de rostos grotescos simbolizados nos semblantes de Sumiloff, Vassily, Yansen e os três camaradas, ele foi se sentindo perder a consciência e cair em sono profundo.

O inquérito foi aberto em Little Frantock às 11 e meia da manhã seguinte. Levou muito menos tempo e foi ao todo muito menos temível do que esperava qualquer um dos membros da casa. Nigel já tinha sido informado, é claro, da natureza do testamento de Rankin. Charles deixara o grosso de suas posses para ele, notadamente sua casa e mobília; mas havia outros legados, incluindo uma soma de 3.000 libras para Arthur Wilde e livros, quadros e objets d'art para Sir Hubert Handesley. Os termos do testamento foram trazidos no inquérito, e Nigel sentiu que estava parecendo exatamente um assassino, mas por outro lado que não se encaixava na figura.

O magistrado encarregado da investigação gastou algum tempo no desenvolvimento da evidência de Mary, a criada, e fez uma série de perguntas a Arthur Wilde, tendo sido estes dois os últimos a falar com Rankin. Um bom tempo foi gasto também no elemento russo. Alleyn fez um relato breve e desapaixonado da reunião dos camaradas, frisando o fato de ter ele ouvido claramente a declaração daqueles, que atestava, de maneira definitiva, que Tokareff nada tinha a ver com o assassinato. Sumiloff foi chamado para sustentar esse ângulo levantado por Alleyn. Um advogadozinho gordo e deselegante “examinou” as atas na defesa do

Dr. Tokareff. As manobras ilícitas e teatrais da confraria causaram sensação.

Rosamund Grant não foi chamada, mas a Sra. Wilde, usando batom, mas sem nada no rosto, corroborou Wilde em seu depoimento sobre sua mútua conversação por ocasião do assassinato. Sir Hubert, parecendo terrivelmente abalado, foi tratado com esmerada cortesia pelo magistrado. O incidente do testamento da faca em favor de Sir Hubert foi abordado, mas o magistrado não se aprofundou nele. Alleyn pediu uma suspensão dos trabalhos; todo o caso terminou, deixando os observadores com a impressão de lhes ter sido oferecida traição, quando na realidade tinham pedido assassinato.

Os hóspedes estavam agora com plena liberdade para abandonar Frantock, e a reunião de fim de semana de Nigel estava no fim. Ele estava encarando a perspectiva de voltar à redação do jornal cheio de matéria proibida. A redação tivera muito tato. Jamison, seu chefe, lhe telefonara, ansioso, para dizer que não se preocupasse. Nigel, imaginando o escocês sedento de notícias, riu com seus botões, pois já tinha na verdade passado a hora que antecedeu ao inquérito escrevendo um artigo sobre o elemento russo.

Agora estava parado, pela última vez, junto à janela do seu quartinho galês, ouvindo ao fundo a voz lamuriosa da Sra. Wilde, enquanto esta falava a seu marido em meio ao aglomerado de malas, no quarto adiante do banheiro. Ângela desaparecera imediatamente após o inquérito, presumivelmente com o objetivo de correr até Londres levando as cartas. Nigel não tivera oportunidade de falar com ela, e se sentia bastante magoado. Com um suspiro, voltou da janela e deixou uma nota de uma libra sobre a cômoda para Ethel, a Inteligente. Uma libra inteirinha! Bonito gesto e bastante extravagante, mas, afinal, ela o tinha visto antes de as luzes se apagarem, estabelecendo, assim, seu álibi. Ouviu uma batidinha na porta.

— Entre, disse Nigel. Era Sir Hubert. Entrou meio incerto, hesitando ao ouvir as vozes dos Wilde e depois, de costas para Nigel, falou baixinho.

— Eu só interrompi você, se justificou, — Para lhe dizer, enquanto há oportunidade, o quanto eu lamento. Hesitou e então continuou com mais vigor, — O quanto eu lamento as trágicas circunstâncias da sua primeira visita aqui, Bathgate.

— Oh, por favor, senhor, começou a dizer Nigel, mas o outro o interrompeu.

— Você vai se mostrar generoso e educado a respeito disso, eu sei; mas embora isso seja gentil de sua parte, não faz muita diferença no que aconteceu. Eu me sinto... Horivelmente responsável por todos vocês, mas particularmente por você. Se algum dia eu puder lhe ser útil, você tem que me prometer que me fará saber disso.

— É muita gentileza sua, respondeu Nigel num impulso. — Espero sinceramente que o senhor tente, se não é uma impertinência minha lhe falar deste modo, se livrar de qualquer sentimento de responsabilidade mórbida em relação a nós. Eu... Eu gostava muito do Charles, é claro, mas não creio que o conhecesse a metade do que o senhor o conhecia. Acho que o senhor... Seu melhor amigo, afinal... Sente sua morte mais do que qualquer um de nós.

— Eu gostava demais dele, respondeu Handesley com um fio de voz.

— O senhor sabe, é lógico, que ele lhe deixou uma variedade de quadros e objetos. Eu providenciarei para que eles sejam enviados para cá assim que tudo estiver acabado. Se houver alguma outra coisa dentre seus pertences que o senhor conheça e gostaria de ter como... Como uma lembrança de Charles, espero que o senhor me diga. Isso soa horrível, mas eu pensei... Nigel se calou constrangido.

— MUITÍSSIMO obrigado. Eu compreendo perfeitamente, mas estou certo de que não há nada... Handesley se voltou para a janela, — A não ser talvez a adaga. Como você sabe, ela será minha de qualquer modo. Acho que o testamento está perfeitamente em ordem.

Por dois ou três segundos, Nigel ficou literalmente sem fala. Ficou olhando, por trás, a cabeça branca e honrada de Sir Hubert e pensamentos a respeito da total incalculabilidade das reações humanas se entranharam confusos em sua mente.

— Naturalmente... Ouviu-se dizer. Handesley o interrompeu.

— Você acha muito estranho que eu queira me apossar dessa arma, disse ele. — Para você, talvez, seja estranho, mas você não é um colecionador ardorosamente entusiasta, nem tem o ponto de vista objetivo de um estudante. Essa faca não poderá, forçosamente, me fazer lembrar mais daquilo que, de qualquer modo, eu nunca poderei esquecer, mas me parece que é um dever à memória de Charles que eu fique com ela, quando a polícia tiver terminado seu trabalho. Você não compreende isso, mas Charles, que conhecia meu temperamento, teria compreendido. Acho que qualquer pessoa interessada em tais coisas como eu me interesso, também entenderia. É o ponto de vista científico.

— Que é isso de ponto de vista científico? Quis saber Wilde, enfiando a cabeça pela porta do banheiro. — Desculpem se eu incomodo, mas eu ouvi a frase.

— Você deveria poder interpretá-la, Arthur, rebateu Sir Hubert. — Devo descer e atender Rosamund. Ela ainda está terrivelmente transtornada e Alleyn insistiu em entrevistá-la hoje outra vez. Arthur, me diga, você pensa...?

— Desisti de pensar, respondeu Arthur Wilde com amargura. Nigel ficou observando Handesley sair olhando de soslaio para seu velho amigo.

— Que está havendo com Hubert? Indagou Wilde quando eles ficaram sozinhos.

— Não me pergunte, respondeu Nigel cansadamente. — Este crime parece ter agido como um ácido corrosivo em nossos corações. Você sabe que ele quer a adaga?

— Quê!

— Sim. Ele me lembrou daquele testamento que você assinou... Você se lembra, o testamento-piada.

— Eu me lembro, disse Wilde sentando na cama e fitando Nigel de modo inexpressivo através de seus óculos.

— Ele disse que você entenderia.

— O ponto de vista científico. Eu entendo. Que persistência terrível! Sim, acho que de certa forma eu compreendo, mas... Meu Deus!

— Eu entendo você. Tome um cigarro.

— Arthur! Chamou a Sra. Wilde do quarto além do banheiro. — Você já telefonou para lhes dizer a que horas vamos chegar hoje à noite? Eu gostaria que você não ficasse perambulando desse jeito.

— Já vou, querida, atendeu Wilde. Ele se apressou a voltar para junto da esposa, e Nigel, se perguntando se Ângela já teria voltado, saiu para o corredor. Encontrou-se com Alleyn no topo da escada.

— Eu estava procurando por você, anunciou o inspetor-chefe. — Você poderia vir um momento até o estúdio?

— Com prazer, respondeu Nigel em tom lúgubre. — Que há agora? Vai me dizer que já descobriu o assassino?

— Bem, para dizer a verdade, vou, foi a resposta de Alleyn.

* * *

Quinze

ALLEYN ESCLARECE AS COISAS

— Você está falando sério? Perguntou Nigel quando o detetive fechou a porta atrás deles.

— Sim, é verdade. Agora eu sei. Eu sabia há algum tempo, acho eu; mas muito embora se espere que um oficial da Yard não tenha psique, acho que muitas vezes há um momento dentro de um caso em que uma parte de nossa mente, de nossos sentimentos, de nossos sentidos, sabe o final, enquanto que todo o resto do cérebro treinado corta fora esse lado intuitivo. Sim, é assim que acontece às vezes.

— Quem é?

— Não é para deixá-lo no suspense que não respondo a isso de pronto. Quero que alguém ouça as evidências. Oh, temos repetido isso ad infinitum na Yard, é claro. Há um ou dois de nós que sabe o caso de cor. Mas quero me ouvir repetindo tudo para alguém que de nada saiba. Você será paciente, Bathgate?

— Está certo, só que, só Deus é quem sabe, não é fácil.

— Serei tão breve e impessoal quanto possível. O perfeito policial falando. Na manhã de segunda-feira, quando comecei a trabalhar neste caso, entrevistei os membros desta casa individualmente e, mais tarde, como você se lembra, em grupo. No término do nosso “julgamento”, eu dei uma busca exaustiva pela casa. A posição do corpo (que tinha sido tão mudada de dar raiva), da faca, da coqueteleira e do gongo me levou a deduzir que Rankin fora apunhalado pelas costas e por cima. Não é uma coisa fácil enfiar por trás uma faca num corpo de modo a fazê-la

varar o coração. Isso fora feito, e eu, como o Dr. Young, suspeitei de um certo conhecimento anatômico. Quem do grupo possuía tal conhecimento? O Dr. Tokareff. Por algum tempo a evidência apontou fortemente para o Dr. Tokareff, e o aspecto fantástico do motivo foi consideravelmente confirmado pelo assassinato de Krasinski pela mesma razão, a violação da adaga sagrada. Duas objeções me impediram de optar definitivamente pelo russo: a primeira, o fato de ser ele canhoto, a segunda, pela distância de seu quarto do palco do assassinato. Além disso, coligi que ele enfatizara ser desaconselhável tocar o corpo. Sua atitude, também, era difícil de se explicar. Ele não fez nenhuma tentativa no sentido de ocultar sua indiferença pela morte de Rankin e sua opinião de que ela foi um ato de justiça poética. Depois, voltei minha atenção para Rosamund Grant. Aqui tínhamos o velho motivo da mulher, não exatamente desprezada, mas abalada por completa desilusão com respeito ao homem que ela amava com paixão. Ela sabia do que havia entre Rankin e a Sra. Wilde. Tentara vê-lo, mentira sobre seus movimentos imediatamente antes do assassinato, e em minha entrevista com ela, foi extremamente insatisfatória. Tinha estudado Anatomia e dado no passado mostras de um temperamento violento e incontrolável. A descoberta da Srta. Ângela de uma pluma verde de suas chinelas no quarto de Rankin foi um acontecimento feliz para a Srta. Grant. Reduziu o fator tempo no seu caso para uma fração quase impossível. Depois Sir Hubert. Aqui o único motivo que eu pude descobrir foi a paixão do colecionador. Esta paixão pode se tornar uma doença, e não estou certo de que Sir Hubert não esteja sofrendo dela. Ele já chegou a extremos incríveis para aumentar sua coleção. Mas assassinato? E novamente o fator tempo. No seu caso, Bathgate, eu tendi muito para a culpa, mas a evidência da empregada foi irrefutável; além disso, você fumara dois cigarros enquanto estava em seu quarto. Você não estava endividado. Dinheiro é o motivo que se oculta atrás de todos os crimes, e no seu caso, lá estava ele: bom e bonito. Desisti de você com relutância. Bem, assim continuei. A Sra. Wilde, que, da cena que você e a Srta. Grant ouviram, se revelou num estado de sujeição histérica e relutante a Rankin, era muito baixa para ter cometido o crime. Seu

marido revelara uma interessante fobia sua por facas e lâminas de qualquer espécie. Ela tinha dívidas. Rankin deixou a seu marido 3.000 libras. Além disso, ela tirou o corpo um pouco da posição original, um ponto digno de nota. Mas era muito baixa. Isso me fez voltar à posição do atacante, e pus Bunce no lugar de Rankin e a mim de pé atrás dele, no pé da escada. Ficando de pé no degrau de baixo, eu não podia alcançá-lo, e estava certo de que a vítima estava de pé ao lado da bandeja de coquetel. Do assoalho, mesmo, eu mal podia conseguir reconstituir o golpe correto, indicado pela posição da adaga. Onde, então, tinha se colocado o atacante? Como tinha ele se chegado tão perto sem ser visto e ainda assim...! Sempre eu parecia terminar num beco sem saída. Eu tinha, é claro, apanhado todas as impressões digitais. Nós examinamos cada polegada da parede e do corrimão. O cabo da faca não apresentava impressões. Então, finalmente, fizemos outra descoberta. Entre o borrão confuso de marcas na ponta que fica na extremidade mais baixa do corrimão, havia as impressões leves, mas inegáveis, deixadas por duas mãos que o tinham segurado de cima. A mão esquerda estava moderadamente clara, mas a direita, num plano bem diferente. Era uma impressão curiosa, deixada por uma mão enluvada, cuja pressão tinha sido grande o bastante para mostrar as costuras reais da luva e em alguns lugares a indicação da espessura do couro. Eram impressões ruins, mas foram o suficiente para nos levar a concluir que foram deixadas pelas mãos esquerda e direita do mesmo indivíduo. Seu ângulo era estranho. Dava a ideia de alguém de costas para a escada, se curvando ao longo do corrimão num ângulo bastante esquisito. Uma atitude pouco provável, a não ser que... Alleyn fez uma pausa.

— Bem? Apressou-o Nigel.

— A não ser que a pessoa que deixou tais marcas estivesse sentada a cavalo sobre o corrimão, de frente para a parede. Alguém que tenha, por exemplo, escorregado pelo corrimão e chegado embaixo curvado pesadamente sobre a cabeça do corrimão. Uma pessoa que, se esticando, pudesse, dessa posição, ter apanhado a faca que estava pendurada na tira de couro na parede. Tal pessoa seria consideravelmente mais alta do que a vítima curvada. Nós reexaminamos ao longo do corrimão. No topo,

encontramos impressões similares que confirmavam a minha ideia de que o autor delas escorregara pelo corrimão com a cabeça em primeiro plano. Perguntei à Srta. Ângela se algum de vocês tinha se deliciado com este esporte ameno e ela me disse que não... Não neste fim de semana. Averigüei também que o Dr. Tokareff e a Sra. Wilde não eram bons no esporte. Isso não foi particularmente interessante, já que as impressões não eram de nenhuma dessas pessoas.

— Então de quem...?

— Depois voltamos nossa atenção para a borda externa da base do corrimão, a base de madeira na qual os pilares estão escorados. Aqui nós encontramos uma impressão, solitária e inconfundível, pois que Ethel, Mary e Cia. não se deram o trabalho de passar um espanador no corrimão. Estava incisiva no topo e apagada mais embaixo.

— Mas como pôde alguém enfiar suas mãos através dos trilhos do corrimão e por que faria isso?

— Não era uma marca de mão, mas de um pé descalço, um pé que tinha acabado de roçar a madeira quando seu dono escorregou pelo corrimão. E com essa descoberta, eu tive de reconstruir minhas teorias sobre o fator tempo. Isso me deu cerca de 10 segundos a mais para pensar a respeito. Uma ceninha vivida começou a tomar forma. Imagine, Bathgate. O hall está fracamente iluminado. Mary apagou quase todas as luzes, tendo mania por essa manobra. Ela se retirou e Rankin está curvado sobre a bandeja de coquetel, iluminado em cheio por uma lâmpada de parede. A escadaria está praticamente no escuro. Rankin está provavelmente misturando o resto do coquetel, se preparando para despejá-lo no copo. No topo da escada aparece um vulto escuro, semivestido. Pode estar usando uma camisola ou talvez apenas suas roupas íntimas. Uma luva está calçando sua mão direita. Há um leve barulhinho semelhante a um silvo, acobertado pelo agitar da coqueteleira, O vulto agora está montado na base do corrimão. Executa dois gestos rápidos e Rankin tomba para frente, batendo a cabeça no gongo. O vulto no corrimão se estica e alcança a chave geral. Depois, a escuridão total. Alleyn parou de falar.

— Bem, aventurou Nigel, entre brincalhão e vacilante, — Agora eu devo saber a resposta? Alleyn o fitou com um curioso ar de compaixão.

— Nem mesmo agora? Perguntou.

— De quem eram as impressões?

— Isso eu não vou dizer a você. Oh, creia, Bathgate, não se deve isso a nenhum desejo de fazer as vezes do misterioso detetive onipotente. Isso seria impossivelmente vulgar. Não. Não vou lhe contar porque ainda há um lugarzinho no meu cérebro que não aceita muito bem o QED do teorema. Há somente um pouco de evidência tangível nesse caso todo. A luva foi queimada, mas o fecho, o botão de pressão, foi recuperado. O miserável botãozinho serve de apoio para toda a estrutura do meu caso. Não é bastante. Sendo assim, resolvi fazer uma rara experiência, Bathgate. Vou pedir que o grupo de pessoas suspeitas fique nos observando fazer a reconstituição do assassinato. Um dos hóspedes deverá escorregar pelo corrimão e, num show mudo, reencenar a terrível cena. Quero que você, com as “observações que lhe ditarem a alma”, se for essa a frase, analise os demais. Sim, é a velha habilidade de Hamlet outra vez, e se ela der certo, espero que não tenha o resultado que teve com ele. Você fez alguns amigos aqui, não fez?

— Sim, respondeu Nigel surpreso.

— Então, receio que o resultado vá ser um choque para você. Por essa razão, não lhe contei tudo. Apreciei sua camaradagem, Bathgate, finalizou o inspetor-chefe com uma de suas curiosas mudanças no grau de formalidade às quais Nigel se tinha acostumado. — Talvez possamos ter uma conversa final... Depois.

— Faça questão, assegurou Nigel.

— Bem! Faça uma última coisa por mim. Você pode assumir o papel do assassino nesse jogo duplo e me ajudar a fazer essa figura encoberta se trair?

— Devo dizer... Começou Nigel friamente.

— Ah! Você não quer saber disso. É detestável para você. Eu detesto sentimentalismo ilógico. É tão presunçoso. Havia uma nota de amargura na voz de Alleyn que Nigel ainda não ouvira.

— Você não compreende... Começou ele.

— Acho que compreendo. Para você está tudo acabado. Rankin era seu primo; você já teve seu choque. Deve confessar, também, que se divertiu no seu papel ajudando a desmascarar um bando de russos loucos. Mas agora, quando um criminoso que está pronto... Inclusive com esquemas... Para deixar uma pessoa inocente levar a culpa, acontece de ser alguém que você conhece, você se torna impertinente e deixa a parte pior para a polícia. Muito compreensível. Daqui a poucos anos você estará num jantar comentando calmamente esse assassinato. Pena que você não possa escrever um artigo.

— Você é injusto, acusou Nigel com raiva.

— Sou? Bem, não briguemos. Você se incomodaria, talvez, de pedir a Bunce, que está lá fora na alameda, que se apresente a mim? Receio que seja essa a parte complementar do meu plano que você deverá testemunhar junto aos outros, a cena final. Seu trem parte em meia hora. Nigel caminhou para a porta.

— Avisarei Bunce. Prontificou-se.

— Obrigado, respondeu Alleyn com aparente cansaço.

— E, continuou Nigel bastante indefinido, — Ainda acho que você é injusto, Alleyn, mas se você quiser, se você me permitir... Farei o que você sugerir, para ajudar.

Por um instante, o sorriso singularmente charmoso de Alleyn iluminou seus olhos.

— Está bem, disse ele. — Desculpe-me! Estou muito nervoso no momento e realmente odeio assassinos. Talvez outra pessoa qualquer sirva, afinal. Traga-me aquela mosca varejeira e eu explicarei tudo.

Nigel encontrou Bunce olhando desconsolado para um crisântemo morto na beira do gramado.

— O Chefe Detetive-Inspetor Alleyn o chama no estúdio, anunciou Nigel, saboreando a sequência rítmica dos títulos e do nome.

— Oh! Exclamou Bunce, erguendo-se. — Obrigado, senhor. Já estou indo. Será um pouco de mudança depois dessas cercas de arbusto. Não sou um grande amante da natureza.

— Não?

— Não. É tudo muito a esmo para o meu gosto. Descuidada. Essa é a natureza. Bem, vou mudar de posição.

— Também vou, disse Nigel, e eles voltaram em silêncio para o estúdio. Alleyn estava de pé ao lado da lareira examinando um revólver. Fê-lo escorregar dentro do bolso.

— Bunce, ordenou energicamente, — Mantenha um homem guardando a porta da frente, daqui a 10 minutos, outro na sala-de-estar e um terceiro aqui. As pessoas da casa se reunirão depois no hall. Mantenha sua agudeza preparada e seus ouvidos bem abertos. Quando você me ouvir dizer: “Agora vamos começar”, entre no hall bem devagarinho e mantenha a pessoa sobre quem já lhe informei sob observação. Espero que não haja barulho, mas... Bem, quanto mais tranquilo, melhor. A prisão provavelmente deverá ser efetuada de imediato. A propósito, quero que você simbolize a vítima como fez durante a primeira reconstituição. Os olhos de Bunce se iluminaram.

— Muito bem, senhor. Batendo a cabeça no gongo, presumo eu?

— Sim, Bunce. Pode ficar com seu capacete, se preferir.

— Seria pouco artístico, não, senhor? Não sentirei a pancada, tal é o meu alvoroço.

— Como quiser. Muito bem, então, pode ir. Faça a disposição dos seus homens agora, certo? E não discuta coisa alguma. Está claro?

— Claríssimo, senhor, exclamou Bunce. Ele deu uma garbosa meia-volta e saiu pela porta.

— Agora, Bathgate, disse Alleyn, — Tenho de me assegurar de que todos estarão no hall em meia hora. Os carros estarão lá fora para levá-los à estação. A Srta. Ângela acabou de voltar, de modo que estaremos todos aqui... Com exceção dos russos, naturalmente. A propósito, Bathgate, você consegue deslizar por corrimões com a cabeça em primeiro plano?

— Não tenho certeza. Creio que sim.

— Bem, pode não ser necessário... Pouparei você, se puder. Você se incomodaria em tilintar esta sineta?

O chamado foi atendido pela onipresente Ethel.

— Você poderia chamar a Srta. North, Ethel? Pediu o inspetor. — Diga a ela, se não for muito inconveniente, para vir falar comigo um momento.

— Pois não, senhor. Ângela entrou como se a viagem a Londres lhe tivesse feito bem.

— Repus as cartas no lugar, com sucesso, anunciou, — Mas gostaria que o senhor não tivesse ficado com aquelas duas. Isso me faz sentir tão abominável. Onde estão elas?

— Na chefatura de polícia, esclareceu Alleyn. — Elas provaram ser de um valor considerável. E não há necessidade de se sentir tão abominável. Tudo o que a senhorita fez foi livrar a Sra. Wilde da indignidade de uma busca oficial em sua casa. Sua parte de obter as cartas jamais virá à tona.

— Não é bem esse o caso, objetou Ângela. — Fiz uma sujeira com Marjorie, mas se isso ajudou Rosamund...

— Isso ajudou a esclarecer a evidência de que precisávamos, declarou Alleyn com firmeza. Não posso ver nada mais importante que isso. Não posso sentir qualquer solidariedade para com a suscetibilidade incalculável de um leigo.

— O senhor não está muito humano esta manhã, disse Ângela vacilante.

— Bathgate também já me deu a entender isso. Se a senhorita sente remorsos em sua consciência por causa da Sra. Wilde, deve receber amplas oportunidades de ajudá-la. Ela tem alguma grande amiga?

— Não sei, respondeu Ângela nervosa. — Não creio realmente que tenha.

— Esse tipo de mulher geralmente não tem. É uma espécie de pavão sem rival.

— Nunca gostei do senhor, replicou Ângela com energia.

— Parece que sou, de um modo geral, pouco popular. Entretanto, isso, também, é irrelevante. Só pedi para vê-la por um momento para lhe dizer que eu ficaria muitíssimo agradecido se a senhorita pudesse reunir seus convidados e Sir Hubert, pela última vez, no hall. Talvez a senhorita possa sugerir que há tempo para um pequeno coquetel antes de irem tomar o trem.

— Decerto que sim, respondeu Ângela pomposamente. Alleyn se adiantou a Nigel para lhe abrir a porta. Ele a fitou de modo penetrante.

— A função de um policial não é nada agradável, disse com desagrado. — Este caso chegou a um ponto que eu acho invariavelmente quase intolerável. A senhorita se lembrará disso? Ângela se tornara pálida.

— Muito bem, disse ela. — Eu me lembrarei. E se retirou para cumprir sua incumbência.

— Agora, Bathgate, disse Alleyn, — Vá para o hall, fique quieto e não dê a impressão de que alguma coisa em particular vai acontecer. Lembre-se... Quero tantos testemunhos imparciais da reconstituição quanto possíveis. Dê o fora, pelo amor de Deus. A cigarra está tocando, as luzes da casa estão apagadas, o pano vai subir. Tomem seus lugares, senhoras e senhores, para o último ato.

* * *

Dezesseis

O CRIMINOSO É ACUSADO

O GRUPO de convidados estava reunido no hall de Frantock pela última vez. O grupo, as luzes, as roupas, os rostos, o ambiente, tudo era quase o que tinha sido no domingo anterior há menos de uma semana. Era a repetição do mesmo tema em tom menor, um tema menos rico, empobrecido pela falta do colorido da verve de Rankin e das vigorosas opiniões de Tokareff. A bandeja de coquetel estava no lugar de sempre. Ninguém de pé junto dela. Era como se o fantasma do morto erguesse lá uma barreira que melhor seria evitar.

Sir Hubert desceu as escadas lentamente e se reuniu a seus hóspedes. Parecia sentir a obrigação de apagar com suas palavras o silêncio abismal e fez penosas tentativas de conversa com Wilde e Nigel, que lhe responderam com monossilábico constrangimento. Os outros se mantinham calados. Os carros logo chegariam e eles se limitavam a esperar. A porta do estúdio se abriu e Alleyn penetrou no hall. Todos os olharam com desconfiança, unidos num profundo e sutil antagonismo. Em seus pensamentos, tão secretos para cada um, tinham, contudo, consciência do sentimento comum de inimizade para com o detetive. “Talvez”, pensou Nigel, “seja uma instintiva oposição animal à disciplina”. Esperaram o detetive falar. Ele caminhou para o centro da sala e os encarou.

— Posso pedir a atenção de vocês? Começou formalmente. — Fui obrigado a detê-los aqui durante o inquérito, uma demora de quatro dias que imagino tenha sido para muitos inconveniente, e para todos extremamente detestável. Esta restrição será suspensa agora, e em poucos minutos Frantock será deixada às suas próprias reflexões. Antes que partam, porém, decidi deixar que todos compreendam a teoria da polícia quanto à forma como foi cometido o homicídio.

Ele parou, e a estupefação de um silêncio mortal guardou o eco de sua voz. Depois de um momento, ele recomeçou a falar:

— O modo mais simples de me fazer entender claramente é reconstruir o mecanismo do crime. Para isso devo pedir sua ajuda. Precisaremos de suas pessoas para representarem os papéis de vítima e assassino, como a polícia os visualizou. Talvez alguém queira me oferecer essa ajuda.

— Não... Oh, não... Não, a voz da Sra. Wilde, aguda e fora de tom, os desconcertou por sua veemência.

— Tenha calma, querida, disse Arthur Wilde baixinho. — Está tudo bem. Será melhor para todos nós sabermos tudo o que o Inspetor Alleyn pode nos dizer. É principalmente nossa ignorância da teoria oficial que tem tornado este suspense intolerável.

— Concordo, Arthur, disse Handesley. E dirigindo-se a Alleyn: — Se eu puder ser de alguma ajuda, estou a sua disposição. Alleyn o olhou atentamente.

— Agradeço-lhe muitíssimo, Sir Hubert, mas acho que não lhe pediria para executar a curiosa manobra que eu julgo ser necessária. Quero um homem que possa escorregar pelo corrimão com a cabeça em primeiro plano.

— Receio não poder mesmo fazer isso, disse Handesley após longa pausa.

— Não. Talvez o senhor, Sr. Wilde?

— Eu? Disse Wilde. — Bem, minhas juntas estão ficando um pouco duras para esta espécie de exercício, inspetor.

— No entanto acredito que o tenha realizado antes, assim, se não se importa...

— Muito bem, concordou Wilde, e Nigel sentiu que Alleyn o estava dispensando de um papel na pantomima que ele tanto relutara em executar.

— Agora, prosseguiu Alleyn, — Farei com que o oficial que me auxiliou antes represente o Sr. Rankin, pois isso seria, talvez, uma obrigação demasiado dolorosa para impor a qualquer dos seus amigos. Você está aí, Bunce? Perguntou em voz alta. O oficial surgiu vindo do estúdio. — Coloque-se na posição em que ficou antes, por favor, pediu Alleyn. O oficial caminhou para a bandeja de coquetéis, apanhou a coqueteleira e se inclinou com as costas para a escada. — Obrigado, disse Alleyn, — Está bem assim. Agora, Sr. Wilde. É minha teoria que o assassino deslizou pelo corrimão, tirou a faca da tira de couro da parede com a mão direita, debruçou e atingiu seu alvo. Quer reproduzir seus movimentos dentro desse esquema?

— Parece um pouco fantástico, comentou Wilde em tom de dúvida.

— Parece, não? Vamos começar.

Outro silêncio e então Wilde vagarosamente subiu a escada. Dois homens tinham aparecido no hall, parados discretamente nas portas da sala-de-jantar e da de visitas. Um terceiro podia ser visto obscuramente através da porta de vidro na porta do vestíbulo. As luzes, com exceção de uma que da parede iluminava a bandeja de coquetéis, tinham sido apagadas.

— Qual é o procedimento, exatamente? A voz de Wilde soou queixosa na penumbra no alto da escada. Alleyn repetiu sua descrição. — Não sou um artista nisso, murmurou a voz.

— Não faz mal... Faça o melhor que puder. A figura esguia mal podia ser vislumbrada montando o corrimão. Começou a se mover muito lentamente na direção deles, os óculos brilhando um pouco no escuro.

— Não posso suportar isso! Gritou de repente uma voz de mulher. Era a Sra. Wilde. Nigel, com as mãos apoiadas na cadeira de Rosamund Grant, podia lhe sentir o tremor.

— Mais depressa! Urgiu Alleyn. Wilde, inclinado para trás e apertando o corrimão entre os joelhos, se deslocou rápido na direção da luz.

— Agora... Agora a faca, gritou Alleyn.

— Eu... Não... Entendo bem.

— Entende sim. Com sua mão direita. Alcance a tira de couro. Debruce-se... Mais. Agora... O senhor pegou a faca. Incline-se na outra direção. Observe-o, observe com cuidado. Incline-se sobre o corrimão, homem... Mas rápido... Rápido como relâmpago. Agora... Ataque-o. Faça como eu digo!

A figura deslizante moveu seu braço. Bunce caiu para frente. A clamorosa voz do gongo soou de novo, sinistra e intolerável. Através dela se ergueu alvoroçada a voz do detetive.

— Aí está... Aí está! Foi assim que aconteceu. Acendam todas as luzes. Não se mova, Sr. Wilde, o senhor está vestido agora, o senhor sabe. Luzes, Bathgate.

Nigel acendeu o candelabro central. O hall foi inundado por uma luz branca ofuscante. Wilde ainda estava montado no corrimão. Seu rosto suado brilhava, contorcido numa horrível careta. Um canto de sua boca se repuxou. Alleyn se dirigiu rapidamente para ele.

— Excelente, disse ele, — Apenas o senhor deveria ter sido mais rápido... E esqueceu uma coisa. Olhe aqui! Lançou subitamente uma luva de pelica amarela no rosto de Wilde. — É sua? Perguntou.

— Maldito! Exclamou Arthur Wilde.

— Prendam-no, ordenou Alleyn.

Nigel contemplava da janela do seu vagão um agrupamento de árvores que a cada instante parecia menor, e através de cujos ramos

revestidos de inverno transparecia o vivo do tijolo antigo. Uma fina espiral azul de fumaça subia de uma das chaminés, ondulando incerta e se espalhando como uma guirlanda sobre as árvores abaixo. Uma figura minúscula se movia no espaço aberto em torno da cama, onde Nigel tinha caminhado com Handesley. Já começara a escurecer e um tênue vapor pairava no alto do arvoredo.

— Adeus, Frantock, disse Alleyn. O trem penetrou veloz numa passagem e o quadro se tornou um sonho. — Para você, Bathgate, au revoir, eu suponho.

— Quem sabe? Murmurou Nigel, e o detetive não respondeu.

Por muito tempo nenhum deles falou. Alleyn escrevia em seu livrinho de notas. Nigel pensava confusamente em suas estranhas aventuras com Ângela. Por fim, de olhos na vidraça que rapidamente escurecia, ele fez sua pergunta:

— Quando você teve certeza que era ele? Alleyn empurrou um fio de tabaco dentro do bojo do cachimbo.

— Não sei, disse afinal. — Você sabe que foi você quem, desde o começo, me conduziu ao rumo certo?

— Eu? Que quer você dizer?

— Você não vê... Não vê? Você jurou repetidamente que durante os cinco minutos fatais você falou continuamente com Arthur Wilde. O mesmo fez aquela sua mulher, pobre tola! Ela não suspeitou dele... Estava aterrada por si própria. Oh, eu sei que você disse isso de boa-fé. Você pensou que ele tinha falado o tempo todo. Claro que pensou. Você tinha uma visão inconsciente de Arthur Wilde deitado em sua banheira, esfregando as orelhas. Você ouviu todos os sons apropriados: água espadanando, som de ensaboar, torneira correndo, e assim por diante. Se você pudesse ter visto!

— Visto?

— Visto através da parede. Se a parede tivesse sido transparente, como num palco. Se você tivesse visto Wilde entrar no banheiro usando aquela ridícula roupa de baixo de que Rankin tinha rido naquela mesma

tarde, como você me contou! Você o teria visto se inclinar sobre a banheira, abrir as torneiras, bater na água com as mãos e mover os lábios enquanto falava com você. Você teria visto aquela figurinha vergonhosa enxugar cuidadosamente as mãos, correr ao quarto de vestir da sua mulher e voltar com uma luva calçada. Ele deu uma exasperante busca pela mão esquerda da luva, mas em sua pressa, a empurrara pelo fundo da gaveta e ela tinha caído por um buraco do forro do velho móvel. Você teria ficado boquiaberto ao vê-lo abrir a porta e, talvez falando com você antes, espiar o corredor e então, no momento em que Ethel, a arrumadeira, entrou no quarto, se esgueirar para fora. Oito segundos depois, o gongo soou e o banheiro foi apagado pela escuridão, de modo que você não teria visto a figura voltar, arrancar as roupas e cair na banheira. Ele continuou falando com você enquanto lavava e lavava o corpo no caso de que algum sangue de Rankin o tivesse salpicado. Deve ter sido terrível esperar pelas luzes para ver se a luva estava manchada. Eu suponho que ele a meteu no bolso para esperar, quando mais tarde, a Sra. Wilde teve uma crise histérica na sala e vocês todos se agruparam em torno dela. Foi sua chance, eu diria para correr até o hall, meter a luva da mulher no fogo, e amontoar carvão em cima. O botão teria queimado com o resto se não tivesse caído por entre as grades para a bandeja de cinzas embaixo. Isso, com a mão esquerda da luva, foi minha única prova material. Ele manteve um perfeito sangue-frio. Até lembrou de dizer “Você é o cadáver” a alguém no corredor. Isso iria surgir com o resto da evidência e causou muito boa impressão.

— Por que ele fez isso? Perguntou Nigel.

— Ah, o motivo, ou melhor, os motivos. Primeiramente, dinheiro. A mulher de Wilde deve milhões a vários costureiros. Ele está sendo pressionado pelo senhorio, tem muitas outras dívidas grandes, e perdeu muito dinheiro com seu último livro. Ele sabia que Rankin ia lhe deixar 3.000 libras. Segundo, temos duas razões muito interessantes que levariam Wilde a receber bem, se não causar, a morte de Rankin. Ele odiava seu primo. Examinei detidamente suas relações no passado. Rankin dominava e ridicularizava Wilde quando estavam em Eton. Ultimamente, suas relações demonstravam uma mistura de pouco caso e

desprezo por parte de seu primo. Soube por empregados de clubes noturnos, por uma criada despedida, e por você, em seu relato sem malícia das brincadeiras no domingo, que Rankin flertava abertamente com a Sra. Wilde no nariz do supostamente calmo, tolerante e distraído marido. Ele lera as cartas de Rankin. Aqui eu tive um golpe de sorte. O maço de cartas que a Srta. Ângela apresentou a noite passada, eu examinei e testei esta manhã, procurando por impressões digitais. A Sra. Wilde não as tocava já há algum tempo, mas ele, sim, bem recentemente. Deve tê-la vigiado metódica e habilmente, e na certa não encontrou dificuldade em descobrir uma chave para a caixa Tunbridge. Possivelmente ela tinha alguma suspeita disso quando escreveu a sua velha costureira e confidente, pedindo que queimasse as cartas. É mais provável que ela tivesse ficado apavorada de que elas fossem encontradas e de várias formas a incriminassem. Eu diria que seu marido era um homem profundamente ciumento. Ele é extremamente esperto. Eu o observei com o mais vivo interesse desde o princípio. Seu desempenho do papel de testemunha conscienciosa em nosso julgamento simulado foi muito brilhante. Sua subsequente confissão amparada por seu álibi cuidadosamente preparado, foi um pouquinho sutil demais. Ele tentava usar aquele jogo de blefe que continua ad infinitum: “Se eu digo que matei, ele nunca me acreditará, ou irá supor que eu raciocinaria assim e, em consequência, vai suspeitar de mim; ou ele irá pensar também que eu inventei isso como um homem inocente, mas resolvido a salvar minha mulher, e não sou, portanto, culpado.”. Ele provavelmente chegou até esse ponto nesse caminho inútil e sem-fim e, num impulso, tomou sua decisão. Você entrou então lindamente com uma recapitulação do seu álibi e ele deu uma astuta impressão do pseudo mártir derrotado pelos fatos. A partir desse momento, eu estava certo dele, mas tinha de elucidar o elemento russo, e estruturar o caso. E que caso.

Alleyn ergueu suas longas pernas para o assento e fitou o porta-bagagem.

— Quando achei a mão esquerda da luva de pelica no fundo da cômoda no quarto dela e descobri que o botão correspondia ao que eu tinha tirado da grelha do hall, soube que estava na pista certa. Se ele tivesse usado as duas luvas e destruído ambas, deixando apenas os botões meio queimados, eu os teria identificado e talvez tivesse sido levado a suspeitar de sua esposa. Mas a mão esquerda da luva foi perdida por trás da gaveta e a marca da mão esquerda estava no corrimão.

— Conseguirão condená-lo?

— Como posso saber? Lembre-se de que ele já confessou uma vez.

— Puxa, é verdade! Que amarga ironia! Mas me parece que um advogado hábil...

— Oh, é bem possível. Contudo, o que dirão todos vocês, sob juramento, quando interrogados sobre o seu comportamento agora mesmo em minha reconstituição?

— O menos possível.

— E como responderá Rosamund Grant quando for chamada a revelar, sob juramento, se contou a Wilde sobre a infidelidade de sua esposa?

— Ela fez isso?

— Estou certo que sim. Ela fez uma caminhada com Wilde um dia após ter ouvido o diálogo entre Rankin e a Sra. Wilde. A filha do jardineiro passou por eles e notou que ela parecia muito agitada. Acredito que tenha se arrependido disso e ido contar tudo a Rankin em seu quarto naquela noite. A acusação certamente insistirá nesse ponto e perguntará por que ela não quis prestar contas de seus movimentos. Ela estava com medo de Wilde, com certeza.

— Será horrível, previu Nigel.

— Não será agradável mas ele não é do tipo que possa ser deixado em liberdade.

O trem os arremessou através de uma infinidade de ruas de subúrbio. Alleyn se ergueu e começou a vestir o sobretudo.

— Você é uma criatura extraordinária, disse Nigel de repente. — Você me pareceu tão sensível como qualquer um de nós até um momento antes da prisão ser feita. Seus nervos pareciam estar tensos, pelo menos. Eu diria que você estava detestando tudo aquilo. E agora, uma hora mais tarde, você externa desumanos lugares-comuns a respeito de tipos, você é um camarada estranho.

— Devagar, garoto! Isso são modos de falar com gente importante? Que tal jantar comigo amanhã?

— Claro, eu gostaria, mas não posso. Vou levar Ângela a um show.

— Isso é namoro?

— Vá para o inferno!

— Bem, eis-nos em Paddington.

Fim